

Leticia Fernandes Malloy Diniz

**O homem-ilha, o arquipélago e o mar bravio:**  
velhice e insulamento em *Diario de la guerra del cerdo*, de  
Adolfo Bioy Casares

Belo Horizonte  
2013

Leticia Fernandes Malloy Diniz

**O homem-ilha, o arquipélago e o mar bravio:**  
velhice e insulamento em *Diario de la guerra del cerdo*, de  
Adolfo Bioy Casares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Teoria da Literatura

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora: Professora Doutora Haydée Ribeiro Coelho

Belo Horizonte  
2013

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

B616d.Yd-h      Diniz, Leticia Fernandes Malloy.  
O homem-ilha, o arquipélago e o mar bravio [manuscrito] :  
velhice e insulamento em Diário de la guerra del cerdo, de Adolfo  
Bioy Casares / Leticia Fernandes Malloy Diniz. – 2013.  
108 f., enc.

Orientadora: Haydée Ribeiro Coelho.

Área de concentração: Teoria da Literatura.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 102-108.

1. Bioy Casares, Adolfo, 1914-1999. – Diário de la guerra del cerdo – Crítica e interpretação – Teses. 2. Velhice na literatura – Teses. 3. Memória na literatura – Teses. 4. Conflito de gerações – Teses. 5. Isolamento social na literatura – Teses. 6. Idosos – Teses. 7. Velhice – Aspectos Sociais – Teses. 8. Juventude – Aspectos sociais – Teses. I. Coelho, Haydée Ribeiro. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: Ar863.42

## **Agradecimentos**

À professora Haydée Ribeiro Coelho, pela orientação dedicada e paciente ao longo destes últimos cinco anos de vida acadêmica.

A Derli, querida mãe, pelo baluarte que é.

Ao André, pelo amoroso companheirismo de todas as horas.

À professora Gláucia Renate Gonçalves, que me abriu as portas ao estudo da velhice em textos literários.

Aos professores Élcio Loureiro Cornelsen, Elisa Maria Amorim Vieira e Marcus Vinicius de Freitas, pelas aulas inesquecíveis e fundamentais a minha formação acadêmica.

Às professoras Marcela Croce, da Universidad de Buenos Aires, pela cordial recepção na capital argentina, e Noemí Ulla, pela agradável conversa sobre a vida e a obra de Adolfo Bioy Casares.

À CAPES, pela possibilidade de dedicação integral ao Mestrado.

*Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: 'Afinal de contas quem sou eu?' Ah, este é o grande enigma!*

Lewis Carroll, em *Aventuras de Alice no país das maravilhas*

*Eu queria que os outros dissessem de mim: Olha um homem! Como se diz: Olha um cão! quando passa um cão; como se diz: Olha uma árvore! quando há uma árvore. Assim, inteiro; sem adjetivos, só de uma peça: Um homem!*

José Sobral de Almada Negreiros, em *A invenção do dia claro*

*A humanidade carece de rótulos para compreender as coisas. Falando de modo geral, a humanidade não compreende as coisas, compreende os rótulos.*

Mário de Andrade, em *Pau Brasil, Sans Pareil, Paris, 1925*

*Se não, o senhor me diga: preto é preto? branco é branco? Ou: quando é que a velhice começa, surgindo de dentro da mocidade.*

João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*

## Resumo

Esta dissertação discute os temas da velhice e do insulamento no romance *Diario de la guerra del cerdo* (1969), de Adolfo Bioy Casares. Para tanto, analisam-se textos críticos relacionados à escrita criativa daquele escritor argentino de modo a subsidiar uma proposta de investigação que, para além do desenvolvimento de um estudo restrito a um conflito geracional, evidencie a importância do problema da insularidade no romance. A fim de promover reflexões sobre o tema do insulamento, dialoga-se com as teorizações de Vilém Flusser a propósito da *Bodenlosigkeit* – atestado da falta de fundamento, ausência de chão – e de Osman Lins acerca do “ilhamento”. A análise da senescência é promovida por meio de aproximações entre a interpretação do texto literário e perspectivas teóricas como as de Simone de Beauvoir, a respeito da velhice, e de Michel Foucault, no que toca à microfísica do poder.

**Palavras-chave:** velhice; insulamento; conflito geracional; homem-ilha; Adolfo Bioy Casares

## Abstract

This paper discusses old age and insularity as themes that are encompassed in the novel *Diario de la Guerra del cerdo* (1969), written by Adolfo Bioy Casares. For such purpose, the study analyses reviews about literary works published by that Argentine writer, so as to enforce an investigation proposal that, going beyond the exam of a generation conflict, aims at casting light on the issue of insularity. In order to reflect upon insularity, this paper establishes dialogues between the plot of the novel and theories developed by Vilém Flusser, concerning *Bodenlosigkeit* – lack of ground –, and Osman Lins, relating to insularity – “ilhamento”. The analysis of the ageing process occurs as the interpretation of the novel is combined with theoretic perspectives like the ones about old age, developed by Simone de Beauvoir, and the microphysics of power, by Michel Foucault.

**Keywords:** old age; insularity; generation conflict; island-man; Adolfo Bioy Casares

## Sumário

Introdução	9
1. Um homem-ilha: o insulamento do idoso em <i>Diario de la guerra del cerdo</i>	16
1.1 À procura de ilhas: de perspectivas críticas à constituição de uma proposta de análise	16
1.2 Diários de naufragos: o velho como sujeito da enunciação	22
1.3 Um homem-ilha: <i>don</i> Isidro ensimesmado	32
2. O arquipélago: relações interpessoais em tempos de <i>guerra</i>	47
2.1 O envelhecimento no espaço privado: relações familiares	47
2.2 O amor em zona de conflito: poder e sexualidade na velhice	56
2.3 O arquipélago: precariedade na articulação entre idosos	66
3. O mar bravio: <i>Jóvenes Turcos</i> e os efeitos do tempo	78
3.1 A difusa face do inimigo	78
3.2 Velhos em devir: o tempo como vencedor	92
Considerações finais	98
Referências	102

## Introdução

Em 1986, quando contava sete anos de idade, ganhei de minha mãe um presente que se encontra entre meus pertences até os dias atuais. Trata-se do livro *Bem do seu tamanho*, de Ana Maria Machado. Segundo lugar no Prêmio Fernando Chinaglia em 1979 e considerado, em 1980, “Altamente Recomendável para Crianças” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o livro apresenta a jornada da menina Helena em busca de uma resposta sobre seu exato tamanho – algo como “muito grande”<sup>1</sup>, “pequeninha”<sup>2</sup>, “bem grandinha”<sup>3</sup> ou “muito pequena”<sup>4</sup>. Segundo Marina Quintanilha Martinez, *Bem do Seu Tamanho* “[...] aborda o problema da relatividade da dimensão do eu, a dificuldade de precisar e definir cada ser humano, como ser relacional.”<sup>5</sup>

É razoável supor que a indagação sobre a precisa medida dos seres tenha sido levantada – de maneiras mais ou menos inquietantes – em algum momento da infância da maioria de nós. Afinal, como no caso da perspicaz Helena, temos uma importante parcela de nossas identidades esboçadas, desde cedo, a partir de relações entabuladas com os pais, os avós, os irmãos mais velhos e mais novos, os amigos, os objetos domésticos, as tarefas e brincadeiras permitidas e, também, com as atividades apenas imaginadas, próprias de um futuro em que seríamos mais velhos e aptos a desempenhá-las.

Durante a infância, é lícito almejar, a exemplo do que faz Helena, um valor de grandeza capaz de conciliar os aspectos físico, psíquico, emocional, social, cultural, histórico e econômico que participam do desenvolvimento de cada indivíduo. Ao combinar tantas nuances, tal valor de grandeza poderia oferecer respostas categóricas e apaziguadoras sobre a extensão de cada um. É interessante observar que a busca por respostas classificatórias dos estágios da existência pode se estender à vida adulta, ensejando a elaboração de categorizações como a que se apresenta no texto enciclopédico *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, compilado no século XIII e citado por Philippe Ariès. Segundo o texto do período medieval, “[...] as idades correspondem aos planetas, em número de 7”<sup>6</sup>: inicialmente, tem-se a infância, que “[...] começa quando a criança nasce e dura até os sete

---

<sup>1</sup> MACHADO. *Bem do seu tamanho*, p. 5.

<sup>2</sup> MACHADO. *Bem do seu tamanho*, p. 6.

<sup>3</sup> MACHADO. *Bem do seu tamanho*, p. 11.

<sup>4</sup> MACHADO. *Bem do seu tamanho*, p. 11.

<sup>5</sup> MARTINEZ. Parecer da Comissão Julgadora do Prêmio Fernando Chinaglia de 1979. In: MACHADO. *Bem do seu tamanho*, contracapa.

<sup>6</sup> GLANVILLE *apud* ARIÈS. *História social da criança e da família*, p. 36.

anos”<sup>7</sup>, seguida da *pueritia*, que se estende “[...] até os 14 anos”<sup>7</sup>. Em seguida, o indivíduo experimenta a adolescência, que pode ir “[...] até os 30 ou 35 anos”<sup>7</sup>, e a “[...] juventude, que está no meio das idades [termina aos 45 anos], embora a pessoa aí esteja na plenitude de suas forças”<sup>7</sup>. A quinta fase corresponderia à senectude, que “[...] está a meio caminho entre a juventude e a velhice” e também recebe a denominação de “[...] gravidade, porque a pessoa nessa idade é grave nos costumes e nas maneiras”<sup>7</sup>. Posteriormente, dá-se a chegada da velhice, que perdura até os 70 anos e pode se desdobrar em uma sétima fase da existência, denominada *senies*, na qual “[...] o velho está sempre tossindo, escarrando e sujando [...], até voltar a ser a cinza da qual foi tirado.”<sup>8</sup>

Determinações quantitativas como a constante de *Le Grand Propriétaire de toutes choses* foram compostas e reformuladas ao longo do tempo, apresentando variações orientadas por contingências históricas distintas. Entretanto, admitindo-se a impossibilidade de que uma qualificação certa e definitiva das fases da vida seja elaborada, resta a cada sujeito conviver com a angústia sobre a relatividade de seu “tamanho”, sentimento que emerge na infância e perdura existência afora até a idade madura. Em estudo sobre o tema da longevidade na literatura brasileira, Carmen Lucia Tindó Secco afirma que, na velhice, aquela angústia chega a assumir dimensões maiores que as verificadas na juventude:

o exílio dos anos, provocado por civilizações que rejeitam o velho, aumenta a solidão, porém esta, povoada por um lastro de experiências, torna a crise da velhice mais aguda que a da adolescência, pois, ao contrário desta, não pára no circuito narcísico da procura da identidade, mas estilhaça a própria imagem, fazendo o idoso enfrentar o vazio que se esconde atrás da máscara das rugas. O adolescente se debate e se angustia, contudo espera conquistar um lugar no futuro; o ancião, geralmente, sente-se triste, por pensar “não poder lutar mais por espaço algum”.<sup>9</sup> (*grifo nosso*)

A angústia precitada, que se fez verificar na obra lida em minha infância, foi revisitada a partir do enredo de outro texto literário, conhecido já na idade adulta: *Diario de la Guerra del Cerdo*, do escritor argentino Adolfo Bioy Casares<sup>10</sup>. Nessa narrativa romanesca, publicada em 1969, a reflexão de natureza existencial parte não de crianças, mas

<sup>7</sup> GLANVILLE *apud* ARIÈS. *História social da criança e da família*, p. 36.

<sup>8</sup> GLANVILLE *apud* ARIÈS. *História social da criança e da família*, p. 37.

<sup>9</sup> SECCO. *Além da Idade da Razão: longevidade e saber na ficção brasileira*, p. 37.

<sup>10</sup> Convém lembrar, já às primeiras linhas deste estudo, que Adolfo Bioy Casares (1914-1999) é autor de romances, livros de contos e ensaios. Bioy também escreveu em coautoria com a esposa, Silvina Ocampo, e com o amigo Jorge Luis Borges. Desta última parceria, resultaram obras como *Seis problemas para don Isidro Parodi* (1942) e *Dos fantasías memorables* (1946), publicados sob o pseudônimo de H. Bustos Domecq, e *Un modelo para la muerte* (1946), escrito sob o pseudônimo de B. Suárez Lynch. Em texto sobre o panorama histórico da literatura argentina, Noé Jitrik afirma que Bioy, Ocampo e Borges formaram uma espécie de tríade da qual resultou, por exemplo, a publicação de *Antología de la literatura fantástica* (1940). Cf. JITRIK. *Panorama histórico de la literatura argentina*, p. 230.

de idosos. O protagonista Isidoro Vidal – *don* Isidro – e seus amigos, que se autodenominam *muchachos*<sup>11</sup>, veem-se confrontados com a superveniência da idade madura e têm sua rotina atravessada pela animosidade vinda de jovens, que tomam por indesejável a presença da velhice no espaço da cidade de Buenos Aires. Interpelado pelo meio, o grupo de amigos idosos é levado à formulação de indagações aflitivas sobre aspectos que participam da caracterização daquelas mesmas personagens. Em linhas gerais, é possível enumerar as seguintes questões que perpassam o enredo: já sou idoso? Sou tão idoso assim? Ser velho é inconveniente e repulsivo? Por que a um idoso não é mais admissível fazer isso ou aquilo? A velhice implica o isolamento em relação à dinâmica social?

Cumprido observar que, de maneira geral, questionamentos dessa ordem podem surgir espontaneamente nas dinâmicas firmadas entre o idoso e os grupos familiar e social a que pertence. Porém, em situações específicas de turbacão das relações quotidianas, provocadas pela discriminação e pela violência – tal como é verificado em *Diario de la guerra del cerdo* –, aquelas indagações sobre a velhice podem ganhar maior relevo e passar para o rol das discussões emergenciais. Envoltas em uma atmosfera opressiva, as personagens idosas são deslocadas à condição de alvos das manifestações hostis e ataques físicos empreendidos por uma organização denominada *Jóvenes Turcos*.

Ao longo da narrativa, a delimitação das categorias de agressor e vítima é esboçada, mas, continuamente, escapa aos olhos do leitor. Com efeito, as relações entre opressor e oprimido ocorrem por meio da fluidez dos conceitos de juventude e velhice. Se o “tamanho” de cada um é impreciso, quem está passível de ataques e quem não está? Quem já é idoso e quem não o é? O texto de Adolfo Bioy Casares não oferece respostas a essas e outras perguntas. A dificuldade para definir quem pode ser vítima é pareada à impossibilidade de apontar as faces e origens claras dos agressores, assim como as razões de suas condutas. Nenhum dos aspectos do conflito converge a uma explicação única, o que contribui para a construção de um enredo de tessitura complexa.

Para proceder a uma investigação sobre *Diario de la guerra del cerdo*, visitei, inicialmente, a página eletrônica onde se encontra o Banco de Teses do Portal da Capes. Naquele sítio, verifiquei a existência de apenas uma tese e quatro dissertações relativas à escrita criativa de Adolfo Bioy Casares. Quatro trabalhos possuem *A invenção de Morel*

---

<sup>11</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 9. Utiliza-se, nesta passagem, a edição de 2005 publicada em Buenos Aires pela Emecé.

como objeto de estudo<sup>12</sup>, ao passo que um diz respeito às relações entre literatura e ambientes midiáticos nos textos literários de Adolfo Bioy Casares<sup>13</sup>. Além da existência de poucos trabalhos acadêmicos relativos à obra casareana, pude constatar que boa parte dos textos daquele escritor não foi traduzida para o português e que a produção crítica brasileira ainda é incipiente, tendo em vista a importância do escritor no panorama da literatura hispano-americana. A fim de realizar um levantamento de textos literários de Bioy Casares e, também, de textos críticos relacionados à obra do autor, visitei, em setembro de 2011, a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires – UBA e o Instituto de Literatura Argentina. Na oportunidade, tive acesso a livros de contos e romances casareanos não traduzidos para o português, textos críticos, entrevistas concedidas pelo escritor e biografias escritas a seu respeito.

A seleção de importante material de pesquisa encontrado nas instituições citadas e, também, junto a livrarias e sebos portenhos, permitiu que eu elegesse, como ponto de partida do presente estudo, o exame de textos críticos que apresentassem considerações de ordem geral sobre os romances e contos de Adolfo Bioy Casares e, ainda, textos críticos relativos especificamente a *Diario de la guerra del cerdo*. Tais leituras preliminares evidenciaram que as ponderações críticas acerca do romance selecionado para análise são pouco expressivas se comparadas ao número e ao nível de aprofundamento dos estudos concernentes a outros romances casareanos, como *A invenção de Morel* (1940) e *Plano de evasão* (1945). Percebi, ademais, que observações sobre *Diario de la guerra del cerdo* restringiam-se ao exame do conflito geracional presente no romance, como é o caso de interessante e sucinta análise realizada por Enrique Anderson Imbert que, em *Nuevos Estudios sobre Letras Hispanas*<sup>14</sup>, dedica-se, especificamente, ao exame de *Diario de la guerra del cerdo*, relacionando-o a romances que também problematizam a oposição entre jovens e velhos, como *The*

<sup>12</sup> Os trabalhos são os seguintes: LEITE, Afonso C. L. *Articulação do Simulacro na Invenção de Morel*. 01/08/2008. 1 v. 114 p. Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia – Letras; CORREIA, Almir. *Pequena Viagem pelas poéticas nos meios de tecnológicos*. 01/12/1998. 1 v. 106 p. Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina – Letras; GIASSONE, Ana Cláudia A. M. *Morus, Moreau, Morel*. A ilha como espaço da utopia. 01/11/2003. 1 v. 324 p. Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Letras (Ciências da Literatura) e HEREDIA, Kênia A. *Literatura e cinema: no percurso da ex-tradição*. 01/11/2004. 1v. 102 p. Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais – Estudos Literários. Disponíveis em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Pesquisa.do?jsessionid=92B55BA0F9FD30FD40D68B670C8C8736?autor=&tipoPesqAutor=T&assunto=adolfo+bioy+casares&tipoPesqAssunto=T&ies=&tipoPesqIes=T&nivel=&anoBase=>>> Acesso em: 01 mar 2010.

<sup>13</sup> Trata-se do seguinte estudo: ALVES, Dirceu M. *Artifício e presentificação: a comunicação do fantástico*. 01/10/2004. 1v. 144 p. Mestrado. PUC-SP – Comunicação e Semiótica. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Pesquisa.do?jsessionid=92B55BA0F9FD30FD40D68B670C8C8736?autor=&tipoPesqAutor=T&assunto=adolfo+bioy+casares&tipoPesqAssunto=T&ies=&tipoPesqIes=T&nivel=&anoBase=>>> Acesso em: 01 mar 2010.

<sup>14</sup> IMBERT. *Nuevos estudios sobre letras hispanas*, pp. 20-29.

*destructors*, de Graham Greene, publicado em 1904, e *Cacciatori di vecchi*, de Dino Buzzati, publicado no ano de 1966.

À semelhança da análise desenvolvida por Imbert, optei por elaborar um estudo que tomasse por foco a velhice marginalizada. Levando-se em consideração, entretanto, que um exame restrito à senescência e a conflitos geracionais seria insuficiente e acabaria por repetir constatações apresentadas em investigações críticas já desenvolvidas, esta dissertação se dedica à análise da violência contra a velhice articulando-a a outro tema, verificado com importante constância em romances e contos de Adolfo Bioy Casares: trata-se do tema do insulamento, físico e metafórico. A procedência quanto à delimitação desse tema foi corroborada, especialmente, pela abordagem encontrada no ensaio *Elena Garro y Adolfo Bioy Casares: dos islas en fuga*, de Javier de Navascués<sup>15</sup>, em que o tema do insulamento é examinado a partir da análise de contos casareanos. O fato de o ensaio publicado por Navascués não tratar da questão do insulamento em *Diario de la guerra del cerdo* encorajou a elaboração da proposta de que se origina esta dissertação e motivou o estabelecimento de um diálogo com a perspectiva desenvolvida por aquele crítico. É importante ressaltar que esta dissertação apresentará uma leitura do insulamento que guarda importantes diferenças em face do ponto de vista de Javier de Navascués, consoante explicitado no primeiro capítulo.

A justificativa para a escolha do tema do insulamento enquanto objeto de análise deste estudo é pormenorizada na seção inicial do primeiro capítulo, no qual são desenvolvidas considerações acerca de outras abordagens críticas, para além daquelas de Imbert e Navascués. Uma vez expostos os aspectos propulsores da opção pela análise do insulamento, passa-se, ainda no primeiro capítulo, à dissertação sobre narrativas históricas e literárias em que o idoso é apresentado como sujeito de enunciação, contrariando as tendências de coadjuvação e marginalização daquela faixa etária. A partir de reflexões sobre a senescência como lugar de enunciação, tecem-se considerações sobre o estatuto do narrador de *Diario de la guerra del cerdo*, recorrendo-se, para tanto, a teorias desenvolvidas por Gerard Genette<sup>16</sup> e Phillippe Lejeune<sup>17</sup>. Aliando-se o tema da velhice ao do insulamento, discorre-se, posteriormente, sobre a caracterização e as experiências vividas por *don Isidro*, protagonista do romance estudado.

---

<sup>15</sup> NAVASCUÉS. *Elena Garro y Adolfo Bioy Casares: dos islas en fuga*, pp. 303-309.

<sup>16</sup> GENETTE. *Discurso da narrativa*.

<sup>17</sup> LEJEUNE. *O Pacto Autobiográfico*. De Rousseau à Internet.

O exame do insulamento em *Diario de la guerra del cerdo* será realizado mediante diálogo com a perspectiva filosófica desenvolvida por Vilém Flusser, especificamente no que toca às considerações sobre aquilo que o filósofo tcheco-brasileiro denomina *Bodenlosigkeit* ou “atestado da falta de fundamento”<sup>18</sup>. Tal conceito será apresentado no primeiro capítulo deste estudo de maneira articulada à discussão interpretativa do romance estudado, sendo retomado no segundo capítulo quando da referência à morte de Isidorito, filho de *don* Isidro. À guisa de orientação conceitual que possa ser perfilada à *Bodenlos* flusseriana e que, de modo suplementar, sirva ao exame de um estado insular distinto, recorre-se ao conceito de “ilhamento” ou “insulamento” desenvolvido por Osman Lins em estudo sobre a obra de Lima Barreto<sup>19</sup>, como poderá ser observado nos dois primeiros capítulos desta dissertação. A adoção dessas abordagens diferentes em face do tema do insulamento é motivada pela expectativa de ampliação do horizonte de análise de *Diario de la guerra del cerdo*. Afinal, como será demonstrado, uma personagem pode pender a uma atitude semelhante à da *Bodenlos* ou possuir similaridades com o “ilhamento” a que se refere Osman Lins.

Realiza-se, no segundo capítulo, o exame da narrativa romanesca a partir das relações interpessoais estabelecidas por Isidoro Vidal com seu filho Isidorito, com seus amigos – os *muchachos* – e com a jovem Nélide. Para tanto, busca-se contemplar a análise de outros dois eixos temáticos que perpassam a obra: a memória e as relações de poder. Cabe ressaltar que os referidos eixos temáticos também se encontram no primeiro e terceiro capítulos. Com isso, busca-se conferir às seções desta dissertação um modelo organizacional assemelhado à estrutura de vasos comunicantes. À luz desse mesmo critério de porosidade, as teorizações encontram-se intercaladas ao processo de interpretação do texto literário estudado. No segundo capítulo, sobrelevam-se em importância considerações teóricas desenvolvidas por Michel Foucault, a propósito do estabelecimento de relações de poder<sup>20</sup> e sobre o tema da sexualidade<sup>21</sup>, e por Simone de Beauvoir, voltadas à marginalização da velhice<sup>22</sup>.

No terceiro capítulo, desenvolvem-se reflexões sobre os sujeitos e as instâncias responsáveis pelas agressões empreendidas contra os idosos durante a *guerra al cerdo*. Para isso, são estabelecidas relações dialógicas entre eventos históricos e narrativa literária.

<sup>18</sup> FLUSSER. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 19.

<sup>19</sup> LINS. *Lima Barreto e o espaço romanesco*.

<sup>20</sup> FOUCAULT. *Microfísica do poder*.

<sup>21</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade*.

<sup>22</sup> BEAUVOIR. *A velhice*. A realidade incômoda.

Ademais, interpretações do romance em análise são cotejadas à perspectiva teórica de Louis Althusser, relativa aos “aparelhos ideológicos de Estado”<sup>23</sup>, e à de Pierre Bourdieu, concernente ao “poder simbólico”<sup>24</sup>. Reverberando a fluidez das considerações sobre quem é idoso na narrativa, e, via de consequência, sobre quem pode ser vitimado pelas ações dos *Jóvenes Turcos*, objetiva-se evidenciar a imprecisão dos contornos da face inimiga, assim como a nebulosidade na qual estão envolvidos os propósitos em que se fundamenta a hostilidade aos mais velhos.

A partir do desenvolvimento de uma análise na qual a velhice e o insulamento são tratados de maneira articulada e relacionados às perspectivas teóricas referidas acima, objetiva-se realçar a complexidade temática de *Diario de la guerra del cerdo*. Questiona-se, com isso, o fato de tal romance ter recebido, por parte da crítica literária, uma atenção menor que a conferida a outros romances e a contos casareanos. A percepção de que investigações dedicadas àquele romance têm despontado de maneira menos expressiva que exames voltados, por exemplo, a *A invenção de Morel* e a *Plano de evasão* é corroborada por Trinidad Barrera, segundo o qual *Diario de la guerra del cerdo* “[...] es probablemente la [novela] que ha pasado más desapercibida por la crítica, yo diría que por su temática. En ella se plantea lúcidamente el conflicto generacional, desde la óptica de la vejez”<sup>25</sup>. Busca-se, destarte, adotar um ponto de vista distinto do explicitado por Barrera, já que a velhice e o conflito entre gerações serão analisados, sem, contudo, esgotarem as possibilidades de reflexão sobre o romance.

---

<sup>23</sup> ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*.

<sup>24</sup> BOURDIEU. *O poder simbólico*.

<sup>25</sup> BARRERA. *Adolfo Bioy Casares, la aventura de vivir*, p. 349. “É provavelmente o romance que mais passou despercebido pela crítica, eu diria que por sua temática. Nele se enfoca lucidamente o conflito geracional, sob a óptica da velhice.” (*tradução nossa*)

## 1. Um homem-ilha: o insulamento do idoso em *Diario de la guerra del cerdo*

### 1.1 À procura de ilhas: de perspectivas críticas à constituição de uma proposta de análise

Em 1940, Adolfo Bioy Casares publicou o romance *A invenção de Morel*, considerado perfeito por Jorge Luis Borges<sup>26</sup> e aclamado pela crítica como sua obra-magna. Naquele texto, um condenado à prisão perpétua pela justiça venezuelana empreende fuga rumo a uma ilha deserta localizada no oceano Pacífico. A ilha, evitada pelos demais por ter sido o local de uma suposta epidemia, afigura-se como o espaço onde o condenado estará livre de perseguições. Em tal refúgio, a personagem encontra um curioso maquinário que havia gravado, de forma tridimensional, momentos da existência de um grupo de homens e mulheres que um dia lá estiveram. Construído por um certo Morel, o aparato reproduz, indefinidamente, cenas vividas por aquele grupo. Os espectros ali projetados remetem ao desejo de vencer os efeitos do tempo e de sobrepujar a finitude da condição humana.

A investida contra a passagem do tempo com vistas a uma existência perene consiste em ponto de relevo na obra casareana, como pode ser lido em *Los mitos y los dioses: Adolfo Bioy Casares y sus temas fundamentales*, de Bernardo Ruiz<sup>27</sup>. O estudo de Ruiz, agraciado com uma menção honrosa no Prêmio Nacional de Ensaio José Revueltas (México, 1978), apresenta de forma sistematizada os temas constantes dos romances e contos do escritor argentino. Além da busca da imortalidade, listam-se como temas a repetição de eventos, subordinados à lógica de um tempo circular; o viver entre sonho e vigília; a polarização entre ciência e magia; a comunicação e a transmigração de almas; a teofania e, ainda, a amizade capaz de compreender e relevar as debilidades do outro.<sup>28</sup>

É curioso que o tema do insulamento, tão problematizado nos contos e romances de Adolfo Bioy Casares quanto a mortalidade humana, não tenha recebido destaque no premiado texto de Bernardo Ruiz. O autor alude ao insulamento somente em duas ocasiões. Na primeira, são mencionadas as implicações de uma experiência de clausura vivida por alguns viajantes, personagens do conto “Clave para un Amor”: “Una noche se pierden unos

---

<sup>26</sup> BORGES. Prólogo, p. 10. Publicado originalmente em 1940.

<sup>27</sup> RUIZ. *Los mitos y los dioses: Adolfo Bioy Casares y sus temas fundamentales*.

<sup>28</sup> RUIZ. *Los mitos y los dioses: Adolfo Bioy Casares y sus temas fundamentales*, *passim*.

jóvenes en la montaña. Hay una tormenta de nieve. El albergue y sus alrededores quedan aislados. Los huéspedes escuchan una extraña música. La soledad los afecta extrañamente: sus caracteres esenciales se agudizan sobremanera.”<sup>29</sup> A segunda passagem encontra-se no capítulo voltado à análise de *A invenção de Morel*. Neste caso, o insulamento não é estudado por si mesmo, mas associado à perseguição da imortalidade: “*La invención de Morel* es una aventura, la del infinito; la aventura del hombre perseguido y solitario que busca la inmortalidad.”<sup>30</sup>

Em *Bioy Casares y el alegre trabajo de la inteligencia*, Mireya Camurati tece considerações sobre a insularidade nos textos do escritor argentino. Entretanto, a professora da Universidade de Nova Iorque faz referência, tão-somente, à ínsula como espaço físico: “en cuanto a los lugares en donde Bioy ubica sus narraciones, recordamos la significación del medio isleño en sus primeras novelas, al que remplacea el campo y la ciudad de Buenos Aires en casi todo el resto de su producción.”<sup>31</sup> Além de constituir apenas espaço físico, note-se, a ilha aparece para a autora apenas nos primeiros romances casareanos, o que Camurati reitera, em seu trabalho, páginas adiante: “el paisaje isleño casi desaparece después de las dos novelas de la década del 40 [*La invención de Morel* e *Plan de evasión*]”, retornando apenas nos contos “*El lado de la sombra*” (1962) e em “*De la forma del mundo*” (1978).<sup>32</sup>

Em *La concepción del cuento en Adolfo Bioy Casares*, Beatriz Curia desenvolve considerações sobre o insulamento metafórico em capítulo relacionado à maneira como aquele escritor argentino vê o mundo<sup>33</sup>. Assumindo a premissa de que, na escrita casareana, “[...] todo ser humano es una isla y los intentos de comunicación entre los hombres están destinados al fracaso”<sup>34</sup>, Curia aponta, naquela mesma seção, traços de insulamento nos

<sup>29</sup> RUIZ. *Los mitos y los dioses*: Adolfo Bioy Casares y sus temas fundamentales, p. 64. “Uma noite, uns jovens se perdem na montanha. Há uma tormenta de neve. O albergue e seus arredores ficam isolados. Os hóspedes escutam uma estranha música. A solidão os afeta estranhamente: suas características essenciais são sobremaneira aguçadas.” (tradução nossa)

<sup>30</sup> RUIZ. *Los mitos y los dioses*: Adolfo Bioy Casares y sus temas fundamentales, p. 17. “*A invenção de Morel* é uma aventura, a do infinito; a aventura do homem perseguido e solitário que busca a imortalidade.” (tradução nossa)

<sup>31</sup> CAMURATI. *Bioy Casares y el alegre trabajo de la inteligencia*, p. 8. “Quanto aos lugares onde Bioy situa suas narrativas, recordamos a significação do meio insular em seus primeiros romances, substituído pelo campo e pela cidade de Buenos Aires em quase todo o resto de sua produção.” (tradução nossa)

<sup>32</sup> CAMURATI. *Bioy Casares y el alegre trabajo de la inteligencia*, p. 227. “A paisagem insular quase desaparece depois dos dois romances da década de 40 [*A invenção de Morel* e *Plano de evasão*].” (tradução nossa)

<sup>33</sup> Trata-se do primeiro capítulo do trabalho de Beatriz Curia, intitulado “*La visión del mundo*”. Cf. CURIA. *La concepción del cuento en Adolfo Bioy Casares*, pp. 57-71.

<sup>34</sup> GALLAGHER. *The Novels and Short Stories of Adolfo Bioy Casares*. Paper presented to the Annual Conference of the Society for Latin American Studies held in April 1972. *Apud* CURIA. *La concepción del*

contos “Carta sobre Emilia”, “Un egocéntrico”, “Ser los otros” e “Interlocutores” e, bem assim, no romance *Dormir al sol*. Posteriormente, a autora organiza uma exposição temática de contos casareanos, distribuindo-os em três grupos: contos de humor, contos fantásticos e contos de amor.<sup>35</sup> Entretanto, ao tratar do que seriam três grandes campos temáticos constantes da obra de Adolfo Bioy Casares, Beatriz Curia não retoma o tema do insulamento, aventado apenas ao início de seu trabalho.

Em *Oligarquía y literatura*, por sua vez, Blas Matamoro estabelece, sob uma perspectiva determinista, associações entre origem socioeconômica e desempenho estético de escritores argentinos.<sup>36</sup> Após conduzir Adolfo Bioy Casares ao banco dos réus, por ser este um “niño mimado”<sup>37</sup> pertencente à classe oligárquica, Matamoro ressalta que a ínsula está presente, para além de *A invenção de Morel* e *Plano de evasão*, nos contos “Historia prodigiosa”, “La sierva ajena”, “El perjúrio de la nieve” e “Clave para un Amor”.<sup>38</sup> Ainda de acordo com Matamoro, a ilha casareana consiste em espaço onde a cultura se desenvolve à revelia dos eventos históricos. Aquele espaço consistiria em reflexo da própria vida de Bioy Casares, que estaria afastado dos efeitos advindos de contingências históricas em virtude de uma situação econômica que lhe era vantajosa:

Las astucias de la Razón construyen una Cultura ajena a la Historia, vegetación isleña lejana de toda Ciudad. Las cosas y el orden que reina en ellas, la Historia de las Cosas, no le competen. En suma: la Razón no es de este Mundo, ni de esta Historia. Es del Mundo-de-la-Razón, aislado del mundo histórico. La isla de Bioy es metonimia de esta empresa: la isla, la Cultura. La Cultura es, a su vez, repetición del pasado, inactualidad, como la invención de Morel. Es algo heredado que se da por bueno, que no se cuestiona. Ya sabemos: cuando lo heredado es gratificante – estancias, títulos de renta, palacios – difícilmente perdamos tiempo en cuestionarlo.<sup>39</sup>

Segundo Otto Maria Carpeaux, “um crítico argentino observou que as ilhas parecem desempenhar na imaginação de Bioy Casares a mesma função dos labirintos na

*cuento en Adolfo Bioy Casares*, p. 63. “[...] todo ser humano é uma ilha, e as tentativas de comunicação entre os homens estão destinadas ao fracasso”. (tradução nossa)

<sup>35</sup> CURIA. *La concepción del cuento en Adolfo Bioy Casares*, *passim*.

<sup>36</sup> MATAMORO. *Oligarquía y literatura*.

<sup>37</sup> MATAMORO. *Oligarquía y literatura*, p. 175. “criança mimada” (tradução nossa)

<sup>38</sup> MATAMORO. *Oligarquía y literatura*, p. 177-8.

<sup>39</sup> MATAMORO. *Oligarquía y literatura*, p. 179. “As astúcias da Razão constroem uma Cultura alheia à História, vegetação insular alheia a qualquer Cidade. As coisas e a ordem que nelas reina, a História das Coisas, não lhe competem. Em suma: a Razão não é deste Mundo, nem desta História. É do Mundo-da-Razão, isolado do mundo histórico. A ilha de Bioy é metonímia desta empresa: a ilha, a Cultura. A Cultura é, por sua vez, repetição do passado, desatualização, como a invenção de Morel. É algo herdado que se dá por bom, que não se questiona. Já sabemos: quando o herdado é gratificante – fazendas, títulos de renda, palácios – difícilmente percamos tempo questionando-o.” (tradução nossa)

literatura fantástica de seu amigo Borges.”<sup>40</sup> De maneira similar ao crítico argentino não nomeado por Carpeaux, Trinidad Barrera assinala que, nos textos de Adolfo Bioy Casares, “el tema del aislamiento del individuo aparece reflejado literalmente y también en un sentido metafórico. El simbolismo del espacio es una constante en casi todos ellos que, repetidamente, hablan de ‘islas’.”<sup>41</sup> Porém, Trinidad Barrera não estende essa mesma linha de raciocínio a textos de Bioy Casares nos quais o insulamento pode ser verificado. Exemplo disso é sua análise de *Diario de la guerra del cerdo*, em relação ao qual examina o tema da velhice, mas deixa de lado uma rica teia de insularidades, metafóricas e de fato, constantes do enredo do romance. O crítico limita-se a ponderar que aquele texto “es probablemente la [novela] que ha pasado más desapercibida por la crítica, yo diría que por su temática. En ella se plantea lúcidamente el conflicto generacional, desde la óptica de la vejez”.<sup>42</sup>

Percebe-se que a brevidade das considerações críticas acerca do insulamento na obra de Adolfo Bioy Casares possui, como uma de suas causas, o desenvolvimento de perspectivas que, em certa medida, fragmentam o estudo da obra casareana. Alfred J. Mac Adam, por exemplo, exalta a narrativa casareana, mas concentra-se apenas em *A invenção de Morel* e *Plano de evasão*. Ao tratar somente destes dois romances, Mac Adam afirma: “Bioy Casares’s metaphoric representation of the artist and art in self-reflecting fictions was certainly unique in the context of Latin American literature in the 1940s, and the abstruseness of the texts may account for the dearth of critical material on them”.<sup>43</sup> Essa maior disposição ao exame de alguns textos casareanos – especialmente *A invenção de Morel* e *Plano de evasão* – em detrimento de outros foi observada por Mireya Camurati, segundo a qual

para muchos lectores, la fama de Adolfo Bioy Casares se apoya fundamentalmente en *La invención de Morel* y, en menor grado, en *Plan de evasión*. La dimensión y el éxito de esos libros tempranos se justifica si valoramos cualidades como las de una trama que Borges no vaciló en

<sup>40</sup> CARPEAUX. O mundo de Morel, p. 131. Publicado originalmente no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de São Paulo*, em 1966.

<sup>41</sup> BARRERA. *Adolfo Bioy Casares, la aventura de vivir*, p. 351. “O tema do isolamento do indivíduo aparece refletido literalmente e também em sentido metafórico. O simbolismo do espaço é uma constante em quase todos eles [os textos] que, repetidamente, falam de ‘ilhas’.” (*tradução nossa*)

<sup>42</sup> BARRERA. *Adolfo Bioy Casares, la aventura de vivir*, p. 349. “É provavelmente o romance que mais passou despercebido pela crítica, eu diria que por sua temática. Nele se enfoca lúcidamente o conflito geracional, sob a óptica da velhice.” (*tradução nossa*)

<sup>43</sup> MAC ADAM. *Adolfo Bioy Casares: The Lying Compass*, p. 42. “A representação metafórica do artista e da arte, feita por Bioy Casares em textos ficcionais auto-reflexivos, foi certamente ímpar no contexto da literatura latino-americana dos anos 1940, e a feição intrincada dos textos pode justificar a escassez de material crítico sobre eles.” (*tradução nossa*)

calificar de perfecta. Pero el exaltar a esas dos novelas con frecuencia desequilibra la apreciación de la obra total del escritor.<sup>44</sup>

Dentre os textos críticos relativos à obra de Adolfo Bioy Casares, verificou-se que apenas Javier de Navascués se atém de modo mais aprofundado ao insulamento, comparando a narrativa do escritor argentino à da mexicana Elena Garro. Em sua análise, o professor da Universidade de Navarra objetiva “[...] demostrar de qué manera, tanto en uno como en otro escritor, comparece un ininterrumpido deseo de fuga de una realidad que se presenta como repudiable y cómo la configuración de espacios aislados se alza como una precaria solución para esta huida sin fin.”<sup>45</sup> Ao aproximar os textos de Bioy e Garro, Navascués afirma que

el aislamiento no es sólo (ni siquiera) el ingrediente de la felicidad, sino muchas veces la situación excepcional en donde confirmarse o reconocerse como persona. En relatos como “Un león en los bosques de Palermo” (*sic*) o “Clave para un amor” la soledad inesperada a la que se ven abocados los personajes permite entender sus vivencias de forma más nítida. Aislándose, el hombre de Bioy conoce a los demás y se conoce a sí mismo. [...] Aislando a sus personajes en un espacio singular Bioy quiere mostrarlos tal y como son, quitadas las caretas que la convivencia con otros ámbitos nos impone.<sup>46</sup>

Ao ponderar sobre o insulamento, Javier de Navascués não estende sua abordagem a *Diario de la guerra del cerdo*. Verifica-se, nesta lacuna, a possibilidade de o presente estudo dialogar com a crítica literária e a ela oferecer contribuições sob uma óptica diferenciada, relacionando a questão da insularidade a um romance cujas análises têm sido direcionadas, preponderantemente, a observações sobre o embate entre jovens e velhos. Propõe-se, desse modo, analisar aquele texto literário a partir de um viés distinto, no qual o tema da velhice continue a afigurar como um dos eixos interpretativos, mas seja examinado em articulação com o tema do insulamento.

<sup>44</sup> CAMURATI. *Bioy Casares y el alegre trabajo de la inteligencia*, p. 223. “Para muitos leitores, a fama de Adolfo Bioy Casares se apoia fundamentalmente em *A invenção de Morel* e, em menor grau, em *Plano de evasão*. A dimensão e o êxito desses primeiros livros se justificam se valorizarmos qualidades como as de uma trama que Borges não vacilou em qualificar de perfeita. Porém, exaltar esses romances com frequência desequilibra a apreciação da obra total do escritor.” (*tradução nossa*)

<sup>45</sup> NAVASCUÉS. Elena Garro y Adolfo Bioy Casares: dos islas en fuga, p. 304. Navascués objetiva “[...] demostrar de que maneira, tanto em um como em outro escritor, comparece um ininterrupto desejo de fuga de uma realidade que se apresenta como repudiável e como a configuração de espaços isolados emerge como uma precária solução para essa fuga sem fim.” (*tradução nossa*)

<sup>46</sup> NAVASCUÉS. Elena Garro y Adolfo Bioy Casares: dos islas en fuga, pp. 304; 306. “O isolamento não é apenas (nem sequer) o ingrediente da felicidade, mas muitas vezes a situação excepcional em que se confirma ou se reconhece como pessoa. Em contos como “Um leão no bosque de Palermo” ou “Chave para um amor”, a solidão inesperada a que se veem assomados os personagens permite entender suas vivências de forma mais nítida. Isolando-se, o homem de Bioy conhece os demais e conhece a si mesmo. [...] Isolando seus personagens em um espaço singular, Bioy quer mostrá-los como são, tiradas as máscaras que a convivência com outros âmbitos nos impõe.” (*tradução nossa*)

Enquanto a análise de Navascués sustenta que o insulamento leva certas personagens criadas por Bioy Casares ao autoconhecimento e ao desvelamento de identidades, examina-se, neste estudo, o insulamento presente em *Diario de la guerra del cerdo* como experiência que conduz o protagonista Isidoro Vidal a um processo de desenraizamento. Este processo pode ser assemelhado àquilo que o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser denomina *Bodenlosigkeit*: “falta de fundamento”<sup>47</sup>, “ausência ou falta de fundamento, de chão, de terra, desenraizamento, desterro.”<sup>48</sup> Nesse sentido, se o insulamento proporciona ao leitor um maior conhecimento acerca das personagens, por representá-las precisamente num momento em que se encontram mais desarmadas das máscaras da convivência social, nem sempre essa experiência culmina em maior autoconhecimento por parte de tais personagens, como se pode depreender do pensamento de Navascués.

Convém lembrar que Vilém Flusser desenvolve reflexões sobre a *Bodenlosigkeit* a partir de sua experiência de fuga, decorrente da perseguição nazista aos judeus. Em 1939, Flusser abandona a cidade natal, Praga, que era para ele “o fundamento essencial da vida”<sup>49</sup>. Embora esse desenraizamento tenha sido profundamente doloroso, o filósofo observa que seu sofrimento veio acompanhado de uma percepção da liberdade então adquirida. Em Praga,

acreditava-se estar aberto ao mundo inteiro (lendo, por exemplo, Ortega), quando, sob visão posterior, a limitação praguense se revela patente. Todo o mundo francês e anglo-saxônico passava apenas como sombra perto do horizonte, e a verdadeira informação se limitava à cultura alemã e russa. A estreiteza de Praga era encoberta por sua profundidade. [...] Nos últimos dias passávamos por suas ruas impregnadas de mil memórias como por cidade estranha. Ainda não tinha sido derramado muito sangue, e já a cidade era o Orcus. Um carnaval da morte e do inferno. Um reino das sombras. E aí veio uma sensação de todo inesperada. A sensação de libertação vertiginosa. Doravante não se pertencia mais a ninguém e a lugar nenhum, era-se independente. Tudo isto, a cidade e seus habitantes, os bárbaros que a ocupavam, e a própria família, não passava de teatro de fantoches. A gente olhava tudo isto de cima. E tal visão abria horizontes de um céu infinito. Doravante tudo era possível. E para dentro de tal possibilidade sem limite a gente se precipitava, de coração sangrento, mas de espírito aberto.<sup>50</sup>

Dada a peculiaridade das experiências de Vilém Flusser, a partir das quais são desenvolvidas suas ponderações sobre a *Bodenlosigkeit*, não se propõe aqui estabelecer uma relação de exata correspondência entre a *Bodenlos* (sujeito que experimenta a falta de

<sup>47</sup> SELIGMANN-SILVA. De Flusser a Benjamin – do pós-aurático às imagens técnicas, p. 3.

<sup>48</sup> CEI. Tio Man’Antônio, um *Bodenlos*: Vilém Flusser leitor das estórias de Guimarães Rosa, p. 1.

<sup>49</sup> FLUSSER. *Bodenlos*: uma autobiografia filosófica, p. 27.

<sup>50</sup> FLUSSER. *Bodenlos*: uma autobiografia filosófica, pp. 28; 33.

fundamento) e o protagonista de *Diario de la guerra del cerdo*.<sup>51</sup> Ressalta-se, assim, a necessidade de prudência para lançar mão das reflexões de Flusser acerca da *Bodenlosigkeit* como sustentações teóricas voltadas à análise de circunstâncias e comportamentos constitutivos da insularidade vivenciada por Isidoro Vidal. Como, então, não se pretende afirmar que *don Isidro* é, por excelência, uma *Bodenlos*, mas que tem características e vivências que podem ser aproximadas às da *Bodenlos*, adota-se, para tal personagem, uma denominação diferenciada: a de “homem-ilha”. Com isso, busca-se garantir um ponto de harmonia na interlocução entre o romance casareano estudado e a perspectiva teórica escolhida. Além disso, a escolha do termo “homem-ilha” afigura-se pertinente se aproximarmos as situações experimentadas por *don Isidro* das considerações de Gilles Deleuze sobre a ilha deserta enquanto espaço – ou estado – posterior ao trauma e propício ao recomeço: “Sonhar ilhas, com angústia ou alegria, pouco importa, é sonhar que se está separando, ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido; ou, então, é sonhar que se parte de zero, que se recria, que se recomeça.”<sup>52</sup>

Nesta seção inicial, objetivou-se apresentar como a leitura de textos críticos ao longo da pesquisa propiciou a delimitação da perspectiva a partir da qual se propõe analisar o insulamento em *Diario de la guerra del cerdo*. A constituição do denominado homem-ilha no romance será retomada no item 1.3. Considera-se oportuno, anteriormente, refletir sobre o sujeito da enunciação presente no texto literário em estudo, cotejando-o com exemplos de autores e narradores encontrados nos âmbitos histórico e ficcional.

## 1.2 Diários de naufragos: o velho como sujeito da enunciação

A construção imagética da velhice a partir da repulsa e do estranhamento data de tempos remotos. Segundo Teodoro Rennó Assunção, observa-se, já em Mímnemo (630 – 600 a.C.), a “representação da velhice como entidade objetivada, de certo modo externa ao homem”, ao passo que a juventude seria um dos elementos constitutivos da natureza humana.<sup>53</sup> A senescência, sob esse prisma, chega de assalto e se impõe às histórias

<sup>51</sup> É oportuno lembrar que, segundo Vilém Flusser, “a experiência da falta de fundamento não pode ser precipitada em literatura, filosofia e arte sem ser falsificada. Pode ser apenas circunscrita em tais formas, para ser *parcialmente* captada.” (*grifo nosso*) Cf. FLUSSER. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 20.

<sup>52</sup> DELEUZE. *Causas e razões das ilhas desertas*, p. 7.

<sup>53</sup> ASSUNÇÃO. *Juventude e Velhice: Mímnemo*, p. 158.

individuais como um fardo que se deve carregar. Assunção ressalta que, também em Homero, a juventude e a velhice são dispostas como instâncias portadoras de contrastes entre os quais um exercício de conciliação seria improvável: “O que aproxima este modo de representação [o de Mimnermo] do de Homero é antes a organização da juventude e da velhice como dois campos de forças em tudo opostos e entre os quais não será possível qualquer intercâmbio mas apenas uma transição irreversível.”<sup>54</sup> O cotejo entre tais estágios da vida pode ser exposto, respectivamente, ainda sob a óptica de Mimnermo, por meio de enfileiramentos de pares como “o prazer e a dor; o amor e a desconsideração (ou o ódio); a luz e a escuridão; a vida e a morte; a beleza e a feiúra (*sic*); a despreocupação e as preocupações.”<sup>55</sup> Percebe-se desse modo que, para Mimnermo, a velhice está associada a processos de degeneração física e anímica, não havendo a possibilidade de vislumbrar “uma dimensão construtiva do tempo”<sup>56</sup>, isto é, uma relação de continuidade na qual a idade madura corresponda, eventualmente, a um período virtuoso de colheita de experiências.

A personificação da senescência, ente para o qual o homem olha e não se reconhece, foi disposta na *Eneida* por Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.). Conduzido pela Sibila de Cumas, Enéias se dirige ao mundo dos mortos e, às proximidades do inferno, encontra uma pavorosa agremiação da qual a “Velhice” faz parte:

No vestibulo mesmo, às fauces do Orco  
Se aninha o ultriz Remorso, e o Luto e o Medo;  
Pálidos Morbos e a *Velhice triste*,  
Má conselheira a Fome e a vil Penúria,  
*Visões de horror*; da mente os ruins prazeres  
E a Morte e a Lida, e o Sono irmão da Morte:  
Defronte a letal Guerra, e em férreo catre  
As Fúrias, e a Discórdia insana que ata  
Cruentos nastos na vipérea grenha.<sup>57</sup> (*grifos nossos*)

Por outro lado, a impressão de repugnância em relação à velhice encontra em Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) um importante adversário. Ao desenvolver uma apologia sobre o assunto em *Da velhice e da amizade*, o filósofo e político romano tece uma malha ininterrupta entre juventude e idade madura e estabelece, entre essas fases da vida, uma relação de causalidade:

Nem todos podem ser Cipiões ou Máximos, para que se possam lembrar da conquista de cidades ou de combates terrestres ou navais ou de guerras feitas por eles mesmos ou de triunfos. *A velhice de uma vida passada tranqüilamente, com pureza e dignidade, é também plácida e doce*; tal foi,

<sup>54</sup> ASSUNÇÃO. Juventude e Velhice: Mimnermo, p. 158.

<sup>55</sup> ASSUNÇÃO. Juventude e Velhice: Mimnermo, p. 159.

<sup>56</sup> ASSUNÇÃO. Juventude e Velhice: Mimnermo, p. 160.

<sup>57</sup> VIRGÍLIO. *Eneida*, p. 170.

como nos ensinaram, a de Platão, que morreu escrevendo, com oitenta e um anos; tal foi a de Isócrates, que disse ter escrito o livro intitulado Panatenaicas no seu nonagésimo quarto ano, e viveu, depois, ainda cinco anos; o seu mestre foi Górgias, de Leôncio, que completou cento e sete anos; e não cessou nunca seus estudos e trabalhos. E quando lhe perguntaram por que queria uma tão longa vida, Não tenho motivo – respondeu – de acusar a velhice. Bela resposta e digna de um homem douto!<sup>58</sup> (*grifo nosso*)

Para articular suas teses, Cícero elege o censor Catão, uma personagem histórica, como porta-voz: “Atribuímos o discurso a M. Catão, o velho, a fim de que o discurso tivesse mais autoridade.”<sup>59</sup> Segundo os dizeres arrogados ao censor, os aborrecimentos a que os homens estão suscetíveis encontram razão “nos costumes”<sup>60</sup>, no “caráter difícil”<sup>60</sup> e no “humor rabugento”,<sup>60</sup> que, não sendo intrínsecos à velhice, podem caracterizar o indivíduo em qualquer etapa da vida. Cumpre destacar também que, em *Da velhice e da amizade*, não se apregoa a compreensão de que o velho tenha atingido um patamar de sabedoria tendente à estagnação. Ao contrário, a velhice seria um tempo propício à continuação das experiências de aprendizagem: “Aliás, mesmo fora dos negócios públicos, o velho encontra uma carreira sempre aberta, a do estudo e dos trabalhos do espírito. Solão gaba-se de envelhecer aprendendo; outros morrem estudando.”<sup>61</sup>

Para além dos apontamentos de Cícero, percebe-se que o deslocamento do homem experiente para o centro da atividade enunciativa se deve, em importante medida, a Agostinho de Hipona (354 – 430 d.C.). Embora contasse pouco mais de trinta anos, o filósofo assumiu, nas *Confissões*, o lugar do sujeito maduro que reflete sobre experiências pessoais e consulta suas memórias com vistas à avaliação de um trajeto parcial de vida. O exercício confessional de matriz agostiniana desdobra-se até os dias atuais e produz reverberações na narrativa literária. Exemplo disso é *The Stone Angel*, romance escrito pela canadense Margaret Laurence, publicado em 1964, que apresenta como protagonista uma inflexível mulher de noventa e três anos. Na iminência de ser enviada a um asilo por seu filho e sua nora, a idosa Hagar Shipley empreende práticas rememorativas que a desnudam em face do leitor e expõem seus acertos e falhas.<sup>62</sup> As lembranças de Hagar acabam por conduzi-la ao autoconhecimento e permitem que a personagem perdoe a si mesma. Nesta modalidade de escrita, segundo Brenda Beckman-Long,

<sup>58</sup> CÍCERO. *Da velhice e da amizade*, p. 53. Manteve-se, na passagem citada, a grafia utilizada na tradução para a língua portuguesa, publicada em 1964.

<sup>59</sup> CÍCERO. *Da velhice e da amizade*, p. 47.

<sup>60</sup> CÍCERO. *Da velhice e da amizade*, p. 49.

<sup>61</sup> CÍCERO. *Da velhice e da amizade*, p. 47.

<sup>62</sup> LAURENCE. *The Stone Angel*, *passim*.

typically, the narrator-protagonist begins in the narrative present and proceeds to examine the past, looking back over a lifetime. The retrospection is intermittently interrupted with returns to the present or narrating moment. The narrator's purpose is to write a life story in order to elucidate his progress toward an understanding of himself, which he has gained in the recent present. [...] In the Augustinian model, the narrator's progress toward self-understanding is characterized as a process, and more specifically as a healing process. Healing can be brought about only by some change in the narrator's self; inner change is thus the central movement of confession.<sup>63</sup>

O acúmulo de vivências é também característico do sujeito da enunciação nos escritos de Michel de Montaigne. No cerne de seus textos está o homem experiente, cuja tarefa é contemplar a si mesmo. O ensaísta francês do século XVI assume a impossibilidade de uma descrição metafísica que compreenda uma essência ou totalidade, e reflete sobre sua natureza inconstante, sempre mutável à medida que percorre mentalmente seu trajeto de vida. O foco de Montaigne está ajustado, desse modo, não no exame *do* homem, mas no exame *de um* homem e nas mudanças por este sofridas.<sup>64</sup> Ao analisar a própria travessia, Montaigne apresenta a juventude e a velhice como fios pertencentes a um mesmo tecido, opondo-se, assim, às polarizações outrora estabelecidas por Mínermo. Entretanto, a adoção de uma perspectiva de continuidade não leva o ensaísta a conclusões elogiosas sobre a velhice, tal como chegara Cícero. Em *Do arrependimento*, Montaigne associa o envelhecimento à degeneração:

minha sabedoria pode ser de tamanho idêntico, num e noutro tempo, mas era bem brilhante e mais graciosa, viçosa, alegre, ingênua do que é atualmente, alquebrada, resmungona, trabalhosa. [...] Quantas metamorfoses eu vejo a velhice provocar todos os dias em vários conhecidos meus? *É uma poderosa doença e que se espalha natural e imperceptivelmente.* Precisa-se de grande estoque de esforço e grande precaução para evitar as imperfeições que ela nos impõe, ou pelo menos para enfraquecer-lhes o avanço. Sinto que, não obstante todas as minhas trincheiras, ela avança sobre mim, pé ante pé. Resisto tanto quanto posso mas não sei, afinal, aonde me levará. Seja como for, estou contente que se saiba de onde terei caído.<sup>65</sup>

<sup>63</sup> BECKMAN-LONG. *The Stone Angel as a Feminine Confessional Novel*, p. 49. “Tipicamente, o narrador-protagonista inicia no presente narrativo e avança para examinar o passado, lançando seu olhar sobre toda uma vida. A retrospectiva é intermitentemente interrompida por retornos ao presente ou ao momento da narrativa. O propósito do narrador é escrever uma história de vida a fim de elucidar o progresso feito rumo à compreensão de si mesmo, alcançada em tempo recente. No modelo agostiniano, o progresso do narrador com vistas à compreensão de si é caracterizado como um processo e, mais especificamente, como um processo de cura. Tal cura pode ser ocasionada, tão-somente, por alguma mudança no núcleo da personalidade do narrador; portanto, a mudança interior é o movimento central da confissão.” (*tradução nossa*)

<sup>64</sup> Segundo Gómez-Martínez, uma das contribuições de Montaigne para o surgimento do ensaio moderno reside na elevação do “eu” ao primeiro plano. Sob essa perspectiva, acima do poeta, gramático e jurista Montaigne, estaria o homem Michel de Montaigne. Cf. GÓMEZ-MARTÍNEZ. *Teoría del ensayo, passim*.

<sup>65</sup> MONTAIGNE. *Sobre o arrependimento*. pp. 362-3.

Nos exemplos citados, apenas Cícero desenvolve reflexões integralmente elogiosas a respeito da velhice, o que aponta a predominância de pontos de vista tendentes ao estabelecimento de um conflito entre juventude e velhice e a compreensão da senescência como estágio de degradação. Desse modo, a dualidade composta pelas visões da velhice ora enquanto virtude ora como vício não ocorre sob uma lógica pendular, na qual os intervalos entre um extremo e outro se afigurem equivalentes.

Para apontar uma maior inclinação histórica ao repúdio que à reverência diante da idade madura, a narrativa literária consiste em importante indicador. Segundo observa Carmen Lucia Tindó Secco, “de um modo geral, a literatura, desde a Idade Média às vanguardas modernistas, ao rejeitar a figura do ancião que dificilmente ocupa o centro das obras literárias, reduplica o procedimento discriminador empreendido pelo social.”<sup>66</sup> Em âmbito literário, dessa maneira, o velho habitaria a coadjuvação, salvo em textos como *The Tragedy of King Lear*, em que a senescência protagonizada não recebe tratamento elogioso, estando mais associada a uma personagem vaidosa do que a um sujeito perspicaz ou sábio.<sup>67</sup> Quando tratada como questão central, a velhice seria tema desencadeador do estranhamento, conforme se depreende, por exemplo, de *Retrato*, de Cecília Meireles<sup>68</sup>. Na indagação “Em que espelho ficou perdida/A minha face?”, que compõe os dois últimos versos do poema, opera-se uma visita ao ângulo a partir do qual Mimnermo, na Antiguidade, havia se dedicado ao assunto, uma vez que o eu-lírico não se reconhece nas dobras do rosto denunciadas pela superfície do espelho. Sua essência, que ali não estaria projetada, teria ficado perdida em outro reflexo, distinto do semblante enrugado.

Não obstante a prevalência da velhice nas zonas periféricas do campo ficcional, pode-se apontar, nesse âmbito, exemplos em que o idoso não apenas seja colocado em destaque, como também assuma a posição de sujeito da enunciação. Conforme citado acima, a idosa Hagar Shipley, protagonista de *The Stone Angel*, apresenta-se como narrador autodiegético<sup>69</sup>, porquanto exerce a função narrativa e é, também, a heroína da história que conta. A este exemplo, já caracterizado como um romance confessional orientado pela matriz agostiniana, perfilam-se textos literários nos quais se atribui ao idoso a autoria de um diário. Tal é o caso de *Memorial de Aires*, romance machadiano em que o comando da escrita se encontra nas mãos de um diplomata aposentado. Conforme assinala Secco, a pena

<sup>66</sup> SECCO. *Além da Idade da Razão: longevidade e saber na ficção brasileira*, p. 34.

<sup>67</sup> SHAKESPEARE. *The Tragedy of King Lear*.

<sup>68</sup> MEIRELES. *Viagem & Vaga Música*, p. 17.

<sup>69</sup> GENETTE. *Discurso da narrativa*, p. 246.

confiada ao Conselheiro Aires acaba por ganhar contornos de um instrumento de resistência e resposta aos momentos de solidão experimentados na velhice:

Hoje, que não saio, vou glosar este mote. Acudo assim à necessidade de falar comigo, já que o não posso fazer com os outros; é o meu mal. A índole e a vida me deram o gosto e o costume de conversar. A diplomacia me ensinou a aturar com paciência uma infinidade de sujeitos intoleráveis que este mundo nutre para os seus propósitos secretos. A aposentação me restituiu a mim mesmo; mas lá vem dia em que, não saindo de casa e cansado de ler, sou obrigado a falar, e, não podendo falar só, escrevo.<sup>70</sup>

Enquanto Hagar Shipley empreende esforços para relembrar toda uma trajetória de vida, o Conselheiro Aires desvela, em seu diário, dois anos nos quais vive as experiências da aposentadoria, observa as personagens com as quais convive e reflete sobre seu entorno. Apesar das diferenças concernentes ao recorte temporal, uma característica os aproxima: ambos se dedicam a narrar eventos relacionados ao quotidiano. Quanto a este aspecto, sobleva-se a particularidade verificada em *Diario de la guerra del cerdo*, objeto de estudo desta dissertação, no qual a trama se desenvolve sob o ponto de vista de um homem de quase sessenta anos que não almeja elogiar ou ponderar sobre a velhice, promover um exercício autocontemplativo, expor eventos corriqueiros ao fim de um dia, tampouco confrontar-se espontaneamente com lembranças que o conduzam à avaliação de um percurso palmilhado. Por meio da escrita de um diário, narram-se, no romance de Adolfo Bioy Casares, episódios motivadores de uma grave perturbação na rotina do protagonista *don* Isidro e de seus amigos. A partir da compreensão de que a quebra da quotidianidade consiste em elemento fundamental no enredo de *Diario de la guerra del cerdo*, corrobora-se a perspectiva de Noemí Ulla, segundo a qual Adolfo Bioy Casares é um “[...] maestro en la invención de situaciones que desvían de la vida tranquila de sus protagonistas, generalmente hombres”.<sup>71</sup>

Considerando-se, ainda, a supracitada polarização das perspectivas relacionadas à velhice – quer em âmbito histórico, quer na esfera literária –, percebe-se que, em *Diario de la guerra del cerdo*, o idoso habita um espaço intermediário que lhe permite mostrar-se em sua complexidade e expressar a humanidade de sua condição<sup>72</sup>. Afirma-se, com isso, que o

<sup>70</sup> ASSIS *apud* SECCO. *Além da Idade da Razão: longevidade e saber na ficção brasileira*, p. 47.

<sup>71</sup> ULLA. *De las orillas del Plata*, p. 172. Adolfo Bioy Casares é um “[...] mestre na invenção de situações que desviam da vida tranquila de seus protagonistas, geralmente homens.” (*tradução nossa*)

<sup>72</sup> Segundo observa Simone de Beauvoir em obra publicada no ano de 1970, a contemporaneidade dá as costas à condição humana que reside no velho: “Na França, onde a proporção de velhos é a mais elevada do mundo – 12% da população já ultrapassou os 65 anos de idade – eles se vêem condenados à miséria, à solidão, às enfermidades e ao desespero. Nos Estados Unidos, eles não são mais afortunados. A fim de conciliar semelhante barbárie com a moral humanista por ela professada, a classe dominante toma a cômoda decisão de não os considerar homens; sua voz, se fôsse ouvida, forçá-la-ia a reconhecer que se trata de uma voz humana.” Cf. BEAUVOIR. *A velhice*. A realidade incômoda, p. 6. Manteve-se, nesta passagem e nas passagens da obra de Beauvoir citadas ao longo deste estudo, a grafia utilizada na tradução para a língua portuguesa, publicada em 1970.

delineamento da senescência naquele romance não toca os extremos da sabedoria próxima a uma ideia de sagrado ou da completa vitimização do idoso no contexto social. Em verdade, o homem velho disposto no centro da narrativa casareana é apresentado como portador de angústias, receios e virtudes, protagonista de intercalados momentos de covardia e coragem, sujeito de atitudes preconceituosas dirigidas à velhice alheia e, também, titular de uma sexualidade desejosa de expressão.

A caracterização do idoso, concentrada na figura de *don* Isidro, é desenvolvida ao longo de exposição relativa a um curto período da vida da personagem, equivalente a cerca de dez dias. Embora o velho seja transportado ao cerne do enredo, constata-se um grau de incerteza no que toca à função narrativa. O leitor avança as páginas valendo-se da “focalização interna”<sup>73</sup>, isto é, do olhar, das reflexões, das memórias e dos questionamentos de *don* Isidro durante a *guerra al cerdo*<sup>74</sup>. No entanto, a identidade entre protagonista e narrador vacila entre três hipóteses. A primeira delas sugere que *don* Isidro consiste em narrador “autodiegético”<sup>75</sup> que, sendo o autor do diário e o herói da narrativa, assume uma atitude de distanciamento ao optar pelo uso da terceira pessoa gramatical para registrar memórias sobre uma passagem específica de sua vida. Na segunda hipótese, tem-se um narrador “homodiegético”<sup>76</sup>, não coincidente com *don* Isidro, que participa da narrativa desempenhando um papel secundário e exercendo a função de um observador. A terceira hipótese, sustentada por Javier de Navascués<sup>77</sup>, consiste na possibilidade de que o autor do *Diario* seja heterodiegético, contando, dessa maneira, uma história da qual não participa. Cumpre, neste ponto, lembrar a assertiva de Phillippe Lejeune sobre a complexidade da tarefa de categorização do narrador. Consoante exposto por Lejeune, Gérard Genette

deixa claro que pode haver narrativa “em primeira pessoa” sem que o narrador seja a mesma pessoa que o personagem principal. É o que chama, numa perspectiva mais ampla, de narração “homodiegética”. Basta continuar esse raciocínio para ver que, no sentido inverso, é perfeitamente possível que haja identidade entre o narrador e o personagem principal sem o emprego da primeira pessoa.<sup>78</sup>

Nesse sentido, é cabível supor que *don* Isidro seja, a um só tempo, sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, e que o emprego da terceira pessoa tenha ocorrido com vistas à produção de determinado efeito, à semelhança do que fizera Cícero ao eleger Catão

<sup>73</sup> GENETTE. *Discurso da narrativa*, p. 187.

<sup>74</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 91.

<sup>75</sup> Segundo Genette, a narrativa autodiegética, “em que o narrador é o herói de sua narrativa, [...] representa o grau forte do homodiegético”. Cf. GENETTE. *Discurso da narrativa*, p. 244.

<sup>76</sup> GENETTE. *Discurso da narrativa*, p. 244.

<sup>77</sup> NAVASCUÉS. *El esperpento controlado*. La narrativa de Adolfo Bioy Casares, p. 64.

<sup>78</sup> LEJEUNE. *O Pacto Autobiográfico*. De Rousseau à Internet, p. 16.

como enunciador para conferir autoridade às teses relativas à velhice. A persecução de efeitos por meio do uso da terceira pessoa é realçada por Lejeune, segundo o qual

falar de si na terceira pessoa pode implicar tanto um orgulho imenso (é o caso dos *Comentários* de César, ou de textos como os do general De Gaulle), quanto uma certa forma de humildade (é o caso de certas autobiografias religiosas antigas, nas quais o autobiógrafo se denomina “o servidor de Deus”). Nos dois casos, o narrador assume, em relação ao personagem que foi, seja o *distanciamento do olhar da história*, seja o distanciamento do olhar de Deus, isto é, da eternidade, e introduz em sua narrativa, uma transcendência com a qual, em última instância, se identifica. Efeitos totalmente diferentes do mesmo procedimento podem ser imaginados: efeitos de contingência, de desdobramento ou de distanciamento irônico. [...] *A existência destes textos bilíngües, verdadeiras pedras da Roseta da identidade, é preciosa, pois confirma a possibilidade da narrativa autobiográfica ‘em terceira pessoa’.*<sup>79</sup> (grifos nossos)

Convém ainda lançar mão das considerações de Lejeune sobre a autobiografia e transportá-las ao universo romanescos para cogitar que o narrador de *Diario de la guerra del cerdo*, em uma espécie de “fingimento escritural”<sup>80</sup>, tenha utilizado a terceira pessoa com o objetivo de estabelecer um distanciamento em face de eventos traumáticos vividos e, também, para conferir maior credibilidade ao testemunho concernente às agressões perpetradas por jovens contra velhos. Percebe-se, porém, a impossibilidade de eleição, em definitivo, de uma das hipóteses acima listadas como resposta sobre o estatuto do narrador no romance.

Desse modo, a roleta entre as três proposições movimenta-se como um moto contínuo, preservando uma nebulosidade acerca do narrador e impedindo sua classificação de maneira inequívoca. Em última análise, pode-se apenas apontar certo reforço à primeira e à segunda hipótese – autodiegese e homodiegese – por meio das passagens listadas a seguir, que indicam momentos de interseção entre tempo da narração e passado narrado e sugerem que o narrador viveu ou testemunhou eventos por ele expostos: (i) “Privado de ese vetusto artefacto, Vidal echaba de menos las cotidianas ‘charlas de fogón’ de un tal Farrell, a quien la opinión señalaba como secreto jefe de los Jóvenes Turcos, movimiento que brilló como una estrella fugaz en nuestra larga noche política.”<sup>81</sup> (grifo nosso); (ii) “Como la noche del

<sup>79</sup> LEJEUNE. *O Pacto Autobiográfico*. De Rousseau à Internet, pp. 16-7.

<sup>80</sup> SECCO. *Além da Idade da Razão: longevidade e saber na ficção brasileira*, p. 40.

<sup>81</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 7. “Privado do vetusto artefato, Vidal sentia falta dos cotidianos ‘bate-papos em volta da fogueira’ de um tal Farrell, a quem a opinião pública apontava como chefe secreto dos Jovens Turcos, movimento que brilhou como uma estrela fugaz em nossa longa noite política.” (grifo nosso) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 5. Esclareça-se, por oportuno, que as citações referentes ao romance estudado apresentarão, no corpo do trabalho, o texto original em edição publicada pela Emecé no ano de 2005. As respectivas traduções para a língua portuguesa constarão de notas de rodapé e serão extraídas da edição publicada pela Cosac Naify em 2010.

25 asumirá en el recuerdo aspectos de sueño y aun de pesadilla, conviene señalar pormenores concretos. *El primero que me viene a la mente* es que Vidal perdió todos los partiditos.”<sup>82</sup> (*grifo nosso*); (iii) “Para que su imagen [da noite de 25 de junho] reviva en la memoria, *señalo otro aspecto de esa noche: el frío*”<sup>83</sup> (*grifo nosso*). Com efeito, as passagens destacadas preservam a mencionada obscuridade acerca do estatuto do narrador e motivam indagações como a de Javier de Navascués:

em “[...] *Diario de la guerra del cerdo*, se mencionan, referiéndose a Farrell, las ‘cotidianas charlas de fogón’ y el texto señala que a Vidal le interesaba “esa cálida voz tan nuestra”. ¿A quién pertenece esa opinión, al narrador o al ingenuo y repentinamente patriotero Vidal? El punto de vista ambiguo es una técnica predilecta del autor.”<sup>84</sup>

Levando-se em conta a primeira passagem enumerada no parágrafo anterior, é razoável inferir que o diário tenha sido escrito após a resolução da *guerra al cerdo*. Afinal, o narrador antecipa, logo ao primeiro parágrafo do romance, que o movimento dos chamados *Jóvenes Turcos* brilhou como uma estrela fugaz e que, por conseguinte, não mais existe no momento da narração. A opção do autor do diário por escrever após o evento traumático – não se sabe exatamente o distanciamento temporal em que se coloca o narrador – pode constituir uma tentativa de controle da significação dos eventos narrados, a exemplo do que faz Robinson Crusoe em relação a seu diário, que se encontra no interior de uma narrativa romanesca:

*Ao relatar o que já é o passado da minha história, será mais fácil de se acreditar*, quando eu acrescentar que, através de toda a variedade de desgraças que se abateram sobre mim desde aquele dia, nunca as encarei, como alguém pode pensar, como sendo obra da mão de Deus, nem que foi um castigo justo pelos meus pecados”.<sup>85</sup> (*grifo nosso*)

Importa ressaltar, porém, que o controle de significação em *Diario de la guerra del cerdo* não se estende ao ponto de ensejar explicações de ordem metafísica para o que se passa na vida de *don Isidro*. Sob este prisma, a narrativa se distancia de uma característica verificada por Ian Watt no diário de Robinson Crusoe, qual seja, a existência de um “auto-

<sup>82</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 10. “Como a noite de 25 assumirá na lembrança aspectos de sonho e até de pesadela, convém assinalar pormenores concretos. *O primeiro que me vem à mente* é que Vidal perdeu todas as partidas.” (*grifo nosso*) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 8.

<sup>83</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 11. “Para que sua imagem reviva na memória, *assinalo outro aspecto daquela noite: o frio*.” (*grifo nosso*) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 8.

<sup>84</sup> NAVASCUÉS. *El esperpento controlado*. La narrativa de Adolfo Bioy Casares, p. 65. Em “[...] *Diario de la guerra del cerdo*, mencionam-se, em referência a Farrell, os ‘quotidianos bate-papos em torno da fogueira’, e o texto assinala que Vidal se interessava por ‘essa cálida voz tão nossa’. A quem pertence essa opinião: ao narrador ou ao ingênuo e repentinamente patrioteiro Vidal? O ponto de vista ambíguo é uma técnica predileta do autor.” (*tradução nossa*)

<sup>85</sup> DEFOE. *Robinson Crusoe*, pp. 146-7.

exame religioso”<sup>86</sup> a partir do qual o naufrago da obra de Daniel Defoe esboça interpretações para os eventos que o afetam.

A indefinição quanto ao estatuto do narrador de *Diario de la guerra del cerdo*, aliada à utilização de características próprias de um diário, guarda afinidade com afirmação de Mikhail Bakhtin, segundo o qual “o romance é um gênero em devir”, passível de modificações em seu modo de estruturação.<sup>87</sup> A aproximação entre o romance em análise e a ponderação de Bakhtin ocorre, também, pelo modo como a narrativa é organizada: os quarenta e nove capítulos do romance são mesclados a uma intermitente indicação de datas, dispostas à maneira de um diário, sendo este amalgamado às vozes das personagens e a menções a outros registros textuais, como versos de músicas. Os capítulos compreendidos entre uma data e outra apresentam séries de eventos ocorridos no decurso de um dia, e resultam na seguinte distribuição do tempo na narrativa: o período de segunda-feira, 23 de junho, a quarta-feira, 25 de junho, encontra-se no capítulo I; o dia 26 de junho, quinta-feira, nos capítulos II a V; a sexta-feira, 27 de junho, nos capítulos VI a VIII; o sábado, 28 de junho, nos capítulos IX a XI; o domingo, 29 de junho, nos capítulos XII a XXII; a segunda-feira, 30 de junho, nos capítulos XXIII a XXXI; a terça-feira, 1º de julho, de XXXII a XLVI. Os capítulos XLVII a XLIX, posteriores à *guerra al cerdo*, são precedidos do informe “Pocos días después”.

Cumprе ressaltar que o entrelace de narrativa romanesca e aspectos característicos de um diário já havia sido realizado por Adolfo Bioy Casares dezoito anos antes da publicação de *Diario de la guerra del cerdo*. Com efeito, verifica-se em *A invenção de Morel*, publicado em 1940, uma combinação daqueles dois gêneros textuais, o que sugere a razoabilidade quanto ao estabelecimento de um diálogo dois textos casareanos que, via de regra, não são aproximados pela crítica literária voltada à obra de Bioy Casares. Levando-se em consideração, desse modo, similaridades no que toca a elementos estruturais de *Diario de la guerra del cerdo* e *A invenção de Morel*, é possível perceber vestígios de uma “memória textual”<sup>88</sup> nos processos de composição a que se dedicou aquele escritor argentino.

Finalmente, observa-se que o sujeito da enunciação presente em *Diario de la guerra del cerdo* efetua um desvio em relação à narrativa de cunho memorialista,

<sup>86</sup> WATT. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*, p. 68.

<sup>87</sup> MACHADO. *A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin*, p. 137.

<sup>88</sup> Em dissertação elaborada sob a orientação da professora Haydée Ribeiro Coelho, Melissa Cobra Torre procede ao exame de textos literários de Antonio Tabucchi e utiliza o termo “memória textual” em referência ao “[...] jogo intertextual que cria uma ligação entre os textos do escritor italiano instaurando a memória textual delineada nos escritos ficcionais de Antonio Tabucchi.” Cf. TORRE. *Viagem, identidade e memória textual em Antonio Tabucchi*, p. 16.

caracterizada pela evasão a um campo de recordações que pode alcançar tempos longínquos. No romance, executa-se um recorte temporal que dá a conhecer, apenas, pouco mais de uma semana da vida de um sexagenário. São poucas as vezes em que o leitor tem acesso a reminiscências acerca da infância e da mocidade de *don* Isidro, e, quando isso ocorre, verifica-se uma relação entre aquelas lembranças e o evento narrado. O narrador não se dedica, portanto, a um arrazoado sobre o passado remoto, tampouco a uma apologia das tradições como estratégia de defesa do idoso diante dos ataques empreendidos por jovens.

Além disso, percebe-se ao longo da narrativa que o tema da velhice, problematizado naquele curto espaço temporal, não emerge suavemente. Ao contrário, vem à tona por meio da exposição de situações nas quais o protagonista é confrontado pelo meio e impelido a refletir sobre as implicações do processo de envelhecimento em que se encontra. O narrador não simplifica o tema da velhice isolando-o dos demais aspectos da existência humana, pois, uma vez expostas as inquietações e experiências de *don* Isidro, nota-se que este reconhece, gradualmente, a superveniência dos efeitos do tempo, mas não abre mão de sua própria complexidade, como se pretendesse afirmar, a partir de suas meditações e de seu comportamento: *Não sou velho, apenas. Sou velho também.*

### **1.3 Um homem-ilha: *don* Isidro ensimesmado**

Assim como em *A invenção de Morel*, de 1940, a finitude da existência é objeto de conflito no romance *Diario de la guerra del cerdo*, publicado em 1969. Conforme exposto na primeira seção deste capítulo, o tema da mortalidade humana na obra de Adolfo Bioy Casares já foi, em importante medida, objeto de estudos por parte da crítica literária. Afigura-se pertinente, por isso, levar o tema em consideração mas, concomitantemente, adotar uma perspectiva diversa de leitura, que ofereça contribuições à fortuna crítica relativa à obra casareana. Ainda segundo afirmado ao início deste capítulo, a abordagem ora proposta possui, como fio condutor, o insulamento verificado no romance em análise, tomando-se por foco as reflexões de Isidoro Vidal, seu protagonista, e os eventos que ocorrem a sua volta. Para refletir sobre o insulamento vivido por *don* Isidro, importa considerar, de início, a relação entre a personagem e o espaço por onde esta transita.

Em *Diario de la guerra del cerdo*, que se passa na Buenos Aires da primeira metade do século XX,<sup>89</sup> o compasso da quotidianidade sofre abalos. Por motivos não explicitados publicamente, jovens da cidade, liderados por um demagogo de nome Arturo Farrell, empreendem ataques contra idosos, ferindo-os e, em alguns casos, tirando-lhes as vidas. Em um bairro situado ao norte da capital argentina, seis amigos de longa data – *don* Isidro, Jimi, Néstor, Arévalo, Rey e Dante – têm suas vidas afetadas pelas ações violentas dos chamados *Jóvenes Turcos*. A ameaça à integridade física em decorrência da atitude de desconhecidos não é, entretanto, o único motivo de apreensão para o grupo de amigos. Estes, que carinhosamente se autodenominam *muchachos*<sup>90</sup>, são assombrados pela agonia da insegurança no espaço privado, nas relações familiares e no exercício de atividades até então triviais, como a ida a um estabelecimento comercial com o qual já estavam habituados. Para expor a dificuldade de trânsito ocasionada pela *guerra al cerdo*, estabelece-se na narrativa um entrecruzamento da Buenos Aires real com uma cidade ficcional, recurso verificado por Noemí Ulla em outros textos literários casareanos que mostram pontos de contato entre “[...] la ciudad imaginaria y la ciudad real, la ciudad presente y la presentida”<sup>91</sup>. Sobre esse aspecto da escrita de Adolfo Bioy Casares, Ofelia Kovacci observa que

la localización de muchas ficciones establece un fuerte contraste con la fantasía, de cuya tensión interna surge el efecto total. El realismo geográfico [...], lejos de anclarnos en una realidad “verdadera”, obra a

<sup>89</sup> A propósito do momento histórico que, hipoteticamente, serviria como pano de fundo para os eventos narrados em *Diario de la guerra del cerdo*, vale destacar a reflexão do escritor e crítico Enrique Anderson Imbert. Ao cogitar a possibilidade de uma aproximação entre o enredo de *Diario de la guerra del cerdo* e a recente história política argentina, Imbert analisa as datas registradas no romance e traça um paralelo entre uma personagem e um sujeito histórico: “El error (por lo menos el de mi primera impresión) estuvo en creer que la acción de la novela transcurría en 1969. Repárese en que el capítulo inicial está fechado el ‘miércoles 25 de junio’. Ahora bien, el 25 de junio cayó en miércoles únicamente en 1947 y 1952. (Quiero suponer que Bioy Casares sabía lo que hacía al usar el calendario.) Puesto a elegir entre ambas fechas, yo me inclinaria por la de 1947 porque el nombre asignado al jefe de las agrupaciones juveniles, ‘Farrell’, suena al eco del nombre del general Edelmiro J. Farrell, presidente de facto de la Argentina, quien en 1945 le facilitó a su ministro Perón el acceso a la presidencia constitucional.” Cf. IMBERT. *Nuevos estudios sobre letras hispanas*, p. 21. “O erro (pelo menos o de minha primeira impressão) esteve em acreditar que a ação do romance transcorria em 1969. Repare-se que o capítulo inicial está datado de ‘quarta-feira 25 de junho’. Ora, 25 de junho caiu numa quarta-feira unicamente em 1947 e 1952. (Quero supor que Bioy Casares sabia o que estava fazendo ao usar o calendário.) Tendo que escolher entre ambas as datas, eu me inclinaria pela de 1947 porque o nome atribuído ao chefe dos agrupamentos juvenis, ‘Farrell’, lembra o nome do general Edelmiro J. Farrell, presidente de fato da Argentina, que em 1945 facilitou a seu ministro Perón o acesso à presidência constitucional.” (*tradução nossa*) Observando-se a linha de raciocínio adotada por Imbert, pode-se acrescentar a possibilidade de que o prenome do líder dos *Jóvenes Turcos* esteja associado ao general Arturo Rawson. Em 1943, Rawson participou das ações de tomada do poder por meio de golpe militar orquestrado pelo “Grupo de Oficiales Unidos” – GOU (que contou com a liderança de Juan Domingo Perón), e exerceu a função de presidente *de facto* entre 4 e 7 de junho daquele ano. Ter-se-ia em âmbito ficcional, desse modo, a combinação de nomes pertencentes a atores políticos relacionados à ulterior ascensão de Perón ao poder. Sobre a atuação de Arturo Rawson, cf. JITRIK. *Panorama histórico de la literatura argentina*, p. 226.

<sup>90</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 9. “rapazes” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 7.

<sup>91</sup> ULLA. *De las orillas del Plata*, p. 163. “[...] a cidade imaginária e a cidade real, a cidade presente e a presentida”. (*tradução nossa*)

modo de catalizador de la desrealización, es el medio de que resulte más eficaz la fantasía misma.<sup>92</sup>

O acesso do leitor aos elementos constitutivos do espaço ficcional casareano ocorre por meio das andanças de *don* Isidro. Ainda segundo Noemí Ulla, verifica-se

la descripción que se observa al caminar, o aquella que Philippe Hamon designa *descripción ambulatoria*, tan propia de Zola, de Flaubert, del *Bildungsroman* de técnica innovadora, de Borges y de Arlt. Las caminatas pueblan las narraciones de Bioy Casares cuando el periplo se hace en Buenos Aires y el suspenso se mantiene o crece al mismo tiempo que la caminata, que suele presentar obstáculos.”<sup>93</sup> (*grifo original*)

O viés da incerteza atravessa a trama e motiva indagações sobre o porquê dos ataques, sobre quem são os agressores e quem são as vítimas, quem é considerado idoso e quem não o é e, ainda, quem apoia as agressões. O estado de hesitação emerge, também, do olhar do homem para si mesmo: o que minha face, meus cabelos, minhas rugas e meu caminhar revelam? Sou idoso? Quais as consequências de uma resposta afirmativa a essa pergunta? Indagações como essas surgem à medida que os atos de hostilidade ocorrem. Não há respostas claras ou definitivas para tais questões; há, entretanto, consequências imediatas decorrentes da conduta dos *Jóvenes Turcos*. Para as potenciais vítimas, o ato de transitar pela cidade ganha nova significação, e a malevolência dirigida aos velhos estabelece um distanciamento destes em relação aos demais. O deslocamento dos idosos a posições de constrangimento e marginalização leva-os a momentos e situações de insulamento e os aproxima da condição de ilhas cerceadas por águas revoltas.

As práticas rotineiras se contaminam pela dúvida, e qualquer traço distinto na fisionomia do outro pode motivar desconfianças. É o que se verifica em uma das primeiras travessias feitas por *don* Isidro no espaço público, quando, na manhã seguinte à morte de *don* Manuel, um jornaleiro idoso, o protagonista se dirige ao atelier de costura localizado em uma das dependências da pensão onde mora para usar o telefone. Vidal imagina que as costureiras possam se acumpliciar na troca de sorrisos em razão de sua dentadura, novidade que levava na face. Todavia, o protagonista não encontra olhares de jocosidade por parte das mulheres: “no sorprendió una sola sonrisa, ni nada que sugiriera la burla. Vio caras graves,

<sup>92</sup> KOVACCI. *Adolfo Bioy Casares*, p. 22. Kovacci observa que “a localização de muitas ficções estabelece um forte contraste com a fantasia, de cuja tensão interna surge o efeito total. O realismo geográfico [...], longe de nos ancorar em uma realidade ‘verdadeira’, opera ao modo de catalisador da desrealização, é o meio do qual resulta mais eficaz a fantasia mesma.” (*tradução nossa*)

<sup>93</sup> ULLA. *De las orillas del Plata*, p. 170. Verifica-se “a descrição que se observa ao caminhar, ou aquela que Philippe Hamon designa *descripción ambulatoria*, tão própria de Zola, de Flaubert, do *Bildungsroman* de técnica inovadora, de Borges e de Arlt. As caminhadas povoam as narrações de Bioy Casares quando o périplo é feito em Buenos Aires e a suspensão se mantém ou cresce durante a caminhada, que costuma apresentar obstáculos.” (*tradução nossa*)

preocupadas, assombradas, quizá temerosas y aun coléricas. Todo esto le pareció inexplicable.”<sup>94</sup> As expressões encontradas nos rostos daquelas mulheres bem podem ser interpretadas como fruto da imaginação de *don* Isidro, inseguro quanto ao uso da dentadura. Porém, nos dias daquela *guerra al cerdo*, simples olhares merecem interpretações cautelosas. Haveria mensagens de reprovação nos semblantes das costureiras? Em caso afirmativo, a reprovação estaria dirigida aos *Jóvenes Turcos* ou aos idosos? Uma a uma, tais dúvidas se acumulam e passam a habitar as reflexões de *don* Isidro, que, na maioria das vezes, guarda-as apenas para si.

Percebe-se que, a seu modo, Vidal oferece resistência às paulatinas rupturas que abalam seu cotidiano durante a *guerra al cerdo*. Ao início da narrativa, o protagonista ainda procura a estabilidade que caracterizava o espaço por onde transita: “en voz alta se preguntó qué tenía esa mañana la ciudad, porque parecía más linda y más alegre.”<sup>95</sup> Com essa observação, *don* Isidro parece reivindicar a manutenção do sentimento de pertença à cidade e a sensação de acolhida em um ambiente onde possa encontrar traços de sua memória afetiva e das práticas que lhe são familiares. A reclamação dos vínculos positivos com o espaço a seu redor implica, ademais, uma tentativa de escape tanto dos estranhos olhares dos pedestres quanto da angústia sentida em relação ao não recebimento de sua aposentadoria – supostamente, uma medida de apoio do Estado aos *Jóvenes Turcos*. Enquanto percorre a avenida Las Heras, *don* Isidro promove o contato entre duas temporalidades distintas, quais sejam, a de suas lembranças e a daquela manhã em que a mirada alheia o perturba. Como assinala Hans Belting, citado por Elisa Maria Amorim Vieira, “o intercâmbio entre experiência e recordação, diz Belting, é um intercâmbio entre mundo e imagem. Dessa forma, tais imagens participam em cada nova percepção do mundo, uma vez que se superpõem às impressões sensoriais.”<sup>96</sup> No caso de *don* Isidro, para além de uma superposição, opera-se uma desconfortável fricção entre as imagens pretéritas de Buenos Aires, condensadas na observação positiva sobre a cidade, e a interação pouco aprazível de olhares.

A resistência oferecida por *don* Isidro ao deslocamento imposto pela *guerra al cerdo* também se deixa verificar no zelo demonstrado pela personagem quanto à manutenção

<sup>94</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 18. “não surpreendeu um único sorriso, nem nada que sugerisse gozação. Viu caras graves, preocupadas, assombradas, talvez temerosas e até coléricas. Tudo isso lhe pareceu inexplicável.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 15.

<sup>95</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 20. “perguntou-se em voz alta o que tinha a cidade naquela manhã, que parecia mais bela e mais alegre.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 16.

<sup>96</sup> BELTING *apud* VIEIRA. 1936-1937: imagens e memórias de um cotidiano *virtualmente abolido*, p. 302.

da estabilidade das relações sociais de que participa. Vidal não abre mão das habituais visitas à padaria do amigo Rey, ainda que as filhas deste lhe dispensem um tratamento ríspido. Importa ressaltar que a resistência apresentada por *don* Isidro não ganha proporções de embate ou radical apego ao passado. Em suas caminhadas, o homem percebe a inexorável mudança nas feições da cidade, mas não as maldiz ou se atém de modo angustiado a uma reflexão aprofundada sobre aquelas alterações. Nessa linha de raciocínio, destaca-se a passagem em que, diante de uma casa em processo de demolição, *don* Isidro detém a caminhada para mirar um cômodo e formular uma observação despretensiosa: “Debió de ser una sala.”<sup>97</sup> A resignação e, possivelmente, a relativa indiferença esboçadas defronte o prédio parcialmente destruído estabelecem importante e belo contraste com o estranhamento da personagem em relação às mudanças notadas no próprio corpo, caracterizadas, por exemplo, pelas dores nas costas e por uma dificuldade de digestão que outrora não existia.

Segundo afirmado acima, *Diario de la guerra del cerdo* não consiste em memorial composto por um amplo conjunto de recordações concernentes às experiências de *don* Isidro. Verifica-se que a visita às lembranças, quando se realiza, possui certa conotação utilitária, já que almeja conforto ou expressa um intento de fuga das reconfigurações promovidas na cidade pela *guerra al cerdo*. Na impossibilidade de um amplo compartilhamento daquelas memórias – ou mesmo em razão de um desinteresse em fazê-lo quando em companhia dos *muchachos* –, Vidal acaba por explorá-las na solidão de suas próprias meditações, o que contribui para a incrustação da personagem. O protagonista recorre ao alento propiciado pelas lembranças, por exemplo, durante o velório de Huberman, uma das vítimas dos jovens. Ainda que os demais presentes à ocasião funesta não o saibam, *don* Isidro mais é confortado que conforta, já que a lembrança dos laços afetivos com a família do falecido consiste em afirmação de que a personagem possui vínculos com o meio em que vive e não foi completamente posta à margem em razão da *guerra*.

A personagem também recorre à mescla entre memória, imaginação e sonho para se refugiar dos dias de violência na capital argentina. Certa noite, *don* Isidro imagina ou sonha estar envolto na segurança da casa paterna e ouve latir, no pátio da casa de outros tempos, seu cão Vigilante. Convertendo aquela casa em lugar de memória, *don* Isidro para lá transporta a figura de seu filho Isidorito, que, durante a vigília, não mostra paciência para conversar com o pai. O cachorro também retorna às recordações do protagonista quando este lembra que, já velho, aquele animal passou a perseguir as cadelas do bairro, o que *don* Isidro

---

<sup>97</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 22. “Deve ter sido uma sala.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 19.

associa a uma perda de dignidade. O recurso a lugares de memória ocorre, ainda, quando Vidal atribui nova significação ao espaço da cidade onde vive. Na noite em que o amigo Néstor – outra vítima dos jovens – é velado, o protagonista se depara com fogueiras de São João e São Pedro nas ruas. Ao invés de atribuir à cena a costumeira significação de uma festividade religiosa, Vidal associa as fogueiras a um quadro que teria visto quando menino, no qual Orfeu ou uma figura demoníaca toca violino em meio às chamas do inferno. Ao analisar a passagem em que *don* Isidro se depara com aquelas fogueiras, Javier de Navascués assinala seus traços diabólicos e ressalta a presença de elementos grotescos na narrativa:

La noche encubre una conducta carnavalesca que pretende instaurar un reino de perpetua vida, de regeneración social completa. Los jóvenes no quieren llegar a viejos y los asesinan “más por diversión que por saña” al arrojarlos a la (*sic*) hogueras de San Pedro y San Pablo (DGC, 124). El Carnaval de Bioy Casares no es, sin embargo, optimista como el que estudia Bajtín. Parece heredero más bien del grotesco romántico de Kayser. No hay posibilidad de relevo y de resurgimiento a través de la locura carnavalesca. Al concluir la novela, todo sigue igual que antes. Tras la violencia, los jóvenes vuelven a sus hábitos anteriores y los viejos reanudan las partidas de truco. Sólo Vidal ha cambiado, pero se trata de un caso singular. Y –no lo olvidemos– la transformación carnavalesca popular de Bajtín tiene un carácter colectivo. De manera acaso más intensa que en narraciones anteriores (“Clave para un amor”, “Un león en el bosque de Palermo” o incluso *El sueño de los héroes*), esta novela hace reflexionar sobre el humano corazón de las tinieblas, ese fondo oscuro y bárbaro de la conciencia que puede anular la libertad racional cuando perdemos la perfecta posesión de nuestras facultades.<sup>98</sup>

Se as turbações na dinâmica social contribuem para o ensimesmamento da personagem, o ambiente privado o potencializa. Antes de acompanhar *don* Isidro em suas caminhadas, o leitor é convidado, logo à primeira página de *Diario de la guerra del cerdo*, a dirigir sua atenção para o espaço de um quarto fechado. Neste compartimento está o aposentado portenho Isidoro Vidal, que se aproxima dos sessenta anos de idade. Os limites de sua privacidade estão circunscritos àquelas quatro paredes, localizadas em uma pensão, que mais parecem abafar do que acolher: “Confinado a su cuarto, y al contiguo de su hijo

---

<sup>98</sup> NAVASCUÉS. *El esperpento controlado*. La narrativa de Adolfo Bioy Casares, pp. 76-7. “A noite encobre uma conduta carnavalesca que pretende instaurar um reino de perpétua vida, de regeneração social completa. Os jovens não querem chegar a velhos e os matam “mais por diversão que por fúria”, ao arremessá-los às fogueiras de São Pedro e São Paulo (DGC, 124). O Carnaval de Bioy Casares não é, contudo, otimista como o que estuda Bakhtin. Parece sim herdeiro do grotesco romântico de Kayser. Não há possibilidade de mudança e de ressurgimento por meio da loucura carnavalesca. Ao concluir o romance, tudo segue como era antes. Após a violência, os jovens voltam a seus hábitos anteriores e os velhos retomam as partidas de truco. Só Vidal mudou, mas se trata de um caso singular. E – não esqueçamos – a transformação carnavalesca popular de Bakhtin tem um caráter coletivo. De maneira talvez mais intensa que em narrativas anteriores (“Chave para um amor”, “Um leão no bosque de Palermo” ou inclusive *O sonho dos heróis*), este romance faz refletir sobre o humano coração das trevas, esse fundo escuro e bárbaro da consciência que pode anular a liberdade racional quando perdemos a perfeita posse de nossas facultades.” (*tradução nossa*)

Isidorito, quedó por entonces desvinculado del mundo.”<sup>99</sup> Os momentos de retiro são consequência de dores em um dente molar, e os dias posteriores, em que “la fiebre le daba pretextos para seguir en el cuarto y no dejarse ver”<sup>100</sup>, decorrem da visita de *don* Isidro a um dentista, ocasião em que teve todos os seus dentes retirados e substituídos por uma dentadura. O isolamento físico em que inicialmente se encontra Vidal acaba por sugerir os demais níveis de insulamento experimentados pelo protagonista ao longo do romance.

Os primeiros parágrafos do texto ilustram, também, a maneira como se estabelecem relações de poder em face do idoso. Em sua ida a um consultório dentário, *don* Isidro espera cessar a dor causada por apenas um dente. No entanto, a violência do procedimento técnico-científico inutiliza toda sua arcada dentária porque, segundo o dentista, “a cierta edad las encías, como si fueran de barro, se ablandan por dentro y [...] felizmente ahora la ciencia dispone de un remedio práctico: la extirpación de toda la dentadura y su remplazo por otra más apropiada.”<sup>101</sup> Na remoção dos dentes de *don* Isidro, verifica-se o exercício de poder da ciência diante do homem velho, que tem parte de seu organismo considerado inútil ou indesejável. A medida adotada pelo dentista, autoridade portadora do conhecimento, proporciona ao paciente um estado de desassossego maior que quaisquer sensações de alívio e satisfação. Essa brutalidade empreendida pela ciência em relação ao corpo humano foi problematizada por Adolfo Bioy Casares, também, em *Dormir al sol*, no qual o tratamento ministrado pelo doutor Reger Samaniego à personagem Diana afeta drasticamente a vida desta e a de seu marido, Lucio Bordenave.<sup>102</sup> Sobre este aspecto, ambos os romances vão ao encontro da assertiva de Anthony Giddens, segundo o qual um dos desdobramentos de nossa época reside na “confiança”<sup>103</sup> – equiparada a um “artigo de fé”<sup>103</sup> – forçosamente depositada pelo leigo em chamados “sistemas peritos”<sup>103</sup>, isto é, campos especializados do saber que dificilmente são questionados e reduzem o nível de autonomia do sujeito na tomada de decisões.

Verifica-se que o homem confinado em seu quarto sofre, e a incomunicabilidade, para além da dor física, é uma das razões de seu desconforto. A exposição de tal sofrimento não resulta, entretanto, na configuração de uma pura vítima das circunstâncias. Fechado em

<sup>99</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 7. “Confinado no seu aposento e no quarto contíguo de seu filho Isidorito, ficou desde então desvinculado do mundo.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 5.

<sup>100</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 9. “a fiebre servia de pretexto para continuar no quarto e não ser visto.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 7.

<sup>101</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 8. “a partir de uma certa idade as gengivas, como se fossem de barro, amolecem por dentro, e [...] felizmente agora a ciência dispunha de um remédio prático: a extirpação de toda a dentadura e sua substituição por outra mais apropriada.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 6.

<sup>102</sup> CASARES. *Dormir al sol*, *passim*.

<sup>103</sup> GIDDENS. *As consequências da modernidade*, *passim*.

seu quarto, *don* Isidro revela ao leitor uma possível contradição que leva consigo: o protagonista sente falta das notícias veiculadas pelo rádio – o aparelho que lhe pertence está quebrado – e, sobretudo, dos pronunciamentos de Farrell, o chefe dos *Jóvenes Turcos*. Percebe-se que *don* Isidro admira, justamente, as habilidades retóricas de seu potencial algoz. Embora seja aparentemente paradoxal, essa informação indica um importante nível de complexidade na caracterização do protagonista de *Diario de la guerra del cerdo*, já que *don* Isidro ora percebe o idoso como “o outro” e assim o condena, ora se depara com o idoso em si mesmo. Estendida à *guerra al cerdo* como um todo, essa ambiguidade revela a ausência de lados precisamente demarcados e em clara oposição de interesses, pois, conforme exposto no terceiro capítulo deste estudo, o jovem agressor e o idoso que ele virá a ser estão na mesma pessoa. Cumpre observar que a complexidade do herói é construída, também, pela combinação entre arroubos de coragem, em que se nega a permanecer no quarto e ganha as ruas, e momentos de covardia, consubstanciados, por exemplo, na incapacidade de discordar das impiedosas opiniões da vizinha Antonia sobre o velho Faber e na fuga para o sótão quando da ida dos *Jóvenes Turcos* a seu quarto.

Seria razoável esperar que *don* Isidro encontrasse a sensação de acolhimento no ambiente privado. Não é o que ocorre, contudo, conforme assinala a experiência vivida pelo protagonista na noite de 25 de junho. Quando decide romper seu retiro para se encontrar com os amigos no café de Canning, *don* Isidro acaba por testemunhar o assassinato do jornalista *don* Manuel. É importante atentar para o estado de *don* Isidro quando do retorno a seu quarto, pois o evento traumático o acompanha, avivando o mal-estar que o homem já trazia em si e influenciando a maneira como aquele olha para o espaço privado: “El cuarto le pareció inhospitalario. Últimamente sentía una invencible propensión a la tristeza, que modificaba el aspecto de las cosas más habituales. De noche veía los objetos de su cuarto como testigos impasibles y hostiles.”<sup>104</sup>

Impossibilitado de compartilhar a experiência traumática com os *muchachos*, que desaparecem na escuridão da rua, e com seu filho, que trabalha à noite e com quem pouco conversa, *don* Isidro é impelido a repassar, sozinho, as lembranças do crime presenciado. Consequentemente, a personagem atravessa a noite como quem experimenta um mau sonho em plena vigília. Conforme havia antecipado o narrador, a noite do dia 25 assumiria contornos de sonho ou mesmo de pesadelo. É próprio do domínio onírico que as

---

<sup>104</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 15. “O quarto lhe pareceu inóspito. Últimamente sentia uma invencível propensão à tristeza, que modificava o aspecto das coisas mais habituais. À noite, via os objetos de seu quarto como testemunhas impassíveis e hostis.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 12.

imagens não se articulem de maneira coerente, tampouco clara. Por isso, ao visitar as cenas da morte de *don* Manuel, Isidoro Vidal não indaga por que motivo o ato concreto de violência teria ocorrido. Afastando-se do foco – a violência dirigida ao idoso –, *don* Isidro pende para uma atitude semelhante ao delírio e, em um fervilhar de ideias, devaneia sobre formulações de uma teoria geral da violência. Somente com o levantar do sol, *don* Isidro cai no sono e se vê livre do pesadelo do crime testemunhado.

Cumprir observar que a agitação experimentada por Vidal durante a madrugada ocasiona o desdobramento de sua situação insular, inicialmente restrita à dimensão física e à impossibilidade de acesso a veículos de comunicação de massa, como o rádio e o jornal. O protagonista de *Diario de la guerra del cerdo* vivencia situações de insulamento psíquico, pois embora transite pela cidade e mantenha conversas com seus amigos e com outras personagens do romance, não alcança momentos em que haja uma comunicação efetiva com seus interlocutores. Entre si e o outro – o filho Isidorito, Nélide, as costureiras do atelier, os vizinhos e os comerciantes – estão olhares incertos, diálogos pouco claros e dúvidas que *don* Isidro passa a nutrir sobre si mesmo.

Nas conversas de que participa, *don* Isidro não expõe a seu interlocutor as angústias que o afligem. Exemplo disso é o episódio em que o protagonista é agredido a garrafadas e, momentos após, vai ao encontro de Jimi, seu amigo mais próximo. Neste, *don* Isidro encontra a segurança proporcionada pelo sentimento de amizade<sup>105</sup>, mas, curiosamente, não compartilha a angústia de ter passado por uma experiência de agressão naquele mesmo dia. Ao contrário, Vidal opta por concentrar seu relato na vulnerabilidade de outrem, referindo-se à ida a um prostíbulo no dia anterior, a convite de Leandro Rey, e tecendo considerações de repulsa acerca do amigo idoso, no qual constatara humilhante expressão de sexualidade. Nesse caso, o insulamento consiste em mecanismo de defesa, ou mesmo de fuga, por meio do qual *don* Isidro rejeita admitir a própria vulnerabilidade e, bem assim, o processo de envelhecimento que recai sobre si.

Em importante medida, a comunicação entre *don* Isidro e os demais padece da falta de profundidade pelo fato de aquele encobrir suas fragilidades e receios e por não tomar, para si, o discurso queixoso da vítima – até porque a ocupação do lugar da vítima pressupõe a assunção, em face dos demais, da condição de sujeito envelhecido. Durante conversa com os *muchachos*, *don* Isidro os alerta sobre o risco de agressões dirigidas aos idosos sem, contudo, reconhecer expressamente que ele também é um possível alvo de

---

<sup>105</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 78. “Uma velha amizade é como uma casa grande e confortável, em que a gente vive à vontade.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 73.

ataques: “—Yo creo que Farrell ha dado conciencia a la juventud. Si estás en contra de las charlas de fogón, todavía te van a confundir con los matusalenes.”<sup>106</sup> Em algumas de suas reflexões, *don* Isidro confessa sentir alívio por ainda não ser velho, como na passagem em que consegue escapar, correndo, de agressões físicas ocorridas durante o enterro do amigo Néstor. Por outro lado, a personagem também medita sobre seu processo de envelhecimento, que se manifesta, por exemplo, na dor nas costas, na dificuldade de lavar a própria roupa nos baixos tanques do inquilinato e na diferença de idade que guarda em relação a Nélida. Raramente, porém, suas inquietações sobre a chegada da velhice são confessadas a um interlocutor.

Os obstáculos discursivos se devem, também, a uma série de conversações evasivas, entabuladas entre os *muchachos*, durante as quais *don* Isidro procura respostas sobre questões relativas à *guerra al cerdo* e dificilmente as obtém. Isso ocorre, por exemplo, na ocasião em que *don* Isidro busca informações sobre o velório de *don* Manuel e ouve, de Jimi, a réplica “—¿A quién?” para a indagação “—¿Dónde lo velan?”. Ademais, Jimi tece a observação “Fíjate, sino, en esta guerra”, mas não presta qualquer esclarecimento após a pergunta “—¿Qué guerra?”, feita por *don* Isidro.<sup>107</sup> A falta de clareza no intercâmbio de precauções também é percebida no episódio em que *don* Isidro pergunta a Arévalo se poderia ser considerado velho aos olhos dos *Jóvenes Turcos*, e o amigo simplesmente afirma “—Qué disparate”<sup>108</sup>, como se a delimitação de idades fosse um aspecto claro no contexto do conflito. A ausência de tal intercâmbio é verificada, ainda, na visita feita por Jimi a Vidal, ocasião em que o primeiro mostra a cautela de partir antes da chegada de Isidorito. Com isso, Jimi demonstra estar ciente de que o rapaz é um dos *Jóvenes Turcos*, mas nada comenta com *don* Isidro.

A ausência, da parte de *don* Isidro, de um vigoroso desejo voltado ao estabelecimento de uma comunicação efetiva, assim como a superficialidade das informações trocadas entre os *muchachos*, aproxima tais personagens da situação de “ilhamento”, verificada por Osman Lins em estudo da obra de Lima Barreto<sup>109</sup>. Segundo Lins, o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* “[...] inaugura na ficção brasileira, sem

<sup>106</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 50. “—Creio que Farrell deu consciência à juventude. Se você é contra bate-papos em torno da fogueira, ainda vão confundir-lo com os matusaléns.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 46.

<sup>107</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, pp. 28-9. Na edição brasileira, o diálogo referido se encontra em CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 25.

<sup>108</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 97. “—Que disparate.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 90.

<sup>109</sup> LINS. *Lima Barreto e o espaço romanesco*.

dar-se conta disso, segundo tudo indica, o tema da incomunicabilidade, tão caro à arte contemporânea, surgindo como um antecipador, um anunciador do nosso tempo e das nossas criações.”<sup>110</sup> A partir da incomunicabilidade notada nas personagens de Lima Barreto, Osman Lins desenvolve o conceito de “ilhamento”, que consiste na “[...] inoperância dos atos de cada personagem sobre o próximo e sobre o meio”.<sup>111</sup> Embora se desloquem pelo espaço narrativo, essas personagens possuem traços de incomunicabilidade<sup>112</sup> que as envolvem numa espécie de isolamento metafísico, guardando, desse modo, elementos passíveis de interseção com o insulamento vivenciado por *don* Isidro e com a precariedade dos diálogos entabulados entre este e seus amigos. É importante notar, neste ponto, que a perspectiva de Osman Lins é diferente do insulamento a que se refere Vilém Flusser – insulamento este que aqui será associado, tão-somente, a *don* Isidro. Enquanto a *Bodenlosigkeit* flusseriana está relacionada a um desenraizamento posterior a um evento traumático, a noção de “ilhamento” apresentada por Lins associa-se à impotência para estabelecer uma comunicação eficaz com o outro e mudar o curso dos eventos. Neste aspecto, os *muchachos* consistem em exemplos do “ilhamento” a que Osman Lins se refere, como será visto no segundo capítulo desta dissertação.

Desse modo, sem se envolver em um processo comunicativo aberto, franco e aprofundado com seus amigos, *don* Isidro atravessa a trama a vacilar, ensimesmado, entre os territórios da juventude e da velhice pretensamente demarcados pela *guerra al cerdo*. A errância entre vida adulta e velhice relaciona-se ao problema exposto por Ana Maria Machado no livro *Bem do seu tamanho*, citado na Introdução deste estudo. De fato, o preciso enquadramento do sujeito em um estágio da vida consiste em tarefa difícil e de êxito improvável. Em Isidoro Vidal habitam o homem envelhecido, que se esconde dos *Jóvenes Turcos* no sótão do inquilinato, e o menino travesso que, naquele mesmo sótão, sentindo necessidade de urinar, assim o faz bem em cima do quarto do vizinho Bogliolo. Na mesma ocasião, Vidal observa que a voz de Faber, o idoso com quem compartilha o esconderijo, estaria mudando à maneira de um jovem na puberdade.

Além disso, se por um lado *don* Isidro se regozija ao ser considerado jovem por Nélida e pensa que, intimamente, “[...] el hombre es un chico disfrazado de persona grande”<sup>113</sup>, por outro reconhece expressamente, ainda que em raros momentos, a própria

<sup>110</sup> LINS. *Lima Barreto e o espaço romanesco*, pp. 34-5.

<sup>111</sup> LINS. *Lima Barreto e o espaço romanesco*, p. 34.

<sup>112</sup> LINS. *Lima Barreto e o espaço romanesco*, p. 36.

<sup>113</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 32. “Secretamente o homem é um menino disfarçado de gente grande.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 28.

velhice – a exemplo de diálogo entabulado com dois jovens no velório de Néstor. A percepção da personagem acerca da senescência é também disposta por meio de signos oníricos. Certa noite, *don* Isidro sonha estar em um refúgio desprovido de teto, por onde corujas, representantes do tempo que a todos alcança, entram furiosamente e são recebidas a tiros. As imagens organizadas em sonho reportam o leitor ao vocábulo *guerra* constante do título do romance, e sugerem que o conflito de fato se dá entre todos, de um lado, e os efeitos do tempo, de outro.

Enquanto Helena, protagonista de *Bem do seu tamanho*, empreende uma jornada em busca de respostas sobre a fase da vida em que se encontra, problematizando o tema por iniciativa própria, *don* Isidro é interpelado pela questão a partir de eventos originados, em grande medida, do meio onde vive e da série de contratempos experimentados durante a *guerra al cerdo*. O embate entre Vidal e o tratamento hostil dispensado aos sujeitos em processo de envelhecimento ocorre com tamanha intensidade e constância que, em certo momento, percebe-se a exaustão da personagem:

Quizá porque estaba cansado se acongojó. Creyó que le faltarían fuerzas e ilusión para aguantar la vida. La amistad era indiferente, el amor bajo y desleal y sólo se daba con plenitud el odio. Se había cuidado y seguiría cuidándose de los ataques de los jóvenes (al respecto no cabían dudas), pero al llegar a la calle Paunero entrevió, como una solución que valía la pena no descartar, su propia mano, provista de un revólver imaginario, que apuntaba a la sien. Esta visión, que a lo mejor no era más que un juego de su momentánea angustia, lo llevó a protestar contra todo, y particularmente contra sí mismo, porque primero defendía a cualquier precio lo que después quería romper.<sup>114</sup>

Apenas ao início de um relacionamento amoroso com a jovem Nélide, *don* Isidro vislumbra a possibilidade de redesenhar seus vínculos com o ambiente. O afeto dirigido à moça ora se afigura como fuga das ações opressivas orquestradas pelos mais novos, ora como mecanismo de escape utilizado face à chegada da velhice. A partir do pensamento de que “Existe Nélide”<sup>115</sup>, o protagonista se permite adotar uma decisão que, tipicamente, não é atribuída a um sujeito em processo de envelhecimento: a de recomeçar, partindo do estabelecimento de novos laços.

<sup>114</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 120. “Talvez por estar cansado, se abateu. Achou que lhe faltavam forças e ilusões para suportar a vida. A amizade era indiferente; o amor, baixo e desleal – só o ódio se dava com plenitude. Havia se cuidado e continuaria se cuidando dos ataques dos jovens (a esse respeito não cabiam mais dúvidas), mas ao chegar à Calle Paunero imaginou, como uma solução que valia a pena não descartar, sua própria mão, munida de um revólver imaginário, apontando para a têmpora. Essa visão, que decerto não era mais que um jogo de sua angústia momentânea, levou-o a protestar contra tudo, e particularmente contra si mesmo, porque primeiro defendia a qualquer preço o que depois queria destruir.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, pp. 111-2.

<sup>115</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 172. “Há Nélide.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 161.

Ocorre que o propósito de *don* Isidro, concernente à reconfiguração dos modos de pertencimento a um meio que havia se tornado hostil, é abortado por ocasião do assassinato de seu filho Isidorito. Precisamente a partir deste episódio, o insulamento do protagonista assume novos contornos e se aproxima da noção de *Bodenlosigkeit* – falta de fundamento, consoante afirmado acima – desenvolvida por Vilém Flusser. Compreende-se que, com a perda do filho e a resolução da *guerra al cerdo*, *don* Isidro se mantém como que suspenso em relação ao espaço da cidade com a qual se identificava anteriormente. Tal atitude se faz perceber, por exemplo, quando os *muchachos* voltam a ganhar o espaço público sem temores, reunindo-se em um banco na *Plaza Las Heras* para tomar sol. Na ocasião, *don* Isidro desfruta da companhia dos amigos, mas os deixa discretamente, sem se despedir. Em sua caminhada, o homem não busca um lar ou um lugar onde permanecer. Passa pela casa de Nélide, deixa-se ficar um pouco e informa à moça que, se puder, passará a noite com ela. Em seguida, volta ao encontro de seus amigos, que retomam as periódicas partidas de truco. Vidal participa dos jogos e, depois, desaparece novamente porque deseja regressar – para seu antigo quarto? Para a casa de Nélide? – sozinho. Ao desfecho da narrativa, *don* Isidro está em trânsito, desenraizado de lugares e relacionamentos.

Especificamente por meio da experiência do luto, realiza-se a constituição do aqui denominado homem-ilha. A dilaceração ocasionada pela morte do filho conduz Vidal a um “afastamento do universo de referências”<sup>116</sup> sem que, para isso, a personagem tenha abandonado a cidade. Trata-se, portanto, de um distanciamento metafísico que implica uma nova sorte de relacionamento entre o sujeito e o mundo. Similarmente à *Bodenlosigkeit* flusseriana, a personagem de *Diario de la guerra del cerdo* continua ciente das raízes outrora mantidas, mas com estas lida de maneira distinta. Conforme esclarece Seligmann-Silva, o desenraizamento compreendido na experiência da *Bodenlosigkeit* não significa um completo alheamento aos vínculos. Em verdade,

ser fiel às raízes [...] significa superar (*überholen*) suas idiossincrasias. Isto significa dizer, o que Flusser de fato faz em certos momentos, que o ser humano não é uma planta. Nosso estar no mundo é marcado pelo fluxo – pelo *Fliessen*, correr da água que o nome Flusser indica – e não por sermos seres estáticos plantados em culturas estáticas.<sup>117</sup>

É importante observar, destarte, que o evento traumático vivido por *don* Isidro, desencadeador da formação do homem-ilha, implica uma redefinição dos modos de lidar com o outro e com o entorno. Acredita-se que a perspectiva ora desenvolvida, dirigida ao

<sup>116</sup> ROLLEMBERG. *Exílio: entre raízes e radares*, p. 5.

<sup>117</sup> SELIGMANN-SILVA. Um judeu que militou contra as pátrias: Vilém Flusser e as marcas do exílio, p. 36.

exame do processo de desenraizamento vivido pelo protagonista de *Diario de la guerra del cerdo*, harmoniza-se com certa leitura desenvolvida por Javier de Navascués, segundo o qual *don Isidro* – à semelhança de Emilio Gauna, protagonista do romance casareano *O sonho dos heróis* – é levado a adotar uma nova percepção do mundo:

El personaje principal, masculino una vez más, reúne muchas características de Emilio Gauna, así como de otros protagonistas del autor: es tímido, leal, nostálgico, compasivo, valiente (aunque no lo sabe), supersticioso, atractivo para las mujeres. Al igual que el ingenuo aspirante a compadrito, mantiene una actitud pasiva frente a la marcha de unos acontecimientos que le afectan de forma más o menos directa. Para colmo, Isidro Vidal también vive un personal ‘bildungsroman’ que le lleva a percibir la existencia de una forma distinta en el desenlace.<sup>118</sup>

A aproximação entre o modo de pensar flusseriano e a postura assumida por *don Isidro* reside ainda no questionamento das bases cartesianas sobre as quais nosso pensamento está estruturado. Segundo afirma Gustavo Bernardo em ensaio sobre o livro *A dúvida*, de Vilém Flusser, este filósofo tcheco-brasileiro objetiva confrontar a denominada “dúvida metódica”<sup>119</sup>, que é “[...] responsável pelas principais conquistas do nosso tempo”<sup>119</sup> e “esconde sob suas premissas um botão de auto-destruição (*sic*). Assim como Descartes duvidava para acabar com a dúvida, na escola se pergunta para que não se façam outras perguntas.”<sup>119</sup> Na esteira da inquietação de Flusser, *don Isidro* diverge do método cartesiano ao deixar de almejar respostas definitivas que lhe propiciem um remanso e, ao desfecho da narrativa, assume a indefinição propiciada pelo estado de errância.

Nesse sentido, a superveniência do trauma experimentado por *don Isidro* pode ser aproximada do que Vilém Flusser denomina “desabamento do Universo”<sup>120</sup>, seguido de uma “rara vertigem da libertação e da liberdade (*Freisein*), aquilo que, como se diz, caracteriza o espírito que flutua por todos os lugares.”<sup>120</sup> O homem-ilha que então se compõe estabelece pontes de relacionamento com o entorno, mas deixa sinais de ter abandonado o anterior projeto de constituição identitária fundado em um relacionamento amoroso. Com o retorno dos dias de paz na cidade, Vidal opta pelo trânsito entre a juventude de Nélide e a velhice dos companheiros, colocando-se além, portanto, dos rótulos “jovem/velho” que antes motivaram os dias de violência em Buenos Aires. Desse modo, não obstante as dolorosas

---

<sup>118</sup> NAVASCUES. *El esperpento controlado*. La narrativa de Adolfo Bioy Casares, p. 65. “A personagem principal, novamente masculina, reúne muitas características de Emilio Gauna, assim como de outros protagonistas do autor: é tímido, leal, nostálgico, compassivo, valente (embora não o saiba), supersticioso, atraente para as mulheres. Similarmente ao ingênuo aspirante à jactância, mantém uma atitude passiva frente à marcha de acontecimentos que o afetam de forma mais ou menos direta. Para completar, Isidoro Vidal também vive um *bildungsroman* pessoal que o leva, no desenlace, a perceber a existência de maneira distinta.” (*tradução nossa*)

<sup>119</sup> BERNARDO. Do pensamento como dúvida, p. 110.

<sup>120</sup> FLUSSER. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 223.

experiências relacionadas ao processo de constituição do homem-ilha, verifica-se que a culminância do insulamento vivido pelo protagonista lhe permite abstrair-se dos rótulos e designações que outrora o angustiaram e, também, propicia àquela personagem certa fluidez para mirar o entorno e se relacionar com os demais.

Importa observar, finalmente, que o ensimesmamento de Vidal é sinalizado ao leitor já a partir da forma como o romance é estruturado. Tomando-se por razoável – conforme apontado na seção 1.2 – que protagonista e narrador sejam a mesma pessoa e levando-se em conta, também, a presença de aspectos formais característicos de um diário ao longo da narrativa romanesca, verifica-se que o leitor tem acesso a uma história registrada por um escrevente que, no retiro e no silêncio característicos dos momentos de escrita de um diário, lida sozinho com as próprias reminiscências. Ao redigir sobre uma cadeia de episódios traumáticos vivenciados por cerca de dez dias, o autor do diário foge à experiência dolorosa de narrar o trauma em âmbito oral, mas encontra uma maneira de impedir que o ocorrido caia no esquecimento. A justificativa para a visita a lembranças aflitivas reside, segundo Susan Sontag, em que “recordar é um ato ético, tem um valor ético em si mesmo e por si mesmo. A memória é, de forma dolorosa, a única relação que podemos ter com os mortos.”<sup>121</sup> Nessa linha de raciocínio, a escrita de um diário voltado ao testemunho de situações de sofrimento ocasionadas pela *guerra al cerdo* não é motivada por uma faculdade, mas pela necessidade de lembrar a barbárie – evitando sua recorrência – e, sobretudo, de recordar aqueles que tombaram em virtude dos dias de animosidade.

---

<sup>121</sup> SONTAG. *Diante da dor dos outros*, p. 96.

## 2. O arquipélago: relações interpessoais em tempos de *guerra*

### 2.1 O envelhecimento no espaço privado: relações familiares

O mês de maio de 1968 frequentemente vem a lume nas reflexões e debates concernentes a valores, símbolos, reivindicações e transformações que caracterizaram o século XX. Trinta e um dias condensaram aspirações sociais, políticas e comportamentais que já vinham sendo discutidas nos anos anteriores e que reuniram, em um mesmo lado, estudantes, proletários, intelectuais progressistas e representantes de grupos variados, como pacifistas, *hippies*, feministas e ecologistas. De Berkeley a Berlim, de Paris a Praga, questionaram-se regimes políticos conservadores, a liberdade sexual foi reclamada, reivindicaram-se melhores condições de trabalho e aspectos como o individualismo e o consumismo foram contestados. O desejo de superar o que então havia sido considerado velho pode ser comparado ao sonho do Estudante de “pouco dinheiro e ardente juventude”<sup>122</sup> que, caminhando em um ambiente acadêmico, assim se dirige a Mefistófeles:

ESTUDANTE (*Observando o recinto*)  
Para ser bem sincero almejo ir-me embora.  
Estes muros antigos, ambiente abafado,  
Em nada isto me agrada, estou desanimado.  
O espaço é muito pouco, estreito, desencanta,  
Não se vê um jardim, não há nenhuma planta,  
Velhas colunas, bancos, completo desalento,  
Aqui se embota o ouvido, a vista e o pensamento.<sup>123</sup>

Na escrita ficcional, a personagem diabólica se empenha em dissuadir o Estudante, afirmando que este permaneceria entre aqueles “muros antigos” tão logo com eles se acostumasse. Por outro lado, a narrativa histórica relacionada ao ano de 1968 desenvolve-se em sentido diverso daquele apontado pelo Mefistófeles de Goethe, já que o anseio por mudanças, tendo sido mais intenso que a força do hábito, culminou no questionamento do “ambiente abafado” e na contestação de preceitos tidos como cristalizados.

Naqueles emblemáticos dias de 1968, Adolfo Bioy Casares recebeu de Ginevra Bompiani, filha de seu editor na Itália, um telegrama com os seguintes dizeres: “Mande su

---

<sup>122</sup> GOETHE. *Fausto*, p. 94.

<sup>123</sup> GOETHE. *Fausto*, p. 94.

libro. La novela está ocurriendo.”<sup>124</sup> Em duas curtas sentenças, a remetente aludiu aos eventos ocorridos em maio de 1968 e a *Diario de la guerra del cerdo*, romance casareano cujo argumento começara a ser desenvolvido em 1967<sup>125</sup> e que seria publicado mais tarde, em 1969. Em sentido amplo, a sugestão feita por Bompiani, relativa à existência de vasos comunicantes entre eventos históricos e a narrativa ficcional escrita por Adolfo Bioy Casares, não parece desarrazoada, ainda que no romance a juventude exerça papel distinto por ser colocada nas posições de algoz e autora da barbárie.<sup>126</sup> Em sentido estrito, o diálogo entre contexto histórico e escrita criativa pode ser encontrado na relação entre pais e filhos, isto é, no conflito de gerações instalado no ambiente privado. Afinal, segundo lembra Irene Cardoso, dentre as principais reconfigurações culturais ocorridas na década de 1960 estão “as modificações na estrutura da família” e “a construção de novas relações entre o adulto e o jovem e o adulto e a criança”.<sup>127</sup> Como participantes de um jogo de espelhos esféricos, côncavos e convexos, os mais novos se deparam com imagens nas quais não se reconhecem ou não desejam se reconhecer e, conseqüentemente, revelam-se ansiosos por confrontar laços de continuidade representados pela autoridade dos ascendentes no ambiente familiar.

Em *Diario de la guerra del cerdo*, duas relações entre pais e filhos, especialmente, são passíveis de análise. Por um lado, tem-se o relacionamento problemático de Isidoro Vidal e seu filho Isidorito; por outro, verifica-se o convívio aparentemente harmônico do velho Néstor com seu filho, de mesmo prenome. Cumpre atentar, de início, para a equivalência entre os nomes dos pais e de seus respectivos filhos. Afastando-se a hipótese de que tal correspondência seja fruto do acaso, observa-se na repetição de prenomes o desejo, dos mais velhos, de um prolongamento de si mesmos na vida dos mais novos, seja por meio do caráter e das escolhas de vida, seja por meio da valorização da memória e das tradições familiares. Entretanto, no romance casareano, o anseio de perpetuação projetado na vida dos descendentes não encontra o fácil consentimento dos mais novos.

No caso da relação entre o jovem Isidorito e seu pai, podem-se perceber descontinuidades ou desencaixes tanto na dimensão temporal quanto em âmbito discursivo.

---

<sup>124</sup> LÓPEZ. *Palabra de Bioy*. Conversaciones entre Adolfo Bioy Casares y Sergio López, p. 128. “Mande seu livro. O romance está acontecendo.” (tradução nossa)

<sup>125</sup> LÓPEZ. *Palabra de Bioy*. Conversaciones entre Adolfo Bioy Casares y Sergio López, p. 127.

<sup>126</sup> Fica demonstrada a possibilidade de relacionar *Diario de la guerra del cerdo* aos referidos eventos históricos, que se passam na década de 1960 e têm sua culminância em maio de 1968. Contudo, não se pode restringir o exame da narrativa literária a um jogo de correspondências com a realidade histórica que foi simultânea a sua elaboração, pois, como já afirmado, a problematização da velhice e de seus modos de representação consiste em processo que vem de longa data.

<sup>127</sup> CARDOSO. A geração dos anos de 1960. O peso de uma herança, p. 93.

Enquanto *don* Isidro se põe a dormir, Isidorito trabalha como vigia em uma escola noturna<sup>128</sup> e, quando aquele desperta, este descansa no quarto ao lado. Além disso, durante os escassos momentos de encontro, pai e filho trocam poucas palavras em virtude de uma resistência imposta pelo comportamento ríspido do jovem. Não bastassem as ranhuras na comunicação com o pai, Isidorito também não contribui para que *don* Isidro tome conhecimento daquilo que se passa no espaço público, porquanto não se dispõe a levar o rádio para o concerto, a pedido do pai, nem a deixar, em casa, exemplares de jornal.

Os raros momentos de convívio entre *don* Isidro e Isidorito oferecem pistas sobre a natureza de um conflito que, durante todo o romance, permanece em estado latente. Sabe-se que Isidorito nutre críticas quanto ao comportamento do pai, exemplificadas por sua objeção à designação *muchachos* utilizada entre os amigos idosos. Sabe-se, ainda, que o jovem visita uma “doctora psicóloga”<sup>129</sup>, e que o procedimento terapêutico contribuiu, em alguma medida, para o distanciamento entre pai e filho, pois, aos olhos de *don* Isidro, as visitas à doutora teriam tornado Isidorito “pedante y agresivo”<sup>130</sup>. Por outra parte, não se dão a conhecer as causas primeiras das dificuldades no relacionamento entre pai e filho. Pode-se cogitar a existência de causas remotas que vinculem a aspereza de Isidorito ao fato de sua mãe ter abandonado o lar, ou ainda motivações recentes, oriundas da própria *guerra al cerdo*, como o fato de *don* Isidro ser obrigado a contar com o apoio financeiro do filho, conforme exposto em passagem carregada de ironia: “él y su hijo vivían de lo que éste ganaba (en el colegio y por unos corretajes en farmacias) y no se acordaban de pagar el alquiler hasta que el gobierno se acordaba de pagar la pensión.”<sup>131</sup> Não obstante as dificuldades de relacionamento, o pai conserva uma atitude de paciência diante da indelicadeza do moço e demonstra preocupação quanto à vida solitária de seu filho.<sup>132</sup>

A distância característica do relacionamento entre pai e filho constitui um dos fatores de fomento ao insulamento de *don* Isidro, que, durante a *guerra al cerdo*, não

<sup>128</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 7. “El muchacho, alegando sueño atrasado porque trabajaba de celador en la escuela nocturna de la calle Las Heras...”. Na tradução publicada pela Cosac Naify em 2010, “O rapaz, alegando sono atrasado porque trabalhava como vigia na escola noturna da Calle Las Heras...”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 5.

<sup>129</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, pp. 9; 34; 82. “doutora psicóloga”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, pp. 7; 30; 77.

<sup>130</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 34. “pedante e agressivo”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 30.

<sup>131</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 24. “ele e seu filho viviam do que este ganhava (no colégio e por algumas comissões recebidas de farmácias) e não se lembravam de pagar o aluguel até que o governo se lembrasse de pagar a aposentadoria.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 21.

<sup>132</sup> *Don* Isidro observa que seu filho vive em um estado de “aislamiento”, isto é, em uma situação de insulamento. CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 35. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 31.

encontra amparo afetivo na figura do filho. Durante os diálogos, o pai evita contestar o comportamento de Isidorito e expressa certa resignação ao tratamento que lhe é dispensado. Em seu íntimo, porém, *don* Isidro guarda expectativas e deseja o companheirismo do rapaz. Constata-se, no capítulo XVI do romance, bela construção imagética que opõe uma situação de fato a uma “memória da imaginação”<sup>133</sup> construída por Vidal. Ao avançar pela *calle* Salguero, *don* Isidro se encontra com o filho. Ainda que Isidorito não seja receptivo à presença do pai, os dois conversam e, por alguns momentos, caminham lado a lado. A ocasião reporta *don* Isidro a certa imagem composta mentalmente por uma vizinha, quando Isidorito ainda se encontrava no berço. Dissera a vizinha, em tempos remotos, que haveria de “[...] verlos un día, los dos paseando juntos, anchos de orgullo.”<sup>134</sup> A cena imaginada pela mulher ganhou o *status* de lugar de memória nos pensamentos do protagonista. Assim, as duas situações, real e imaginada, são perfiladas nas meditações de *don* Isidro até que Isidorito, em um movimento abrupto, abandona o pai e segue pela *calle* Bulnes, estilizando a imaginação nutrida pelo velho a partir da rememoração da fala de uma vizinha e destruindo a expectativa de que ambos caminhassem juntos e, de fato, orgulhosos um do outro.

O desejo de *don* Isidro, de que se faça ouvir por um filho paciente, repercute no campo onírico. Assim é que, logo após a referida caminhada, o protagonista se dirige a seu quarto e, sozinho, adormece. Em sonho, encontra a cidade de tempos idos, costurada por bondes e antigos veículos. “Imaginó o soñó una conversación en que refería este sueño a Isidorito, que lo encontraba gracioso, por la presencia de anticuados tranvías y de automóviles cuyas bocinas emitían sonidos ridículos.”<sup>135</sup> Na passagem citada, nota-se a dificuldade vivida por *don* Isidro para contar a seu filho, até mesmo, uma trivialidade, porquanto apenas em sonho ou na imaginação o rapaz se apresenta como um interlocutor afável. Além disso, verifica-se nas imagens sonhadas uma visita do protagonista a lugares de memória, sobre os quais o velho, ao longo do enredo, não tem a oportunidade de tecer relatos ao filho. Sob esse viés, o romance casareano pode ser relacionado a estudo desenvolvido por Ecléa Bosi, no qual se apontam os entraves colocados à narrativa oral

---

<sup>133</sup> No texto “Lembrança de uma batalha”, Italo Calvino faz uso do termo “memória da imaginação” para se referir a certas lembranças de uma personagem, compostas por uma mistura de eventos efetivamente vividos e situações imaginadas, sendo estas construídas a partir das conotações atribuídas àqueles eventos. Desse modo, a “memória da imaginação” resulta da mescla entre reminiscências e criações mentais. Cf. CALVINO. Lembrança de uma batalha, p. 75.

<sup>134</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 83. “Hei de vê-los um dia, os dois passeando juntos, cheios de orgulho”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 78.

<sup>135</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, pp. 85-6. “Imaginou, ou sonhou, uma conversa em que contava esse sonho a Isidorito, que o achava engraçado pela presença de bondes antigos e de carros cujas buzinas emitiam sons ridículos.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 80.

vinda de sujeitos idosos. Ao não receber a atenção dos mais novos, o velho “[...] não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou uma vida inteira para aprender”.<sup>136</sup> Em situação similar à apontada por Bosi, *don* Isidro se vê impossibilitado de relatar suas histórias ao filho. Resta-lhe, então, imaginar ou sonhar com a experiência da narrativa oral.

A relação entre Isidoro Vidal e Isidorito é encoberta por certa nebulosidade, ocasionada pelas poucas informações voltadas à caracterização da personagem jovem. Em um primeiro nível interpretativo, verifica-se em Isidorito um mau filho e um traidor, membro do grupo dos *Jóvenes Turcos* e cúmplice das ações de violência. Ainda que *don* Isidro não demonstre ter conhecimento da participação de seu filho nas práticas de agressão aos idosos, pode-se perceber a existência de algum receio ou suspeita que acabam por emergir no campo onírico. Na noite em que o protagonista é levado a dormir no sótão para escapar da fúria dos jovens, um sonho lhe vem de assalto e associa a experiência do esconderijo a certa história supostamente ocorrida no século XIX, durante a ditadura do argentino Juan Manuel de Rosas: “Al rato estaba soñando con un señor que pasó casi toda la tiranía de Rosas escondido en un altillo, hasta que lo delató el mayor de los niños que por las noches le había hecho a su mujer y la mazorca lo degolló.”<sup>137</sup>

Na referida passagem, percebe-se uma interessante relação dialógica entre um contexto repressivo ficcional e um período totalitário compreendido na história política argentina. Se o evento histórico se comunica com a narrativa romanesca para sugerir que, em situações de repressão, até um filho pode trair o pai, o texto ficcional parece ofertar uma réplica ao enfatizar, expressamente, um período específico da história argentina, apontando seu grave nível opressor e sugerindo que algo tão ou mais grave que a *guerra al cerdo* já teria se passado naquele país. A apreensão quanto a um possível comportamento desleal vindo de Isidorito encontra ecos na vigília e na atitude de terceiros, já que Jimi, o melhor amigo de *don* Isidro, revela temor ou antipatia em relação ao rapaz:

- Descomedidamente Jimi lo interrumpió:  
 – ¿A qué hora vuelve tu hijo?  
 – Ahora no más – respondió, disimulando la mortificación.  
 – Yo también me voy antes, para que no me vea – contestó Jimi.

<sup>136</sup> BOSI. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 37.

<sup>137</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 38. “Em pouco tempo estava sonhando com um homem que passou quase toda a ditadura de Rosas escondido num sótão, até que foi delatado pelo mais velho de seus meninos, aquele que durante as noites ele tinha feito em sua mulher, e a *mazorca* o degolou.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, pp. 33-4.

Esta frase lo sorprendió penosamente. Iba a protestar, pero se contuvo. Estaba seguro de que el afecto no lo cegaba: su hijo era un muchacho querible y generoso.<sup>138</sup>

Um exercício interpretativo mais cauteloso aponta a complexidade de que se reveste Isidorito. Integrante da “Agrupación Juvenil de la Ventiuno”<sup>139</sup>, o rapaz se apresenta como possível agressor do próprio pai. Todavia, seu grau de envolvimento com a causa dos jovens é posto em dúvida diante do manifesto desinteresse em relação aos supostos amigos, que estariam prestes a visitá-lo (“—Por mí que no vinieran”<sup>140</sup>), e da maneira como se refere a Arturo Farrell (“Para peor viene uno que es un energúmeno”<sup>141</sup>). Além disso, embora não esboce qualquer atitude de carinho ou gentileza em relação ao pai, Isidorito se preocupa em esconder o velho da fúria dos companheiros de agrupamento e, procedendo dessa maneira, assume os riscos decorrentes de uma traição à causa dos *Jóvenes Turcos*.

A fragilidade das convicções do moço em face daquilo ou daqueles que já envelheceram é evidenciada, ainda, por ocasião de conversa entabulada com o pai a respeito de uma partida de futebol. Reclamando da irresponsabilidade que compromete o desempenho da nova geração de atletas, Isidorito exalta o futebol de tempos pretéritos. No entanto, imediatamente após a enunciação nostálgica e como quem não reflete sobre a manifesta contradição de suas palavras, o rapaz profere imprecações à velhice, sugerindo sua inutilidade:

- ¿Cómo fue el partido?
- Ni me hables. La tesitura del equipo, floja. Me lo decía Crosta: La disciplina es un mito. Los muchachos hoy por hoy están en una línea económica: pesos y más pesos. Toda la semana meta chupar y mujeres; la víspera, preocupados, caen al gimnasio, revientan del todo y en la hora del cotejo, juegan como sonámbulos. Después preguntan la causa de que nuestro gran fútbol nacional sea la sombra de lo que fue.
- ¿No era que los viejos no servían para nada?
- Absolutamente para nada. ¿Qué sabían ustedes de labor de equipo y planificación? No vas a comparar un fútbol egoísta, puro individualismo y firulete, con la científica planificación del partido, hasta el último detalle, hoy de rigor.<sup>142</sup>

<sup>138</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 30. “Jimi o interrompeu com delicadeza:

– A que horas seu filho volta?

– Daqui a pouco – respondeu, dissimulando o desagrado.

– Eu também vou embora antes, para que ele não me veja – respondeu Jimi.

Essa frase o surpreendeu penosamente. Ia protestar, mas se conteve. Estava certo de que o afeto não o cegava: seu filho era um rapaz amável e generoso.” CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 26.

<sup>139</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 34. “Agrupamento Juvenil da Vinte e Um”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 30.

<sup>140</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 34. “Por mim, podiam não vir.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 30.

<sup>141</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 35. “Para piorar, vem um que é um energúmeno.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 31.

<sup>142</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 82. “– Como foi o jogo?

A contradição constante do discurso de Isidorito não é original, tampouco lhe é exclusiva. Em ensaio relacionado ao conceito de tradição, Gerd Bornheim pondera sobre a inevitável coexistência dos polos *tradição – ruptura* e afirma que “toda a realidade seria entendida a partir da oposição de contrários que, mesmo que nunca definitivamente superáveis, seriam instauradores da dinamicidade do real.”<sup>143</sup> Salvo em diálogos como o destacado acima, atinente a um tema que é, em certa medida, superficial – o futebol –, Isidorito nutre sua incomunicabilidade e, via de consequência, escamoteia o paradoxo que em si encerra. Por uma questão de sobrevivência, o rapaz se coloca em uma situação de ilhamento ao silenciar a fidelidade que tem ao pai, e, ao mesmo tempo, participar das atividades dos *Jóvenes Turcos*, dissimulando o desprezo que guarda pelo líder Arturo Farrell. Percebe-se, desse modo, que a raiz da solidão de Isidorito, observada pelo pai com preocupação, instala-se em sua secreta inadequação no que toca ao modo de agir dos jovens, seus pares, e na impossibilidade de que o rapaz manifeste abertamente sua percepção do estado de coisas que constitui a *guerra al cerdo*. Na esteira das ambiguidades comportamentais e enunciativas de Isidorito, sobreleva-se o contraste entre a desconsideração com que trata Vidal e a atitude imediatamente anterior à morte do rapaz, quando, ao ver o pai, abre os braços e corre em direção a *don* Isidro: “Vio al muchacho, con los brazos en alto, corriendo hacia él. ‘Contento de verme. Qué raro’, comentó sin ironía y también sin la menor sospecha de que muy pronto se arrepentiría del comentario.”<sup>144</sup>

As diferentes nuances utilizadas com vistas à caracterização de Isidorito revelam que o rapaz arredio consiste, na verdade, em filho leal. Com efeito, a rispidez de Isidorito é paulatinamente acompanhada por demonstrações de zelo para com a integridade física do pai durante os dias de ação dos *Jóvenes Turcos*. Neste aspecto, o comportamento do jovem contrasta com as atitudes do filho de Néstor, que, se em um primeiro momento se desdobra em gentilezas para com os idosos, posteriormente se mostra traiçoeiro e conduz o próprio pai à morte. O recurso utilizado na composição das duas personagens, orientado pela máxima de

---

– Nem me fale. A atitude da equipe, frouxa. Crosta me dizia: A disciplina é um mito. Os rapazes de hoje em dia seguem a lei econômica: grana e mais grana. A semana inteira, dá-lhes bebida e mulheres; na véspera, preocupados, vão para a academia, se arrebatam com tudo e na hora da partida jogam como sonâmbulos. Depois perguntam por que nosso grande futebol nacional não é hoje nem sombra do que foi.

– Mas e a história de que os velhos não prestavam para nada?

– Absolutamente para nada. O que vocês sabiam de trabalho em equipe e planificação? Não vai querer comparar o futebol egoísta, de puro individualismo e firulas, com a planificação científica do jogo até os últimos detalhes, hoje obrigatória.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 77.

<sup>143</sup> BORNHEIM. O conceito de tradição, p. 15.

<sup>144</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 198. “Viu o rapaz, como os braços para cima, correndo em sua direção. ‘Contente em me ver. Que estranho’, comentou sem ironia e também sem a menor suspeita de que muito depressa se arrependeria do comentário.” CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 184.

que “as aparências enganam”, apresenta semelhanças com o modo como Jane Austen desenvolve os traços de Mr. Darcy e Wickham na narrativa romanesca *Pride and Prejudice*,<sup>145</sup> já que o arrogante e aparentemente egoísta Mr. Darcy se revela virtuoso e digno do amor de Elizabeth Bennet, ao passo que o sociável e bem quisto Wickham é desmascarado e tem seu caráter posto em dúvida. Porém, contrariamente a Mr. Darcy, que vai ao encontro de um desenlace feliz, Isidorito tem sua lealdade filial descoberta pelo movimento jovem, fator que o conduz à morte. Com a violenta interrupção da vida de Isidorito, é possível que o leitor percorra mentalmente os eventos até então narrados e verifique o forte indício de que as atitudes de negligência, antes atribuídas ao rapaz, tenham consistido em gestos de cuidado, exemplificados pelo adiamento do conserto do rádio e pelos exemplares de jornal que nunca chegavam às mãos do pai, possivelmente para poupar o velho de eventuais notícias sobre aqueles dias de exceção e dos discursos de Arturo Farrell.

Em *Diario de la guerra del cerdo*, pode-se encontrar na figura do jovem Néstor uma correspondência com o denominado “homem integral”<sup>146</sup>, sujeito jovem e admirável que, consoante Philippe Ariès, desponta “no topo dos degraus das idades.”<sup>146</sup> Envolto em gestos de cordialidade voltados aos velhos, Néstor se faz merecedor da admiração dos *muchachos* – à exceção de Jimi, que, em visita ao velho Néstor para participar dos jogos de truco, expressa em um sussurro sua opinião sobre o filho do amigo: “– Un charlatán”.<sup>147</sup> A conduta do jovem Néstor pode ser perfilada a certa passagem de ensaio sobre a marginalização da velhice, no qual Simone de Beauvoir afirma que o adulto faz uso da situação de dependência financeira em que se encontra o idoso para tiranizá-lo.<sup>148</sup> Como o velho Néstor não necessita de recursos materiais provenientes do filho – em verdade, o que se passa é o contrário –, o rapaz acaba por desenvolver outra sorte de estratégia, fundada em manifestações de companheirismo, para aliciar o pai. Ainda segundo as ponderações de Beauvoir, o adulto “[...] não se atreve a lhe dar ordens abertamente, pois ele [o velho] não lhe deve obediência: evita atacá-lo de frente, manobra-o.”<sup>149</sup> O rapaz empreende, dessa maneira, estratégias de sedução cuja potencial vítima, para além do próprio ascendente, é

<sup>145</sup> AUSTEN. *Pride and prejudice*, *passim*.

<sup>146</sup> ARIÈS. *História social da criança e da família*, p. 48.

<sup>147</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 49. “Um charlatão – murmurou Jimi.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 46.

<sup>148</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 245.

<sup>149</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 245.

*don* Isidro, convidado pelo moço para ir a um estádio de futebol na mesma ocasião em que se daria a morte do velho Néstor.

Convém, ainda, fazer referência a uma peculiaridade na relação estabelecida entre Leandro Rey, um dos *muchachos*, e suas três filhas. Entre os amigos, o homem é o único que continua a trabalhar, conduzindo diretamente o funcionamento da padaria que possui. As filhas, que ambicionam assumir o controle do estabelecimento, insistem em que o pai se afaste das obrigações e vá “[...] por las tardes a tomar sol con los amigos a la plaza Las Heras”<sup>150</sup>. Perante as negativas do pai, as filhas não agem de forma mais contundente ou mesmo truculenta porque têm suas ações subordinadas ao que Simone de Beauvoir, em seu ensaio sobre a velhice, chama de “moral oficial”<sup>151</sup>, distinta de um agir ético orientado por escolhas pessoais e composta por preceitos que objetivam fiscalizar a dinâmica das relações sociais. Acrescenta-se, neste caso, o diferencial de que não se trata de relacionamento entre pai e filho, mas entre pai e filhas, fator que, nas circunstâncias sociais que compõem a narrativa, favorecem a subordinação da mulher à autoridade paterna.

No que toca a conflitos entre gerações, importa levar em consideração, finalmente, a animosidade que, vertida em violência contra o idoso durante a *guerra al cerdo*, parte de crianças. No trecho em que Arévalo narra ter lido em um jornal a notícia de que duas netas, de seis e oito anos, teriam matado o avô – tido como um fardo para os familiares –, opera-se a dessacralização de uma faceta da velhice que, segundo Mariele Rodrigues Correa, está associada a “[...] uma vovozinha típica dos contos de Monteiro Lobato, como a famosa Dona Benta, uma figura doce e compreensiva, cheia de histórias para contar”<sup>152</sup> e provedora de “[...] amparo e segurança emocional-afetiva”<sup>152</sup>. A agressividade das netas parece encontrar uma explicação possível em dada assertiva de Arévalo, que indaga aos *muchachos* “—¿Por qué se vuelven odiosos los viejos?”<sup>153</sup> e, imediatamente, responde que “Están demasiado satisfechos y no ceden su lugar.”<sup>153</sup> É interessante notar que a afirmação de Arévalo se coaduna com parte das reflexões de Simone de Beauvoir, para quem

o relacionamento dos jovens e dos adolescentes com os velhos é mais um reflexo de seu relacionamento com o avô do que com o pai: tem sido freqüente, desde o século passado, uma recíproca afeição entre avô e neto.

<sup>150</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 10. “[...] tomar sol à tarde com os amigos na Plaza Las Heras”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 8.

<sup>151</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 244.

<sup>152</sup> CORREA. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*, p. 106.

<sup>153</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 50. “– Por que os velhos estão se tornando tão odiosos? – argumentou Arévalo. – Porque estão satisfeitos demais e não cedem seu lugar.” CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 47.

Revoltado contra o adulto, as pessoas idosas se lhe afiguram oprimidas, como êle próprio: solidariza-se, portanto, com elas. [...] Entretanto, *quando os avós representam um encargo para a família, os jovens consideram injustos os sacrifícios que lhes são impostos para prolongar sua existência.* [...] *Menos hipócritas que os adultos, êles exprimem sua hostilidade com maior franqueza.*<sup>154</sup> (grifo nosso)

## 2.2 O amor em zona de conflito: poder e sexualidade na velhice

“Vidal sintió que había desembocado en una pesadilla: mejor dijo: que estaba viviendo una pesadilla. ‘Existe Nélide’, se dijo y, en seguida, se reanimó.”<sup>155</sup> Em tempos de guerra, o despontar do sentimento amoroso acena, para o sujeito, qual um respiradouro. Sendo recíproco, o afeto guarda a promessa de um termo final para a angústia da errância. Ao experimentar o processo de envelhecimento, *don* Isidro não se deixa engessar por restrições atribuídas à senescência; ao contrário, nutre, ocasionalmente, a expectativa de usufruir de uma vida compartilhada com a jovem Nélide. Não se trata, neste caso, de certa Nélide com quem, anos antes, tivera um envolvimento e de quem guarda “[...] una fotografía que les tomaron en el Rosedal y una cinta de seda, descolorida”<sup>156</sup>. Em verdade, surge, na vida do protagonista, outra mulher de mesmo prenome, como que a sugerir tanto a possibilidade de um recomeço quanto a razoabilidade de que *don* Isidro rememore e manifeste a virilidade de outrora. O surgimento do amor à semelhança de um ancoradouro em *Diario de la guerra del cerdo* converge para a ponderação feita por Beatriz Curia, segundo a qual “[...] el amor – que aparece en casi todas las narraciones de Bioy, como tema central o secundario – es siempre una experiencia suprema, en la cual, de alguna manera, el hombre se mide.”<sup>157</sup>

Percebe-se que, durante os dias de perseguição aos idosos, o sentimento de amor experimentado por *don* Isidro pode consistir em experiência emancipatória, capaz de

<sup>154</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, pp. 246-7.

<sup>155</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 172. “Vidal sentiu que tinha desembocado num pesadelo; melhor dizendo: que vivia um pesadelo. ‘Há Nélide’, pensou e, em seguida, se reanimou.” CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 161.

<sup>156</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 16. “De Nélide ele guardava, num baú onde mantinha coisas velhas e relíquias de seus pais, uma fotografia tirada em Rosedal e uma fita de seda desbotada.” CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 13.

<sup>157</sup> CURIA. *La concepción del cuento en Adolfo Bioy Casares*, p. 205. “[...] o amor – que aparece em quase todas as narrativas de Bioy, como tema central ou secundário – é sempre uma experiência suprema, na qual, de alguma maneira, o homem mede a si mesmo.” (tradução nossa)

delinear, na figura do protagonista, traços de um homem de natureza revitalizada. Entretanto, Vidal caminha rumo a mais uma experiência amorosa portando, por meio de sua repulsa à sexualidade do idoso, a roupagem de tempos idos. Afirma-se, com isso, que não obstante o início de um novo ciclo, qualificado pela chegada de uma outra Nélide, *don* Isidro conserva seu antigo modo de olhar o mundo, o que produz efeitos, especialmente, sobre a forma como se relaciona com a velhice e a sexualidade nessa etapa da vida.

Conforme apontado anteriormente, a maneira como *don* Isidro interpreta a velhice começou a ser moldada já em sua infância. Ao observar Vigilante, o cão que teve quando criança, Vidal cria expectativas acerca do comportamento do animal, que deveria calar sua sexualidade em prol da fruição de uma velhice digna e respeitável. Tais expectativas, construídas em face do velho cachorro, seriam, em momento posterior, estendidas ao homem idoso. A repugnância à sexualidade na velhice assume, para *don* Isidro, proporção tamanha que, em suas lembranças, está também a imagem de “[...] un anciano excitado y borracho que perseguía con un largo cuchillo desenvainado a la señora Carmen”<sup>158</sup>, antiga moradora do inquilinato da *calle* Paunero. É curioso que o fato pretérito tenha emergido na mente de *don* Isidro mais em razão da repulsa à velhice do homem que perseguia a vizinha do que em virtude da potencial violência representada pela faca empunhada. Ao carregar consigo uma percepção negativa sobre a sexualidade na idade madura, *don* Isidro oferece solo fértil ao cultivo dos preconceitos expressos pelos *Jóvenes Turcos*. Nesse sentido, o protagonista permite que habitem em si, a um só tempo, o idoso vulnerável a censuras e ataques e o algoz que não se mostra disposto a conviver com a senectude de seu semelhante.

Ao chamar para si características próprias do sujeito que reproduz percepções pejorativas acerca da velhice, sem, contudo, possuir a liberalidade de imunizar-se dos inconvenientes causados por aquelas mesmas percepções, *don* Isidro se desdobra em papéis e toma parte em práticas sociais por meio das quais o poder é engendrado. A fim de sustentar a assertiva de que Vidal consiste em um dos agentes responsáveis por fiar teias de poder no âmbito da narrativa estudada, recorre-se à tese de Michel Foucault, consoante a qual o poder não se encontra localizado em uma instância – como o Estado ou as instituições jurídicas –, mas se realiza nas articulações intersubjetivas.<sup>159</sup> Desse modo, adota-se a compreensão de que o poder é constatado no manejo de forças estabelecido na esfera interpessoal, sem que

<sup>158</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 16. “[...] un velho excitado e bêbado perseguindo com uma grande faca desembainhada a senhora Carmen.” CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 13.

<sup>159</sup> FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 141.

*don* Isidro, os *Jóvenes Turcos* ou qualquer outra personagem seja considerado detentor de “um objeto natural, uma coisa”<sup>160</sup> denominada poder.

No comportamento de *don* Isidro, identificam-se condutas e expressões de poder cujo alvo é, especialmente, a mulher idosa. A reprimenda dirigida pelo protagonista à velhice feminina consubstancia-se em pensamentos de reprovação, olhares de censura e escusas quanto ao estabelecimento de relações de solidariedade. Destarte, as articulações entre *don* Isidro e idosas qualificam-se como uma espécie de “relação negativa”<sup>161</sup>, isto é, por um silêncio prenhe de mensagens de desprezo e rejeição. Sem percorrer a via do confronto direto, Vidal coloca seus preconceitos à vista, inicialmente, durante encontro com os *muchachos* no café de Canning, ocasião em que se depara com uma velha senhora no estabelecimento comercial:

Entró el diarero don Manuel, bebió en el mostrador su vaso de vino tinto, se fue y, como siempre, dejó la puerta entreabierta. Ágil para evitar corrientes de aire, Vidal se levantó, la cerró. De regreso, al promediar el salón, por poco tropezó con una mujer vieja, flaca, estrafalaria, una viviente prueba de lo que dice Jimi: ‘¡La imaginación de la vejez para inventar fealdades!’. Vidal dio vuelta la cara y murmuró:

—Vieja maldita.

En una primera consideración de los hechos, para justificar el exabrupto, Vidal atribuyó a la señora el chiflón que por poco le afecta los bronquios y entre sí comentó que las mujeres no se comiden a cerrar las puertas porque se creen, todas ellas, reinas. Luego recapacitó que en esa imputación era injusto, porque la responsabilidad de la abertura recaía sobre el pobre diarero. *A la vieja sólo podía enrostrarle su vejez.*<sup>162</sup> (*grifos nossos*)

Ao virar o rosto para imprecisar contra a mulher, *don* Isidro questiona a simples presença da idosa em espaços franqueados ao público, como se àquela não fosse lícito exibir aos demais as marcas que o tempo deixou em seu corpo. Comportando-se desse modo, Vidal

<sup>160</sup> Segundo Roberto Machado, “não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. *O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.*” (*grifo nosso*) Cf. MACHADO *apud* FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. X.

<sup>161</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade I. A vontade de saber*, p. 81.

<sup>162</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 12. “O jornaleiro *don* Manuel entrou, bebeu no balcão seu copo de vinho tinto, foi embora e, como sempre, deixou a porta entreaberta. Ágil para evitar correntes de ar, Vidal se levantou e a fechou. Ao voltar, no meio do salão, por pouco não trombou com uma mulher velha, magra, extravagante, uma prova viva do que Jimi costuma dizer: ‘*Que imaginação tem a velhice para inventar feiuras!*’. Vidal virou o rosto e murmurou:

— *Velha maldita.*

Numa primeira consideração dos fatos, para justificar o *ex abrupto*, Vidal atribuiu à senhora a lufada que quase lhe afeta os brônquios e pensou que as mulheres não se dispõem a fechar as portas porque se julgam, todas elas, rainhas. Depois ponderou que fora injusto nessa acusação, porque a responsabilidade da porta aberta recaía sobre o pobre jornaleiro. *À velha só podia censurar sua velhice.*” (*grifos nossos*) Cf. CASARES. *Diario da guerra o porco*, pp. 12-3.

oferece sua parcela de contribuição para que a velhice feminina seja relegada a uma sorte de desterro e, conseqüentemente, coopera para o insulamento daquelas mulheres que não deseje ter ao alcance dos olhos. O incômodo sentido pelo protagonista faz ecoar, no campo ficcional, a perspectiva de Mimnermo – exposta no primeiro capítulo desta dissertação –, segundo a qual a velhice, tomada por entidade exógena à natureza humana, provoca estranhamento. Conforme observado por Haydée Ribeiro Coelho em ensaio dedicado à análise de textos de Monique Proulx e Clarice Lispector, o estranhamento é relacionado por Freud àquilo que provoca temor e “[...] deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz”.<sup>163</sup> A referida professora chama atenção para a impossibilidade de que se mantenham, fora do horizonte de convívio, aspectos e sujeitos tidos como indesejados, já que “[...] o estranho, o estranhamento e o estrangeiro estão imersos no cotidiano, entrelaçados à maneira como os indivíduos se representam, se olham, e, igualmente, são representados.”<sup>164</sup>

O estranhamento de *don* Isidro em face do corpo feminino envelhecido condiciona, também, a maneira como o homem se relaciona com Madelón, antiga conhecida e filha do Sr. Huberman, morto pelos *Jóvenes Turcos*. Ao pensar na mulher, Vidal estabelece uma descontinuidade entre a Madelón de outrora e a Madelón atual por meio da tensão operada entre as lembranças da graciosidade da jovem e a imagem de sua maturidade. Na Madelón de tempos idos, o protagonista reconhece a mulher essencial, obliterada pela velha que o tempo esculpiu: “Siempre volvía a creer que Madelón era la chica de antes; con distraerse un poco, se figuraba que esa chica debía de esconderse en alguna parte y que si él se esmeraba, sin duda acabaría por encontrarla.”<sup>165</sup>

Uma das indagações postas por Michel Foucault em trabalho dedicado à história da sexualidade relaciona-se às maneiras como o poder interfere nas questões sexuais, produzindo efeitos de “[...] recusa, bloqueio, desqualificação, mas, também, de incitação, de intensificação, em suma, as ‘técnicas polimorfos do poder’.”<sup>166</sup> Na esteira desse questionamento foucaultiano, ressalta-se o desprestígio dirigido por *don* Isidro à Madelón avelhentada. Não importa a Vidal que a mulher tome conhecimento de sua dentadura porquanto, em sua presença, “sonrió amplamente. Presumía ante cualquier mujer, pero hacía

<sup>163</sup> FREUD. *Apud* COELHO. O estranho, o estranhamento e o estrangeiro em Monique Proulx e Clarice Lispector, p. 171.

<sup>164</sup> COELHO. O estranho, o estranhamento e o estrangeiro em Monique Proulx e Clarice Lispector, p. 185.

<sup>165</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 26. “Sempre voltava a acreditar que Madelón era a menina de antes; era só se distrair um pouco e imaginava que aquela menina devia estar escondida em alguma parte e que, se ele se esforçasse, sem dúvida acabaria por encontra-la.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 23.

<sup>166</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade I*. A vontade de saber, p. 17.

excepciones.”<sup>167</sup> Posteriormente, a antiga conhecida se oferece a Vidal ao visitá-lo em seu quarto, e o homem, tendo-a nos braços, procura traços da moça que conhecera: “quiso imaginarla joven; la veía y la olía como era ahora”<sup>168</sup>. *Don Isidro* acaba por rechaçar aquele corpo de “[...] piel amarillenta y sudada, lunares, uñas cortas, recubiertas de una gruesa capa de barniz colorado”<sup>169</sup>, refugiando-se em pensamentos sobre a juventude de Nélide: “Con algún orgullo se dijo que Nélide lo incapacitaba para Madelón.”<sup>169</sup>

Além de se esquivar das expressões de sexualidade da mulher idosa, Vidal se recusa a estabelecer vínculos de solidariedade com a velhice feminina. A esse respeito, destaca-se o episódio em que, ao lado de Jimi, *don Isidro* percorre a *calle* Canning e lá avista um táxi, ocupado pelo motorista, por um vigilante<sup>170</sup> e por uma senhora que se encontra aos prantos. Diante da cena, o protagonista não ensaia qualquer pensamento de compaixão no que toca ao estado aflitivo da idosa, tampouco a olha de modo compreensivo, evitando, assim, acumpliciar-se na situação de potencial vítima e, sobretudo, confirmar-se como velho por meio de seu reconhecimento nas rugas de outrem. Mais uma vez, o protagonista de *Diario de la guerra del cerdo* vira o rosto para a senectude vislumbrada no corpo alheio, fugindo da sensação de estranhamento motivada pela presença da velhice e contribuindo para o insulamento da senescência feminina.

Levando-se em conta que, conforme pondera Foucault, os silêncios “[...] são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos”<sup>171</sup>, é possível compreender que a quietude de *don Isidro* em relação à cena testemunhada está mais próxima da conivência e do desprezo do que de uma intenção de neutralidade. A opção por manter distância das lágrimas da idosa não inflige prejuízo à consciência de Vidal; pelo contrário, o homem se arrepende, em verdade, de ter encarado a devastação no velho rosto feminino. É interessante observar que a imagem da mulher chorosa visita *don Isidro* novamente quando, durante o velório de Néstor, o protagonista cochila e sonha com aquela

<sup>167</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 27. “Abriu um sorriso amplo. Cuidava da aparência diante de qualquer mulher, mas abria exceções.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 24.

<sup>168</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 121. “Tentou imaginá-la jovem; mas a via e a cheirava tal como ela era agora.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 113.

<sup>169</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, pp. 120-1. “[...] pele amarelenta e suada, pintas, unhas curtas, recobertas por uma grossa camada de verniz vermelho. Com certo orgulho pensou que Nélide o deixava incapacitado para Madelón.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 112.

<sup>170</sup> Segundo nota explicativa elaborada pelo tradutor José Geraldo Couto, constante da edição de *Diário da guerra do porco* publicada pela Cosac Naify em 2010 e utilizada nas notas de rodapé desta dissertação, no “[...] lunfardo, vigilante, que normalmente tem o sentido de guarda ou agente de polícia, também significa alcaguete, delator.” Cf. CASARES. *Diário de la guerra del cerdo*, p. 76.

<sup>171</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade I. A vontade de saber*, p. 30. Nesta passagem, Michel Foucault se refere aos silêncios nos discursos relativos à sexualidade. Utiliza-se a observação, aqui, para tratar da relação entre *don Isidro* e a mulher idosa, mais baseada em silêncios do que em imprecações ou xingamentos diretos.

face. No limite dessa reflexão, constata-se que, em âmbito onírico, o semblante da velha senhora é capaz de produzir efeitos tão maléficis quanto os da face da Medusa, pois mirá-lo teria sido o desencadeador da morte do amigo Néstor.

Apenas *doña* Dalmacia, uma das moradoras do inquilinato, subsiste relativamente imune ao desprezo orientado por Vidal às mulheres idosas. Embora perceba na velha um processo de “[...] acentuación de cierta brusquedad ingénita, lo que dio pie sin duda a que gente nueva en el barrio le aplicara el alias, no menos afectuoso que burlón, de el Soldadote”<sup>172</sup>, *don* Isidro reconhece que “en el amplio corazón de la señora sobraba lugar y su ánimo para el trabajo no conocía límites.”<sup>172</sup> Viúva, mãe de oito filhos já adultos e responsável pelo sustento de três netas, *doña* Dalmacia traz consigo a representação da mulher que se mantém útil no contexto das práticas socioeconômicas, fator que lhe serve de salvo-conduto para seguir vivendo de modo respeitável. A idosa tem a seu favor, ainda, o aparente abafamento de sua sexualidade após a perda do marido. Dessa maneira, *doña* Dalmacia teria se comportado de acordo com os moldes configurados pela “burguesia vitoriana”<sup>173</sup>, cujas expectativas reverberam em outros meios sociais e se voltam, conforme assevera Michel Foucault, aos casais heterossexuais, monogâmicos, legítimos e zelosos quanto à “seriedade da função de reproduzir [...] em um espaço utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos.”<sup>174</sup>

A rejeição de *don* Isidro à feminilidade envelhecida possui, como expressão máxima, a breve, mas contundente reflexão feita pelo protagonista diante da mulher que vive com o amigo Dante. Vidal pouco sabe daquela a quem Dante se refere como sua “señora”<sup>175</sup>; mesmo assim, arma-se de repulsa quando aquela abre a porta da casa do amigo e, “[...] envuelta en telas negras y sueltas”<sup>175</sup>, revela a pele coberta de pelos negros e os cabelos esbranquiçados.

Vidal se preguntó si “esta bruja” habría sido o sería aún (ya que en la intimidad de los hogares ocurren cosas inimaginables) la concubina de su amigo. “Un cuadro tan repulsivo, que lo mejor es desearles una pronta muerte. Es claro que si me toca a mí llegar a esa edad y gozar de tan buen

<sup>172</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 55. “[...] no amplo coração daquela senhora sobrava lugar, e sua disposição para o trabalho não conhecia limites. A idade, entretanto, havia modificado seu jeito de ser, no qual dava para perceber o recrudescimento de certa brusquidão inata, o que deu margem, certamente, para que pessoas novas no bairro a apelidassem, carinhosa e zombeteiramente, de Sargentão.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 52.

<sup>173</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade I. A vontade de saber*, p. 9.

<sup>174</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade I. A vontade de saber*, pp. 9-10.

<sup>175</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 163. “a senhora”; “[...] envolta em panos negros e soltos”. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 151.

ánimo, por delicadeza no voy a rechazar a ninguna mujer. Todo lo que me pruebe que todavía estoy en la vida, en ese momento se volverá precioso.”<sup>176</sup>

O simples pensamento acerca de relações sexuais entre Dante e a mulher que se encontrava à porta da casa provoca asco em *don* Isidro, já que a ideia traz em si uma transgressão da imagem historicamente moldada quanto aos limites de ação do idoso. O raciocínio do protagonista acaba confirmando certa observação feita por Simone de Beauvoir no que toca às expectativas e julgamentos construídos em relação à senectude. De acordo com Beauvoir, os “[...] velhos provocam escândalo quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens; o amor e o ciúme, nêles, parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante, a violência derrisória.”<sup>177</sup> O olhar implacável de Vidal não lhe permite esboçar qualquer tentativa de compreensão ou aceitação do corpo da velha, exceto quando o protagonista reflete sobre o próprio processo de envelhecimento. Neste instante, a compaixão negada à velhice do outro é convertida em uma espécie de generosidade egocêntrica, pois *don* Isidro cogita a possibilidade de se relacionar com uma mulher idosa não por afeto, mas para sua própria satisfação. Com isso, na passagem referida o olhar de Vidal se inquieta com o corpo da *señora*, enquanto o olhar do leitor captura um importante elemento constitutivo da caracterização do protagonista: em uma curta meditação, *don* Isidro revela uma potencial fragilidade em seu agir ético, visto que admite ser lícita a possibilidade de confirmação da própria virilidade por meio da utilização de corpos dos quais, em princípio, jamais se aproximaria.

Importa observar, por outra parte, que certas reflexões e atitudes de Vidal – a exemplo da meditação sobre a *señora* de Dante – não possuem, como fonte única ou resposta definitiva, um caráter prejudicado por pensamentos egoístas ou escolhas questionáveis em âmbito ético. Há que se levar em consideração o conflito identitário experimentado por *don* Isidro ao longo da *guerra al cerdo*, já que a todo momento o homem ziguezagueia entre os territórios da vida adulta e da velhice. Se tal oscilação mostra níveis de complexidade na configuração do protagonista, também reforça a posição de Vidal como eixo da narrativa, pois ao vacilar entre os domínios do adulto e do velho o protagonista realça a inexistência de lados oponentes no embate entre juventude e senescência. Todos

---

<sup>176</sup> CASARES *Diario de la guerra del cerdo*, p. 163. “Vidal se preguntou se ‘aquela bruxa’ teria sido ou ainda seria (já que na intimidade dos lares ocorrem coisas inimagináveis) a concubina de seu amigo. ‘Um quadro tão repulsivo, que o melhor seria desejar-lhes uma pronta morte. É claro que se eu chegar a essa idade gozando de tão boa disposição, por delicadeza não vou rechazar nenhuma mulher. Tudo que me prove que ainda estou vivo se tornará algo precioso.’” CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 152.

<sup>177</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 8.

estão igualmente sujeitos aos efeitos do tempo, e no jovem reside o velho que aquele um dia será.

Desse modo, a dualidade que *don* Isidro leva consigo coloca-o ao lado do agressor, como no caso de seu comportamento diante da mulher idosa, mas também o conduz a momentos de solidariedade, ainda que tímida, em relação ao envelhecimento masculino. É este o caso de episódio constante do capítulo VI do romance, em que *don* Isidro entabula conversa com Antonia e Nélide, que reclamam sobre o comportamento do velho Faber, morador do inquilinato. Este, supostamente, persegue mulheres que, à noite, vão ao banheiro da habitação coletiva. Cumpre observar que pouco antes das queixas feitas por Antonia e Nélide, Faber havia relatado a Vidal que precisara passar a noite no banheiro para se esconder dos *Jóvenes Turcos*. Por isso, é possível que a presença do velho naquelas dependências tenha sido mal interpretada pelas moças. Por um lado, *don* Isidro prontamente condena a hipotética conduta de Faber, ao afirmar que velhos “[...] que se meten con mujeres jóvenes dan un espectáculo triste. Repugnante. Ustedes tienen razón. Toda la razón. Pero si los comparan con un delator, con un traidor, con un asesino...”<sup>178</sup> Por outro, o protagonista ensaia uma justificativa para relevar a atitude de Faber: “Es viejo y es feo, pero esto es algo que no podemos echarle en cara. Nadie es viejo y feo por gusto.”<sup>179</sup>

Ao entremostrear uma defesa para Faber, Vidal advoga, em última análise, a favor de si mesmo. *Don* Isidro percebe que, como em um jogo de espelhos, o preconceito com o qual condena os gestos do idoso repercute em sua própria experiência de envelhecimento, o que é corroborado pela maneira como o protagonista se coloca diante das manifestações de sexualidade dos *muchachos* Leandro Rey e Jimi Newman. Durante diálogo encetado com Jimi, *don* Isidro imagina “[...] a Faber, al acecho de las muchachas, agazapado junto a las latrinas, a Rey besuqueando las manos de Tuna, a Jimi prendido como perro.”<sup>180</sup> O julgamento de Vidal em relação ao comportamento dos amigos é complementado por Jimi, que coteja Rey com “[...] una especie de molusco, temblando y babeando.”<sup>181</sup> Os símiles e

<sup>178</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 45. “Velhos que se metem com mulheres jovens dão um triste espetáculo. Repugnante. Vocês têm razão. Toda a razão. Mas se os compararem com um delator, com um traidor, com um assassino...” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 40.

<sup>179</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 45. “Ele é velho e feio, mas isso é algo que não se pode jogar na cara dele. Ninguém é velho e feio porque quer.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 41.

<sup>180</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 79. “Vidal imaginou Faber à espreita das moças, escondido junto às latrinas, imaginou Rey beijando as mãos de Tuna, Jimi tarado como um cachorro.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 74.

<sup>181</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, pp. 79-80. Jimi compara Rey a “[...] um molusco, tremendo e babando”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 75.

metáforas construídos a partir de “comparaciones animalísticas”<sup>182</sup> acabam por agravar o processo de desqualificação do idoso. Além de comporem imagens tendentes a brutalizar e desumanizar a senescência, Vidal e Jimi equiparam o sujeito envelhecido a uma caricatura humilhante em um “desfile de máscaras”, a um “deficiente” e a um “sinvergüenza”.<sup>183</sup> Jimi, como de costume, faz uso da ironia para lidar com as consequências do tempo; Vidal, a seu turno, pende à melancolia, produzindo ecos à resignação percebida por Simone de Beauvoir no comportamento dos idosos:

Os interesses em jôgo nesta luta não são apenas de ordem prática mas também de ordem moral: *pretende-se obrigar os velhos a se conformarem com a imagem dêles formada pela sociedade*. São-lhes impostas restrições em questões de vestuário, decência de maneiras, respeito pelas aparências. A repressão se exerce sobretudo no domínio sexual.<sup>184</sup> (*grifo nosso*)

O recolhimento de *don* Isidro em estados melancólicos influencia a maneira como aquele transita por espaços compartilhados com os demais. Em âmbito doméstico, a condenação da senectude inibe o protagonista de atravessar o pátio do inquilinato para ir ao banheiro e, quando é necessário fazê-lo, investe sua caminhada de vergonha e de uma presunção de culpa pelo simples fato de o homem estar envelhecendo. No espaço público, o constrangimento de Vidal não é menor. Embora ao início do romance a personagem tenha se apegado às memórias da Buenos Aires de outrora a fim de resistir aos abalos em seu cotidiano, a pouco e pouco *don* Isidro modula o alcance de sua vista e de suas intenções para com o outro, especialmente para com as jovens: “Tenés que decirte que no son para vos. En cuanto las mirás demasiado, te convertís en un viejo repugnante.”<sup>185</sup> Nota-se, então, nas reflexões e assertivas de Vidal, a constituição de uma bipolaridade formada, em um extremo, pela frustração ocasionada por interditos ao homem impostos e, em outro, pela virilidade que subsiste na personagem. Essa bipolaridade convive com outra, composta por temporalidades distintas: de um lado, verifica-se a frustração ocasionada pela partida de Violeta, mãe de Isidorito, que deixou Vidal para fugir com um paraguaio quando o filho ainda era pequeno. De outro, percebe-se em *don* Isidro o desejo remanescente de superar o abandono e se

<sup>182</sup> NAVASCUES. *El esperpento controlado*. La narrativa de Adolfo Bioy Casares, p. 75. “comparações animaiscaas”. (*tradução nossa*)

<sup>183</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, pp. 79-80. Faz-se referência a um “desfile de máscaras”, a um “deficiente” e a um “sem-vergonha”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 74.

<sup>184</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 245.

<sup>185</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 69. “Tem que dizer a si mesmo que elas não são para você. Quando olha demais para elas, vira um velho repugnante.” CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 63.

mostrar vitorioso, como no sonho em que “[...] saltaba a caballo empinados obstáculos, triunfal ante las mujeres.”<sup>186</sup>

Desse modo, a melancolia e a frustração relacionadas ao envelhecimento do corpo masculino dividem espaço com a expressão da sexualidade do protagonista. Esse jogo de forças impede que prevaleça, em *don Isidro*, o comportamento de um sujeito pudico, moldado segundo a tradição vitoriana que, conforme os dizeres de Foucault, teria encerrado a sexualidade entre quatro paredes do ambiente privado burguês.<sup>187</sup> Quanto a este aspecto, Vidal revela certa ousadia e até mesmo atitudes que podem ser tidas como transgressoras, a exemplo da ocasião em que faz amor com Nélide, na casa desta, ciente de haver deixado a porta de entrada aberta. Para além de um questionamento da herança de valores vitorianos e burgueses, consubstanciado na relativização das fronteiras entre público e privado, aquela sorte de exibição pessoal consiste em exercício de poder no qual a virilidade é ostentada. Assim, ainda que se reconheça o afeto dirigido por *don Isidro* a Nélide, não se pode fechar os olhos ao fato de que o amor ofertado por uma jovem no contexto da *guerra al cerdo*, apesar dos riscos implicados na expressão de tal sentimento, pode trazer desdobramentos vantajosos ao sujeito marginalizado, afigurando-se como modo de subsistir aos dias de conflito e como remanso para o velho acuado e exausto.

Conforme já afirmado, o ingresso de Nélide na vida de *don Isidro* se assemelha a um respiradouro. Depreende-se que, pela primeira vez no curso da narrativa, o protagonista se sente em “[...] una casa de verdad”<sup>188</sup>. A ideia de um lar introduzida por Nélide é convidativa, na medida em que acena para o protagonista com a possibilidade de estar em um ambiente distinto daquele quarto do inquilinato, eivado da significação de refúgio e de toca, e oposto ao costume de viver com Isidorito, o “[...] que era una manera de vivir solo”<sup>189</sup>. Entretanto, Vidal leva, para o novo espaço doméstico, inquietações e inseguranças relacionadas à diferença de idade que podem separá-lo de Nélide. Produzindo ecos ao imaginário social que tende a marginalizar o idoso, *don Isidro* vislumbra o quadro em que seu desejo de viver com Nélide é tomado por ridículo e a moça manifesta sua preferência por Martín, o namorado jovem:

<sup>186</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 38. “[...] saltava a cavalo íngremes obstáculos, triunfal entre as mulheres”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 34.

<sup>187</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade I. A vontade de saber*, p. 9.

<sup>188</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 154. “A casa o deslumbrou: ‘É uma casa de verdade. Você não estava exagerando.’” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 144.

<sup>189</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 145. “Talvez depois a volta não fosse fácil, e quem sabe àquela altura ele já tivesse criado um novo hábito, o de viver com Nélide, para opor ao velho, o de viver com seu filho, que era uma maneira de viver sozinho”. (grifo nosso) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 134.

Imaginó la situación: su retirada bochornosa, entre la mofa de los parroquianos, mientras en el fondo del local la pareja se abrazaba; escena de final de película, con el castigo del villano (es decir, el viejo), la lógica reunión de los jóvenes, los enfáticos acordes de la orquesta y el aplauso del público.<sup>190</sup>

A despeito das periódicas inquietações acerca da (in)compatibilidade entre a velhice e uma experiência amorosa, *don* Isidro se permite divagar sobre a companhia de Nélide, e tem na mulher a promessa de um “[...] talismán contra el desaliento”<sup>191</sup>. A expectativa de que a jovem se afigure qual uma tábua de salvação em meio aos dias de violência é abortada por ocasião da morte de Isidorito. Após a perda do filho, *don* Isidro assume uma postura relativamente autônoma tanto em face de Nélide quanto em relação aos *muchachos* e ao ambiente em que vive, mergulhado que está na experiência da “falta de chão”, processo semelhante, como exposto no primeiro capítulo, à *Bodenlosigkeit* flusseriana. De qualquer maneira, a presença de Nélide na vida de *don* Isidro mesmo após o assassinato de Isidorito pode ser vista como experiência mitigadora do doloroso processo de constituição do homem-ilha, pois segundo observado por Noemí Ulla, “el amor, motivo constante de la narrativa de Bioy Casares, realiza la labor de enlace vital que atenúa las situaciones límites y da consuelo al padre cuando el hijo muere atropellado por un camión en circunstancias trágicas.”<sup>192</sup>

### 2.3 O arquipélago: precariedade na articulação entre idosos

Em *Bodenlos*: uma autobiografia filosófica, Vilém Flusser discorre sobre o doloroso percurso que possui, como início, a saída de Praga, e, como ponto culminante, a vinda para o Brasil e o despontar de sua vida intelectual neste país. Naquela obra, Flusser apresenta um conceito para o ato de dialogar e, bem assim, enumera os elementos constitutivos de tal processo. De acordo com o filósofo tcheco-brasileiro,

<sup>190</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 162. “Imaginou a situação: sua retirada vergonhosa, a zombaria dos fregueses, enquanto ao fundo o casal se abraçava; cena final de filme, com o vilão (quer dizer, o velho) castigado, a coerente união dos jovens, os acordes enfáticos da orquesta e o aplauso do público.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 151.

<sup>191</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 194. “Pensar em Nélide era um talismã contra o desalento.” (*grifo nosso*) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 179.

<sup>192</sup> ULLA. *De las orillas del Plata*, p. 177. “O amor, motivo constante na narrativa de Bioy Casares, desempenha a tarefa de enlace vital que atenua as situações-limite e dá consolo ao pai quando o filho morre atropelado por um caminhão em circunstâncias trágicas.” (*tradução nossa*)

O diálogo [...] é processo pelo qual vários detentores de informações parciais e duvidosas (ou, em todo o caso, duvidadas) trocam tais informações entre si, a fim de alcançar a síntese que possa ser considerada “informação nova”. Portanto, trata-se, no diálogo, de processo que visa a elaboração (a “criação”) de informação nova. Isto lhe confere caráter a um tempo revolucionário e circularmente não progressista. Revolucionário, porque o diálogo visa salto a partir de um nível contraditório (o das informações duvidadas) para um novo nível tético (o da nova informação aceita pelos participantes do processo). E “circularmente não progressista”, porque o diálogo é estruturalmente circuito fechado (embora o número dos seus participantes possa, em tese, aumentar dentro de limites relativamente estreitos), e porque a síntese informativa porventura alcançada não ultrapassa necessariamente o círculo dos participantes.<sup>193</sup>

Subsumindo-se as conversações entabuladas pelos *muchachos* ao longo de *Diario de la guerra del cerdo* à definição de diálogo elaborada por Vilém Flusser, fazem-se perceptíveis certas precariedades que acabam por impedir a formulação, por parte dos idosos, de enunciações discursivas eficazes o suficiente para darem corpo a pronunciamentos de resistência ou mesmo a propostas de desarticulação das ações dos *Jóvenes Turcos*. Se, por um lado, é possível verificar que *don* Isidro, Jimi, Néstor, Rey, Arévalo e Dante promovem certo intercâmbio de informações parciais relacionadas aos dias de *guerra*, por outro percebe-se que as informações partilhadas pouco servem para o alcance de conclusões que, mesmo provisórias, sejam úteis à defesa da senescência. Afirma-se, com isso, que os amigos comentam histórias que ouviram ou notícias publicadas em jornais, mas não se engajam em etapa posterior no processo comunicativo, já que não elaboram hipóteses vigorosas o bastante para servir a uma tomada de decisão, fundamentar algum encaminhamento ou mesmo subsidiar um pedido de providências que possa salvaguardá-los.

Nas conversas mantidas entre os *muchachos*, cabe diferenciar a postura assumida por Arévalo, o qual, conforme observado pelo narrador, é um “[...] ex periodista que durante algún tiempo redactó crónicas de teatro para una agencia que trabajaba con diarios del interior”<sup>194</sup>, “era el más leído”<sup>194</sup> e “[...] tenía el don de ver de afuera cualquier situación, incluso aquellas en que él participaba”<sup>195</sup>. As assertivas vindas de Arévalo mostram-no, de fato, como a única personagem idosa que se debruça de modo mais detido sobre o absurdo das agressões em curso. Entretanto, suas reflexões são frequentemente ceifadas, ora por

<sup>193</sup> FLUSSER. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, pp. 89-90.

<sup>194</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 11. “[...] ex-jornalista que durante algum tempo redigiu crônicas de teatro para uma agência que trabalhava com jornais do interior, era o mais erudito.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 8.

<sup>195</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 14. “[...] tinha o dom de ver de fora qualquer situação, inclusive aquelas de que participava”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 11.

divagações estereis, expressas, por exemplo, por Rey, ora pela ironia que caracteriza as declarações de Jimi.

É Arévalo quem reflete de modo aprofundado sobre a conduta dos jovens: “—En esta guerra los chicos matan por odio contra el viejo que van a ser. Un odio bastante asustado...”<sup>196</sup>. Ademais, é aquela personagem quem alerta os *muchachos* para a perigosa proximidade das ações dos *Jóvenes Turcos*: “—Noto con alarma un gran cambio —insistió Arévalo—. Estas cosas pasaban antes en las noticias de policía, a desconocidos; ahora a personas del barrio.”<sup>197</sup> As observações de Arévalo não motivam uma discussão voltada à defesa dos amigos e idosos próximos. Isso porque embora Rey questione “¿Por qué el gobierno tolera que ese charlatán [Arturo Farrell], desde la radio oficial, difunda la ponzoña?”<sup>198</sup> e demonstre uma coragem que jamais é vertida em ato (“—Nuestra pasividad peca de indigna. Si he de morir, que me quede el consuelo de haber despanzurrado a tres o cuatro.”<sup>199</sup>), o tom de gravidade imposto à conversa é descontinuado pela zombaria de Jimi: “—Otro pasito y ¡pobres de nosotros! —gimió Jimi, guiñando un ojo.”<sup>200</sup>

É interessante observar que a perspicácia de Arévalo desnuda Vidal e mostra a inconsistência das reflexões do protagonista. Manifestando-se contrário à conduta dos *Jóvenes Turcos*, Arévalo ouve de *don* Isidro a réplica “—Yo creo que Farrell ha dado conciencia a la juventud. Si estás en contra de las charlas de fogón, todavía te van a confundir con los matusalenes.”<sup>201</sup> A esta afirmação, Arévalo apenas responde: “Qué razonamiento —dijo Arévalo, con una sonrisa.”<sup>201</sup>, como quem não está disposto a criticar a fala do amigo. O desnível entre a ponderação de Arévalo e a resposta de *don* Isidro revela a oscilação deste entre a vida adulta e o limiar da velhice, oscilação esta que adquire contornos curiosos se considerado o fato de que, na noite imediatamente anterior ao diálogo acima referido, o protagonista se viu obrigado a buscar refúgio no sótão do inquilinato para que não fosse agredido pela agremiação juvenil da qual Isidorito faz parte. Nota-se, então, que Vidal

<sup>196</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 107. “— Nesta guerra os garotos matam de ódio pelo velho que um dia vão ser. Um ódio bastante assustado...” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 100.

<sup>197</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 49. “Estou assustado com a grande mudança que venho percebendo — insistiu Arévalo. — Essas coisas antes só aconteciam nas notícias policiais, e a desconhecidos; agora, acontece (*sic*) a pessoas do bairro.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 46.

<sup>198</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 50. “Por que o governo tolera que esse charlatão espalhe o veneno pela rádio oficial?” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 46.

<sup>199</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 110. “Nossa passividade é indigna. Se vou morrer, que pelo menos me fique o consolo de ter arrebetado três ou quatro.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 102.

<sup>200</sup> CASARES. , p. 49. “Mais um passo e... pobres de nós! — gemeu Jimi, piscando um olho.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 46.

<sup>201</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 50. “— Creio que Farrell deu consciência à juventude. Se você é contra bate-papos em torno da fogueira, ainda vão confundi-lo com os matusaléns. — Que raciocínio — disse Arévalo com um sorriso.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 46.

reconhece, nos *muchachos*, a figura de amigos; entretanto, não os percebe como semelhantes no contexto da *guerra* porquanto não verbaliza sobre o próprio envelhecimento. A postura refratária de Vidal, aliada às precariedades dialógicas que perpassam os momentos de encontro dos seis amigos, resulta na impossibilidade de uma coesão eficaz dos velhos em face de agressões potenciais.

Cumprir esclarecer que a análise ora desenvolvida não possui a finalidade de formular críticas às insuficiências enunciativas dos *muchachos* de modo a imaginar uma situação ideal em que os idosos, após se dedicarem à troca de ideias, alcancem respostas certas para o quadro aflitivo desenhado a partir das atitudes dos jovens. Pelo contrário, compreende-se que as conversações dos *muchachos* carecem, na verdade, de um maior cultivo à dúvida voltada à conduta do agressor e, sobretudo, ao lugar da velhice na dinâmica social. Adotando-se a perspectiva de Vilém Flusser acerca da dúvida, pode-se afirmar que o questionamento é fundamental para que o sujeito avance: “Para o filósofo tcheco-brasileiro [...], é preciso proteger a dúvida: o intelecto não é um instrumento para dominar o caos, mas sim ‘um canto de louvor ao nunca dominável’.”<sup>202</sup>

Dessa forma, percebe-se que os seis amigos refutam a possibilidade de uma jornada mais ousada nos domínios da incerteza e se agarram a concepções cristalizadas, que incluem antigos preconceitos relacionados à senectude. Por isso, verifica-se que os velhos mais são pensados do que pensam, isto é, curvam-se à majestade de significações previamente construídas<sup>203</sup> e esperam por dias pacíficos, ainda que estes também impliquem a marginalização do homem velho. Vale ainda reconhecer que o rompimento da inércia e de entendimentos sedimentados constitui tarefa difícil em qualquer etapa da vida, pois, consoante lembra Samuel Beckett, vencer o hábito é tarefa dolorosa:

O hábito, então, é um termo genérico para os incontáveis compromissos travados entre os incontáveis sujeitos que constituem o indivíduo e seus incontáveis objetos correspondentes. Os períodos de transição que separam adaptações consecutivas (já que nenhum expediente macabro de transubstanciação poderá transformar as mortalhas em fraldas) representam as zonas de risco na vida do indivíduo, precárias, perigosas, dolorosas, misteriosas e férteis, quando por um instante o tédio de viver é substituído pelo sofrimento de ser.<sup>204</sup>

<sup>202</sup> BERNARDO. Do pensamento como dúvida, p. 107.

<sup>203</sup> Nesta passagem, tem-se como referência a interpretação de Gerd Bornheim a propósito de versos de Carlos Drummond de Andrade, constantes do poema *A Luis Maurício, infante*. Ao refletir sobre “E as palavras serão servas/de estranha majestade”, Bornheim assinala que, “no fundo, servo da palavra é aquele que a profere” e que “o homem já está desde sempre situado numa língua, ele é regido por ela, e só chega a articular o pensamento dentro dos parâmetros que ela põe a seu dispor. O homem e a condição humana são conduzidos pelo sentido da palavra.” Cf. BORNHEIM. O conceito de tradição, p. 19.

<sup>204</sup> BECKETT. *Proust*, pp. 17-8.

Por consequência, cada idoso lança mão de um modo próprio de subsistir, desarticulado em relação às estratégias levadas a cabo por seus pares. Sob este prisma, os velhos *muchachos* se afiguram como ínsulas distantes umas das outras. A impotência quanto ao estabelecimento de uma comunicação efetiva e transformadora aproxima tais personagens idosas da acepção de “ilhamento”, desenvolvida por Osman Lins a propósito de análise das personagens criadas por Lima Barreto. Isso porque embora os amigos se encontrem com certa frequência nos dias de *guerra*, permanecem como “várias unidades, isoladas”<sup>205</sup>, e seus encontros não lhes propiciam quaisquer “acréscimos ou perdas espirituais”<sup>205</sup>, impotentes que estão para alterar suas próprias convicções e, por extensão, as crenças dos que os cercam e as características que delineiam o ambiente à volta.

Segundo já apontado, Vidal percebe, no amor da jovem Nélide, uma possibilidade de escape em relação à velhice. Arévalo, por sua vez, faz uso da reconhecida inteligência e, sem qualquer alarde, promove mudanças em sua aparência, conforme percebido por *don* Isidro: “Con razón lo notaba limpio y hasta paquete. Ni siquiera tenía caspa.”<sup>206</sup> Ironicamente, a notável perspicácia do ex-jornalista não se mostra completamente eficaz, porquanto o homem, surpreendido em companhia de uma jovem na saída de um hotel, é agredido brutalmente e precisa ser hospitalizado.

À sutileza das mudanças empreendidas por Arévalo no que diz respeito à aparência contrapõe-se o patético artifício de camuflagem utilizado por Dante, o mais velho dos *muchachos*, que tingi os cabelos brancos. O próprio Dante acaba por admitir a improbabilidade de, mediante uso de tintura, imiscuir-se na coletividade e garantir sua segurança: “–¿Te explico mis dudas? –preguntó Dante–. Hay personas a quienes el pelo canoso repugna y enfurece; en cambio a otros les da rabia un viejo teñido. [...] –Hay un pero –observó Dante, con visible preocupación–. La tintura se nota.”<sup>207</sup> Além de pintar os cabelos, Dante busca alguma sorte de explicação para os dias de animosidade e, conforme observa Javier de Navascués, o velho esboça uma justificativa que esbarra os domínios do grotesco:

La irrupción de la conducta grotesca tiene mucho que ver con el tema del Apocalipsis, que aparece en *Diario de la guerra del cerdo* y en algún relato (“El gran serafín”, por ejemplo). La situación novelesca se vuelve tan

<sup>205</sup> LINS. *Lima Barreto e o espaço romanesco*, p. 34.

<sup>206</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 166. “Não é à toa que andava limpo e até enfiotado. Nem tinha mais caspa.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 154.

<sup>207</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 56. “– Quer que eu explique minhas dúvidas? – perguntou Dante. Há pessoas que sentem repugnância e se enfurecem com o cabelo grisalho; por outro lado, há outros que sentem raiva é de um velho de cabelo pintado. [...] – Há um porém – observou Dante, visivelmente preocupado. – Dá para perceber a tintura.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 53.

espantosa que algunos creen en la inminencia del fin del mundo. El pusilánime Dante gime así pensando en que las persecuciones contra los viejos son un signo apocalíptico: “Un espectáculo del fin del mundo. Ustedes no se dan cuenta. Estas locuras, todas estas monstruosidades, ¿o anuncian el fin del mundo o qué sentido tienen?”<sup>208</sup>

Leandro Rey, a seu turno, procura subsistir segurando às mãos o comando do ambiente doméstico e da caixa registradora de sua padaria. Ao preservar-se útil e detentor de poder econômico, Rey justifica a manutenção da autoridade sobre as filhas, desejosas de assumir o controle do patrimônio do pai. A fim de perdurar em meio à *guerra*, o velho espanhol também busca afirmar-se na expressão de sua sexualidade. Percebe-se como curiosa a passagem em que Rey convida *don* Isidro para acompanhá-lo a um prostíbulo, circunstância em que o protagonista, ingenuamente, acredita que o amigo esteja apenas interessado em comprar o estabelecimento. Deste episódio, cumpre realçar uma bela meditação de Vidal, que, ao perceber a verdadeira intenção de Leandro Rey, indaga a si mesmo: “¿Hasta cuándo él, un hombre ya cansado, sería íntimamente un chico?”<sup>209</sup>. Mediante tal sorte de questionamento, *don* Isidro reforça seu *status* de errante nos territórios da infância, da idade adulta e da velhice, condição que, em última análise, qualifica todos nós. Ademais, ecoa na indagação de *don* Isidro a afirmação de Simone de Beauvoir sobre a impossibilidade de uma definição para a velhice. Não é possível “[...] definir a velhice; verificaremos, pelo contrário que ela assume múltiplos aspectos, irreduzíveis uns aos outros.”<sup>210</sup> (*grifo original*)

Ainda a respeito da visita de Leandro Rey e Vidal a um prostíbulo, considera-se importante aventar a hipótese de que o estranho momento compartilhado pelos dois amigos seja revestido de um significado que ultrapassa a intenção de mero exibicionismo da virilidade do espanhol. Afinal, Rey se mostra limitado em face de Tuna: apenas beija-lhe as mãos, assiste a alguns passos de dança rascunhados pela mulher e, em seguida, procede ao pagamento dos serviços prestados. É certo que Leandro Rey tenta se gabar, revelando a Vidal que, como Tuna, conhece outras: “–No está mal la chicuela. Dispongo de otras iguales

<sup>208</sup> NAVASCUÉS. *El esperpento controlado*. La narrativa de Adolfo Bioy Casares, p. 70. “A irrupção da conduta grotesca tem muito a ver com o tema do Apocalipse, que aparece em *Diario da guerra do porco* e em algum conto (‘O grande Serafim’, por exemplo). A situação romanesca se torna tão espantosa que alguns acreditam na iminência do fim do mundo. O pusilánime Dante geme assim pensando que as perseguições aos velhos são um signo apocalíptico: ‘Um espetáculo do fim do mundo. Vocês não se dão conta. Essas loucuras, todas essas monstruosidades, anunciam o fim do mundo; se não, que sentido têm?’” (*tradução nossa*)

<sup>209</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 62. “Até quando ele, um homem já cansado, seria, no fundo, um menino?” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 58.

<sup>210</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 14.

o parecidas, un enjambre de ellas, en constante contacto telefónico...”<sup>211</sup> Contudo, esta afirmação queda envolta em espessa nebulosidade, visto que não é possível saber se é procedente. Compreende-se, a partir da passagem destacada, que Rey almeja legitimar a própria conduta por meio da eventual aprovação de Vidal. Se *don* Isidro não profere a Leandro qualquer palavra de incentivo sobre o que testemunhara em um quarto de prostíbulo, também não rompe a amizade constituída e sobre esta reflete:

Quizá una de las pocas enseñanzas de la vida fuera que nadie debe romper una vieja amistad porque sorprenda una debilidad o una miseria en el amigo. En el conventillo descubrió que toda persona, en la intimidad, es repulsivamente débil, pero también, por los compromisos de vivir y morir, valiente.<sup>212</sup>

O acesso dos dois homens a uma casa de prostituição apresentada em *Diario de la guerra del cerdo* sublinha a aspiração do senescente – especificamente de Leandro Rey – a que lhe seja reconhecida a possibilidade de frequentar espaços onde se dão práticas toleradas por dada coletividade e franqueadas aos homens mais novos. Desse modo, a ida a um prostíbulo não consiste em atitude transgressora, de resistência ou contestação às limitações impostas ao idoso durante a *guerra*. Em verdade, aquele trânsito implica um desejo de fruição do que está ao alcance dos demais sujeitos e, além disso, corrobora a existência de espaços de exceção autorizados pela “hipocrisia de nossas sociedades burguesas”<sup>213</sup>, segundo assevera Michel Foucault em suas reflexões a respeito da história da sexualidade:

*Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. O rendez-vous e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica – estes “outros vitorianos”, diria Stephen Marcus – parecem ter feito passar, de maneira sub-reptícia, o prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se contam; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo.<sup>214</sup> (grifos nossos)*

<sup>211</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 64. “– Nada mal a garotinha. Disponho de outras iguais ou parecidas, um enxame delas, ao alcance de uma chamada de telefone...” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 59.

<sup>212</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 194. “Talvez um dos poucos ensinamentos da vida fosse que ninguém devia romper uma velha amizade por ter surpreendido uma fraqueza ou uma sordidez de um amigo. No cortiço descobriu que toda pessoa, na intimidade, é repulsivamente fraca, mas também, por causa dos compromissos de viver e morrer, valente.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 179.

<sup>213</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade I*. A vontade de saber, p. 10.

<sup>214</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade I*. A vontade de saber, p. 10.

No que toca a Jimi Newman, o descendente de irlandeses, verifica-se a subsistência aos dias de *guerra* a partir da utilização da argúcia e da ironia em âmbito discursivo. Reside em Jimi a habilidade de mirar a velhice com escárnio, criticando-a antes que outros a critiquem. Além disso, a personagem recorre à estratégia de impossibilitar o engajamento dos *muchachos* em assuntos que lhes exijam maior seriedade, evitando, assim, deitar os olhos sobre as desventuras que se lhes apresentam. Enquanto Arévalo propõe relatar ou analisar uma notícia de agressão aos velhos, Jimi o combate convocando o grupo à discussão de amenidades, como ocorre na passagem a seguir:

–Peor es el caso del abuelo –dijo Arévalo.  
 –¿De Rey? –preguntó Dante.  
 –¿Ustedes no leen los diarios? –preguntó Arévalo. Era un peso para la familia y fue eliminado por dos nietas de seis y ocho años.  
 –Respectivamente –concluyó Rey.  
 –¿Se proponen inquietarme? –preguntó Jimi–. *Hablemos de cosas serias. El domingo, ¿gana River?*<sup>215</sup> (grifo nosso)

Se Jimi é implacável ao comentar o que toma por degeneração e feiura nos processos de envelhecimento ocorridos a sua volta, também reserva sagacidade para rir de si mesmo, como no episódio em que, durante conversa com *don* Isidro, não se curva à crítica sobre seus encontros furtivos com Leticia, a empregada da casa onde mora. Os traços que compõem a personalidade de Jimi acabam por arrebanhar a admiração de Vidal, que, sobre o amigo, assim reflete:

Siempre pasaba lo mismo. Usted lo creía vencido y antes de reaccionar estaba escuchándole consejos de profesor. Jimi era imbatible. [...] Le parecía que entre tanta gente dispuesta a ceder, Jimi era un pilar del mundo. Por lo menos del mundo suyo y de los amigos.<sup>216</sup>

Observa-se que as evasões empreendidas por Jimi no plano da linguagem acabam sendo transpostas à esfera da literalidade. Após o velório de Néstor, Jimi desaparece sem deixar qualquer rastro ou explicação aos *muchachos*. Sua outra forma de subsistir reside, então, em uma possível fuga – interpretada por alguns como sequestro –, consoante dúvida semeada pelo narrador a partir das andanças de *don* Isidro. À procura do amigo,

<sup>215</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 51. “– Pior é o caso do avô – disse Arévalo.

– De Rey? – perguntou Dante.

– Vocês não leem jornal? Perguntou Arévalo. – Era um peso para a família e foi eliminado por duas netas, de seis e oito anos.

– Respectivamente – completou Rey.

– *Estão querendo me inquietar?* – perguntou Jimi. *Vamos falar de coisas sérias. O River ganha domingo?*” (grifo nosso) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, pp. 47-8.

<sup>216</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 80. “Sempre acontecia a mesma coisa. A gente o julgava vencido e, antes de reagir, já estava escutando seus conselhos de professor. [...] Parecia-lhe que, entre tanta gente disposta a ceder, Jimi era um pilar do mundo. Pelo menos do mundo dele e dos amigos.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 75.

Vidal descobre que Leticia está dormindo na casa onde mora Jimi. No olhar da empregada e em seu sorriso, o protagonista percebe a sugestão de que há mais no interior daquela casa do que se poderia cogitar. Se Jimi passa os últimos dias da *guerra* atocaiado no espaço doméstico, o narrador não o revela.

Cumpramos ressaltar que o reaparecimento de Jimi Newman é interpretado, por Leandro Rey, como uma traição: para o dono da padaria, o descendente de irlandeses teria sido solto pelos *Jóvenes Turcos* após contar a seus algozes que Arévalo mantinha um relacionamento com uma jovem. Apesar da suspeição de Rey, não se verifica qualquer juízo depreciativo que associe a possível traição de Jimi a sua condição de filho de imigrantes. Esta questão assume relevância se considerado que, conforme assinala Noemí Ulla, interessavam a Adolfo Bioy Casares as reconfigurações ocorridas em Buenos Aires a partir da segunda metade do século XIX, quando a cidade portenha recebeu um significativo fluxo migratório. Em contos e romances casareanos, Ulla verifica “[...] la utilización del diálogo directo, buscando la recepción del lector, el registro amplio de la ciudad capital y el cambio que le imprimieron las diversas olas inmigratorias, la transformación en el comportamiento, características y habla de sus clases sociales.”<sup>217</sup> Ainda que em *Diario de la guerra del cerdo* não haja menção expressa à chegada de migrantes europeus em Buenos Aires, nota-se uma referência indireta àquele acontecimento por meio da ascendência irlandesa de Jimi Newman. Não se verifica, por outro lado, qualquer problematização acerca das relações entre *criollos* e imigrantes, já que ao duvidar da lealdade de Jimi, Leandro Rey não o faz com base em julgamentos sobre as raízes familiares daquele. Verifica-se, de fato, que os aspectos gerais dos dias de *guerra* são associados aos nacionais como um todo, segundo comentário de Dante: “Descubrir tanto ódio, *en mis propios compatriotas*, les juro, me entristece.”<sup>218</sup> (*grifo nosso*)

Constata-se ainda, na narrativa, importante grau de ironia no que toca ao destino de Néstor, o sexto *muchacho*. Hipoteticamente, é esta a personagem que desfruta de maior respaldo, propiciado pelo companheirismo do jovem filho. Entretanto, a suposta lealdade filial, que se afigura como a maior fortaleza do idoso, é justamente o fator que leva Néstor a sucumbir. Dessa forma, a fragilidade deste *muchacho* reside na presunção de segurança, que não o motiva a fazer uso de qualquer artifício para se proteger. A autoconfiança de Néstor

<sup>217</sup> ULLA. *De las orillas del Plata*, p. 167. “[...] a utilização do diálogo direto, buscando a recepção do leitor, o amplo registro da capital e a mudança que lhe imprimiram as diversas ondas migratórias, a transformação no comportamento, características e fala de suas classes sociais.” (*tradução nossa*)

<sup>218</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 113. “Descobrir tanto ódio em meus compatriotas, juro a vocês, me entristece.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 104.

compõe-se, também, da privilegiada situação financeira em que se encontra: ao investir em imóveis pensando em beneficiar o próprio filho, Néstor justifica sua utilidade no âmbito das relações familiares e tem por insuspeitada a fidelidade do jovem. Porém, como em um jogo de espelhos que deformam as aparências, o ranzinza e acabrunhado Isidorito se revela leal a *don* Isidro, ao passo que o jovem Néstor, que se desdobrava em afirmações de apoio ao pai e aos amigos deste, conduz a figura paterna à morte violenta em um estádio de futebol. Segundo Javier de Navascués, a morte de Néstor serve de alerta a *don* Isidro: “El asesinato de Néstor le advierte de su destino. No en vano el nombre de Néstor remite al héroe griego que simboliza la sabiduría en la vejez.”<sup>219</sup> A assertiva de Navascués corrobora a ironia em que Néstor está envolto, já que a sabedoria atribuída à personagem grega de mesmo nome contrapõe-se à feliz ignorância do *muchacho*, que mal imaginava o iminente crime que lhe colheria a vida.

Vale examinar, ainda, a passagem em que quatro dos *muchachos* – Vidal, Arévalo, Dante e Rey – se dirigem ao cemitério *Chacarita* em um carro fúnebre, por ocasião da morte de Néstor. Da janela do carro, os amigos observam a superposição da Buenos Aires presente à cidade que outrora conheceram. Brevemente, então, rememoram o antigo nome da avenida por onde transitam, os veículos de outros tempos, as lagoas varridas do mapa, as casas da infância, o bonde que ganhava as ruas, um curral e uma estrebaria substituídos pela urbanização, certa vizinha já falecida e jovens moças de tempos idos, pelas quais suspiraram.<sup>220</sup>

As lembranças de vestígios da cidade encobertos pelo tempo não possuem natureza despretensiosa e nostálgica; pelo contrário, a narrativa sobre tais reminiscências é produtora do sentido de pertencimento àquele espaço e fortalece a relação entre os idosos e o lugar cujas mudanças testemunharam. A partir da associação entre imagem, memória e linguagem, os velhos se apoderam de parte da história do espaço urbano e legitimam sua presença no lugar. A força do exercício narrativo é observada por Mariele Rodrigues Correa a propósito de obra publicada por Michel de Certeau:

A experiência narrativa, de acordo com Michel de Certeau (1994) no livro *A invenção do cotidiano*, é diferente de uma simples técnica de descrição. Para o autor, contar uma história é criar espaço para a ficção, é uma arte do dizer e de fazer a história. Além disso, a narrativa implica uma relação indissociável do tempo, da noção de duração, *da memória presentificando-*

<sup>219</sup> NAVASCUÉS. *El esperpento controlado*, p. 79. “O assassinato de Néstor o adverte quanto a seu destino. Não é em vão que o nome de Néstor remete ao herói grego que simboliza a sabedoria na velhice.” (tradução nossa)

<sup>220</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 128-130. Na versão em português utilizada nas notas de rodapé deste estudo, a referida passagem se encontra nas páginas 118 e 119.

*se no ato mesmo da fala: “O discurso produz efeitos ao querer dizer outra coisa do que aquilo que se diz; exerce sua estratégia por um desvio pelo passado, recorrendo à memória como uma de suas táticas geradoras de sentido”.<sup>221</sup> (grifo nosso)*

Para além da conversa durante o cortejo fúnebre de que participam quatro dos *muchachos*, interessa ponderar sobre a experiência destes no cemitério. Naqueles dias de *guerra*, a desordem ultrapassa os ambientes seculares e ameaça a execução de um rito sagrado, porquanto aqueles amigos e os demais idosos presentes na *Chacarita* são recebidos a pedradas por jovens e, via de consequência, impelidos à fuga. A perturbação daquele ritual religioso de despedida implica a concorrência de significados díspares historicamente atribuídos à topografia do cemitério: por um lado, o espaço remete à ideia de proteção dos mortos por uma divindade; por outro, o lugar assume contornos temíveis e diabólicos. Nesse sentido, é possível estabelecer um paralelo entre a turbação provocada em âmbito ficcional pela *guerra al cerdo* e turbação pretérita, causada pela peste durante os séculos XVI e XVII na Europa. Segundo Philippe Ariès, em momentos tumultuados como aqueles causados pela peste, acreditava-se que os poderes sobre o cemitério eram arrebatados por uma entidade diabólica, e, nesta situação,

o cemitério faz parte do domínio dele [o demônio], um vestíbulo do Inferno. Na luta cósmica que a Igreja empreende contra Satã, ela teve de arrancar-lhe o cemitério por um ato consagrador solene e defender dele as sepulturas bentas; mas ele anda em volta à espreita; mantido a distância em virtude dos exorcismos e da sagração, basta uma falha nesta para que ele volte, tão forte é a atração entre os cadáveres e ele.<sup>222</sup>

Uma vez visitada a significação demoníaca do cemitério em períodos de desassossego social, é possível utilizá-la com vistas à interpretação do trecho acima referido, pertencente à narrativa casareana. Na crueldade dos jovens, que atiram pedras aos presentes no enterro, verifica-se a profanação de um ritual sagrado e da morte em si, personificada no cadáver que espera sepultamento e nos demais restos mortais que já se encontram sob a terra. Se tal atitude impede a consecução de uma prática litúrgica, também agride o direito, pertencente àqueles que choram a perda, de zelar pela dignidade de quem se foi, mas deixa afetos e lembranças. Ao tratar da violação do luto a partir dos obstáculos postos ao enterro, *Diario de la guerra del cerdo* dialoga com *Antígona*, última tragédia da trilogia tebana, ainda que as ações das personagens nos dois textos sejam divergentes. Enquanto no romance de Adolfo Bioy Casares os idosos fogem, assustados que estão com a fúria dos jovens, no

<sup>221</sup> CERTEAU apud CORREA. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*, p. 110.

<sup>222</sup> ARIÈS. *O Homem diante da morte*, p. 521.

texto de Sófocles verifica-se a coragem de Antígona, que não abre mão do propósito de ver seu irmão sepultado. Tem-se, na tragédia grega,

o clamor de Antígona pela aplicação do que pode ser denominado *direito natural* em contraposição a um *direito positivo*. Antígona baseia-se em valores atemporais e inatos a cada ser humano na tentativa de proceder ao enterro de seu irmão. A filha de Édipo recorre às normas postas pelos deuses para desobedecer ao édito do déspota Creonte, que havia proibido o culto ao corpo de Polinice.<sup>223</sup> (*grifo original*)

A dispersão dos amigos presentes no cemitério da *Chacarita* constitui elemento ratificador da precariedade na articulação entre idosos durante os dias de animosidade, demonstrada nas passagens do romance que foram citadas neste capítulo. Ao tomar por foco a fuga de *don* Isidro, o narrador sugere a instauração de um clima de “salve-se quem puder”, prevalecente sobre qualquer intento de coesão e solidariedade entre os *muchachos* ou sobre qualquer ânimo à reação. Compreende-se, ainda, que o mesmo trecho serve ao propósito de realçar o estado de insulamento vivido por *don* Isidro, apartado dos demais mediante golpes de pedra e exposto à face aterrorizante da *guerra al cerdo*.

---

<sup>223</sup> MALLOY. Narrativas do trauma e da memória: reflexões sobre “Carta a Vicki” e “Carta a meus amigos”, de Rodolfo Walsh, pp. 112-3.

### 3. O mar bravo: *Jóvenes Turcos* e os efeitos do tempo

#### 3.1 A difusa face do inimigo

Ao desenvolver a teoria da lide, compreendida nos estudos de Ciência do Direito, o jurista italiano Francesco Carnelutti observa que um conflito de interesses é instaurado quando um indivíduo objetiva usufruir de determinado bem ou direito e encontra obstáculos a sua pretensão, consubstanciados na resistência oferecida por outro indivíduo.<sup>224</sup> Na teoria referida, Carnelutti possui por foco o exame de conflitos que, não sendo resolvidos mediante acordo celebrado pelos próprios sujeitos envolvidos no embate, passam à apreciação do Estado, ao qual cabe exercer a função jurisdicional e, a partir desta atividade, contribuir para a promoção da paz social. Compreende-se que o binômio constante da teoria carneluttiana, constituído pelos elementos *pretensão – resistência*, pode ter sua dinâmica estendida ao exame de situações extremadas, a exemplo do estado de insegurança que perpassa o enredo de *Diario de la guerra del cerdo*. Para isso, cumpre destacar, especialmente, a curiosa utilização do sintagma *guerra* tanto no título do romance quanto na narrativa.

Uma disputa bélica, para ser levada a cabo, pressupõe a organização de dois ou mais grupos em torno de polos distintos e em oposição de interesses. Verifica-se, por isso, também no arranjo excepcional em que se dá uma guerra, um quadro desenhado a partir da bipolaridade *pretensão – resistência*. Se, entretanto, atitudes de animosidade são perpetradas por um grupo em direção a outro sem que este empreenda uma reação proporcional e contrária, não se pode reconhecer um estado de guerra. Neste caso, a hipertrofia do polo *pretensão*, pareado a uma tímida e precária *resistência*, pode caracterizar, tão-somente, situações de perseguição, terror, atentado ou usurpação. Isto posto, a “mensagem linguística”<sup>225</sup> que orbita em função do significante *guerra* utilizado no romance em análise provoca o leitor e reclama atenção mais detida, já que não se verifica na narrativa uma situação de belicosidade declarada tanto por jovens quanto por velhos, na qual haja momentos de ataque e contra-ataque ou medição de forças por meio da ação de grupos antagônicos. Longe de afigurar uma descontinuidade semântica que beire a incoerência, o

---

<sup>224</sup> CÂMARA. *Lições de direito processual civil*, p. 69.

<sup>225</sup> BARTHES. *A retórica da imagem*, p. 28.

significante *guerra* presente no título e no enredo do romance requer a mobilização de outro(s) sentidos(s)<sup>226</sup>, assentado(s) em um nível narrativo que está além da leitura restrita às ações concretas adotadas pelos *Jóvenes Turcos* contra os idosos residentes na capital argentina.

Se a natureza dos dias de violência conhecidos sob a denominação *guerra al cerdo* ultrapassa a obviedade com a qual se poderia interpretar o vocábulo *guerra*, também a face do agressor não se oferece de maneira clara, impedindo a demarcação de fronteiras indubitáveis entre personagens-tipo boas e más. Sabe-se, de qualquer forma, que as agressões aos idosos são organizadas em torno de um referencial: o *camionero loco*<sup>227</sup> Arturo Farrell. A partir dos discursos por aquele proferidos na rádio oficial, permite-se que a vilania ganhe nome e se organize sob a alcunha *Jóvenes Turcos*, garantindo que a existência e os contornos identitários do grupo sejam divulgados e apreendidos pela comunidade de ouvintes. A adoção de um rótulo surge, então, como um pressuposto de coesão e um signo de poder atribuído ao círculo de agressores. Ademais, vai ao encontro de reflexão deixada por Mário de Andrade, segundo o qual “a humanidade carece de rótulos para compreender as coisas. Falando de modo geral, a humanidade não compreende as coisas, compreende os rótulos.”<sup>228</sup>

O exame do rótulo escolhido para designar a juventude agressora em *Diario de la guerra del cerdo* demanda o estabelecimento de um diálogo entre ficção e eventos históricos. Nos domínios da narrativa histórica, a utilização do termo “Jovens Turcos” é encontrada ao final do século XIX, no Império Otomano, em referência aos membros do “Comitê de União e Progresso” – CUP. Opondo-se aos traços absolutistas característicos do sultanato de Abdul Hamid II, os Jovens Turcos visavam à consolidação do constitucionalismo liberal e trouxeram ao Império, com a Revolução Turca de 1908, expectativas de renovação política. Porém, como observa Daniela Spinelli,

<sup>226</sup> BARTHES. A retórica da imagem, p. 28.

<sup>227</sup> No capítulo V de *Diario de la guerra del cerdo*, Isidorito se refere a Arturo Farrell sem, entretanto, pronunciar seu nome. Segundo o filho de Vidal, trata-se de “[...] un energúmeno. Un individuo muy querido que se dedica al transporte de verduras. Un tipo pintoresco, un héroe popular. Hasta le han hecho un versito: *Salite de la esquina/camionero loco...*”. CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 35. Na versão em português ora utilizada, os versos são traduzidos em uma nota, e Farrell é apresentado como “[...] um energúmeno. Um tipo pitoresco, um herói popular. Até fizeram um versinho para ele: ‘Saia da esquina/Caminhoneiro louco...’”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 31.

<sup>228</sup> A passagem citada consta de texto crítico elaborado por Mário de Andrade a respeito dos poemas escritos por Oswald de Andrade e reunidos na obra *Pau Brasil*. Após discorrer sobre questões materiais e formais atinentes àqueles poemas, Mário de Andrade afirma aceitar o rótulo “Pau Brasil”, atribuído a seu labor artístico e, também, ao de Tarsila do Amaral e Paulo Prado. Cf. ANDRADE. *Oswald de Andrade: Pau Brasil*, Sans Pareil, Paris, 1925. In: ANDRADE. *Pau Brasil*. Obras completas, p. 82.

a tomada efetiva do poder pelos Jovens Turcos veio no dia 23 de janeiro de 1913 com um golpe de estado e a instituição de um triunvirato integrado por Talat Paxá, Ever Paxá e Djemal Paxá. Estes assumiram o governo com promessas de nova etapa da história para o Império. No entanto, o mesmo partido que promulgou a esperança de paz com a restituição da Constituição de 1876 disseminou sua cólera e as mais bárbaras manifestações de violência.<sup>229</sup>

Empenhados em frear o processo de decadência do império e impedir seu desmembramento, os Jovens Turcos foram responsáveis pela adoção de medidas de homogeneização cultural e por práticas de limpeza étnica que, como ressalta Márcio Seligmann-Silva, acarretaram a morte de “cerca de 1.200.000 armênios do então Império otomano (*sic*), de uma população total de cerca de 1.800.000”.<sup>230</sup> Samantha Power, em obra agraciada com o Prêmio Pulitzer no ano de 2003, apresenta minucioso relato sobre as ações engendradas pelos Jovens Turcos com vistas ao extermínio do povo armênio. Levando-se em consideração a riqueza das informações levantadas por Power e a demonstração dos impactos avassaladores decorrentes da ascensão dos Jovens Turcos ao poder, julga-se importante citar uma passagem de seu trabalho, ainda que relativamente extensa.

O mundo soubera que os armênios corriam grave perigo muito antes que Talaat e a liderança dos Jovens Turcos ordenassem sua deportação. [...] Em janeiro de 1915, em comentários noticiados pelo *New York Times*, Talaat afirmou que não havia lugar para cristãos na Turquia e que seus defensores deveriam aconselhá-los a dar o fora. Em fins de março, a Turquia havia começado a desarmar os homens armênios que serviam o exército otomano. Em 25 de abril de 1915, dia em que os Aliados invadiram a Turquia, Talaat ordenou que cerca de 250 intelectuais armênios fossem detidos e executados em Constantinopla. Em cada uma das seis províncias orientais da Turquia, armênios eminentes tiveram mais ou menos o mesmo destino. Em áreas rurais, homens armênios foram, de início, recrutados como animais de tração, para transportar suprimentos turcos para a frente de batalha, mas logo até essa tarefa foi considerada uma existência digna demais para os traidores cristãos. Igrejas foram profanadas. Escolas armênias foram fechadas, e os professores que recusaram a conversão ao Islã foram mortos. Por toda a Anatólia, as autoridades remeteram pelo correio ordens de deportação, determinando que os armênios se deslocassem para campos preparados nos desertos da Síria. Na verdade, as autoridades turcas sabiam que não haviam sido preparadas tais instalações, e mais da metade dos armênios deportados morreu pelo caminho. “Continuando a deportação dos órfãos para seus destinos durante o frio intenso, estamos assegurando seu descanso eterno”, escreveu Talaat. [...] Os Jovens Turcos – Talaat, Enver Pasha, ministro da Guerra, e Djemal Pasha, ministro de Obras Públicas – justificaram a deportação em massa dos armênios alegando ser necessária para suprimir revoltas armênias. Quando a Rússia declarara guerra à Turquia no ano anterior, conclamara os armênios residentes na Turquia a insurgir-se contra o domínio otomano, o que uma pequena minoria fez. Embora dois eminentes armênios otomanos

<sup>229</sup> SPINELLI. Reflexões sobre memória, esquecimento e recalque do genocídio armênio, p. 8.

<sup>230</sup> SELIGMANN-SILVA. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas, p. 75.

liderassem um par de unidades tzaristas voluntárias para combater a Turquia, a maioria expressou lealdade a Constantinopla. Mas isso não impediu a liderança turca de usar o pretexto de um “levante revolucionário” armênio e a cobertura da guerra para erradicar a presença armênia na Turquia. Pouquíssimos dos que foram mortos estavam tramando qualquer outra coisa além da própria sobrevivência.<sup>231</sup>

No relato acima, Samantha Power expõe traços de perversão nas medidas levadas a cabo pelos Jovens Turcos contra a dignidade e a vida de centenas de milhares de armênios. A partir de tais informações, retorna-se ao âmbito ficcional para refletir sobre o uso da designação *Jóvenes Turcos* no contexto de *Diario de la guerra del cerdo*. É importante observar que, na narrativa romanesca, não são apresentados quaisquer dados relativos às circunstâncias em que a juventude recebera aquela denominação. Não se sabe, destarte, se os próprios jovens liderados por Arturo Farrell teriam escolhido o nome para o grupo com o objetivo de aludir à promessa – ainda que falida – de renovação representada pelos Jovens Turcos do Império Otomano ou se teriam recebido a alcunha – dos velhos? De outro segmento populacional? Da imprensa? – em referência às ações sanguinárias executadas na cidade portenha.

Tomam-se por razoáveis ambas as hipóteses. No entanto, verifica-se maior inclinação ao sentido pejorativo da qualificação *Jóvenes Turcos*, uma vez considerados os atos de violência consumados pelo grupo no curso da narrativa e, também, a possibilidade de um extermínio em massa, aventada por uma personagem idosa quando do velório de Néstor: “–En estos días he oído hablar de un plan compensatorio: el ofrecimiento, a la gente anciana, de tierras en el Sur.”<sup>232</sup> Nesta assertiva, encontra-se uma interlocução entre o Genocídio Armênio, ocorrido entre 1913 e 1915, que envolveu penosa caminhada de milhares de pessoas em direção aos desertos da Síria, e a potencial marcha dos idosos para terras distantes, o que ratifica a ponderação, contida no início deste capítulo, de que o romance não apresenta o desenrolar de uma guerra, mas uma cadeia de atos opressivos voltados a um grupo etário praticamente indefeso. É curioso observar ainda que, na fala destacada, há uma articulação implícita entre os *Jóvenes Turcos* e o Estado, já que a suposta oferta de terras no sul da Argentina estaria compreendida em um plano governamental de compensação pelo não pagamento das aposentadorias. Desse modo, aquela fala não apenas sugere uma intenção genocida nas ações dos *Jóvenes Turcos* como também amplia e reforça o traçado da face inimiga.

<sup>231</sup> POWER. *Genocídio: a retórica americana em questão*, pp. 26-7.

<sup>232</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 105. “Um dia desses ouvi falar de um plano compensatório: o oferecimento de terras no Sul a pessoas idosas.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 98.

A associação entre os *Jóvenes Turcos* e a esfera estatal se deixa revelar também em determinado questionamento de Leandro Rey: “¿Por qué el gobierno tolera que ese charlatán, desde la radio oficial, difunda la ponzoña?”<sup>233</sup> Embora o consórcio entre jovens e gestores públicos esteja claramente indicado na indagação feita por Rey, faz-se oportuno confrontar tal informação com breve passagem constante das primeiras linhas da narrativa, a partir das quais se infere que as ações de violência orquestradas por Arturo Farrell são praticadas na clandestinidade e no contexto de um governo não democrático: “Vidal echaba de menos las cotidianas ‘charlas de fogón’ de un tal Farrell, a quien *la opinión señalaba como secreto jefe de los Jóvenes Turcos*, movimiento que brilló como una estrella fugaz en *nuestra larga noche política*.”<sup>234</sup> (*grifos nossos*)

Percebe-se que o alinhamento entre juventude e governo é facilitado pelas nuances totalitárias deste, visto que um período político caracterizado como uma “longa noite” pode ser interpretado como um regime de exceção. Levando-se em conta que até mesmo governos de características ditatoriais costumam se preocupar com a elaboração de justificativas que legitimem suas ações e empenham-se em revesti-las de uma aparente legalidade, é possível compreender por que o apoio estatal irrestrito aos *Jóvenes Turcos* não poderia vir a público. Assim, se o Estado demonstra aquiescência em relação aos discursos proferidos por Farrell, por outra parte, preserva conveniente distância das práticas agressivas dos jovens. Em face da opinião pública, a contribuição do regime político então vigente às atividades dos jovens ocorre de maneira subliminar, a partir das modulações do discurso oficial, que relativiza a magnitude das práticas de violência:

—La verdad es que yo no envidio al gobierno —reconoció el de las manos enormes—. Hágase cargo: una situación por demás delicada. Si usted no atrae a la oficialidad joven y a los conscriptos, caemos en la anarquía. Un hecho aislado, de vez en cuando, es el precio que debemos pagar.

—¿Qué les ha dado a estos? Todos hablan de hechos aislados —preguntó Arévalo.

Jimi explicó:

—Escucharon anoche el comunicado del ministerio. Decía que la situación estaba perfectamente controlada, salvo hechos aislados.<sup>235</sup> (*grifo nosso*)

<sup>233</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 50. “– Por que o governo tolera que esse charlatão espalhe o veneno pela rádio oficial?” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 46.

<sup>234</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 7. “Vidal sentia falta dos cotidianos ‘bate-papos em volta da fogueira’ de um tal de Farrell, a quem *a opinião pública apontava como chefe secreto dos Jovens Turcos*, movimento que brilhou como uma estrela fugaz em *nossa longa noite política*.” (*grifos nossos*) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 5.

<sup>235</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 96. “– A verdade é que não invejo o governo – reconheceu o das mãos enormes. – Pense bem: é uma situação muito delicada. Se você não atrai a oficialidade jovem e os recrutas, caímos na anarquia. Um fato isolado, de vez em quando, é o preço que devemos pagar. – O que é que deu nesses aí? Todos falam de fatos isolados – perguntou Arévalo.

O caráter mitigatório do discurso oficial vai ao encontro dos pronunciamentos “más enconados que razonables”<sup>236</sup> de Arturo Farrell, servindo-lhes de contrapeso. Embora não se tenha acesso ao conteúdo das “charlas de fogón”<sup>237</sup> comandadas pelo líder dos *Jóvenes Turcos* e transmitidas via rádio, é lícito inferir a existência de uma relação de causalidade entre as mensagens divulgadas por Farrell e a onda de violência contra idosos instalada nas ruas portenhas. Além disso, percebe-se que as vantagens advindas da divulgação de mensagens de ódio são maiores que os riscos implicados no teor polêmico daquelas manifestações, uma vez considerados os laços entre juventude e instância governamental e, sobretudo, as características proveitosas que residem na essência mesma do processo discursivo.

Ao refletir sobre os traços constitutivos do diálogo e do discurso, Vilém Flusser ressalta, a propósito do segundo processo, o estabelecimento de relações entre determinado emissor, de “posse de informações ‘válidas’, portanto de ‘valores’,”<sup>238</sup> e receptores “que ‘devem ser’ informados.”<sup>238</sup> A transmissão de uma mensagem por meio do discurso envolve, dessa forma, um agente dotado de autoridade para promover a preservação ou a modulação de maneiras de pensar, assim como para encorajar ou coibir condutas e reforçar ou sugerir crenças a sujeitos pacientes, estando estes propensos a atribuir credibilidade ao conteúdo informado. Ainda de acordo com Flusser, o discurso possui caráter

a um só tempo tradicional e conservador, e dinâmico e progressivo. Tradicional, porque o receptor está ligado, graças ao discurso, às fontes informativas da cultura. Conservador, porque o discurso preserva as informações das quais dispõe uma dada cultura. Dinâmico, porque o discurso transporta as informações do passado rumo ao futuro. E progressivo, porque o discurso ramifica as informações disponíveis em canais que atingem um número sempre crescente de receptores e faz com que as informações disponíveis penetrem camadas sempre mais amplas.<sup>239</sup>

O cotejo entre as ponderações de Vilém Flusser e os discursos de Arturo Farrell permite observar que estes, em um primeiro e mais evidente nível, são progressivos em razão da capilaridade que caracteriza o alcance das transmissões de rádio. Além disso, os pronunciamentos do *camionero loco* assumem nuances de um processo tradicional porque se dirigem aos ouvintes na qualidade de manifestações oriundas de um veículo oficial de

Jimi explicou:

– *Ontem à noite escutaram o comunicado do ministério. Dizia que a situação estava perfeitamente controlada, salvo fatos isolados.*” (grifo nosso) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 89.

<sup>236</sup> CASARES. *Diário de la guerra de cerdo*, p. 7. “mais inflamados do que razoáveis”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 5.

<sup>237</sup> CASARES. *Diário de la guerra del cerdo*, p. 7. “bate-papos em volta da fogueira”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 5.

<sup>238</sup> FLUSSER. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 89.

<sup>239</sup> FLUSSER. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 89.

comunicação, supostamente interessado no fomento de valores sociais e culturais relacionados a uma ordem preestabelecida. Pode-se afirmar, também, que os discursos de Farrell são providos de aspectos conservadores daquela ordem, o que justifica o relativo silêncio do Estado em face das agressões perpetradas contra os idosos. Fossem subversivos, profundamente questionadores da estrutura política e socioeconômica instituída, aqueles discursos logicamente não contariam com o respaldo estatal e seriam calados por outros setores também participantes das relações de poder. Percebe-se ainda que as manifestações do líder dos *Jóvenes Turcos* são dotadas de dinamicidade, porquanto se apropriam de concepções cristalizadas no imaginário de um grupo com o objetivo de manejá-las e de induzir a coletividade à assunção de determinados comportamentos. É possível asseverar que Arturo Farrell manobra preconceitos sedimentados em relação à velhice – ao invés de semear ideias de todo novas – a partir da constatação de que tais preconceitos estão arraigados nos discursos dos próprios idosos, que, neste caso, servem de importantes indicadores da mentalidade do grupo social a que pertencem. Com isso, o demagogo manipula antigas crenças de modo a potencializar suas implicações práticas e influenciar o futuro da sociedade portenha.

Como ente que se escusa por trás de uma superfície diáfana, a face do inimigo se deixa perceber e, ao mesmo tempo, preserva-se vaga, impedindo que dedos em riste a identifiquem indubitavelmente. Compreendendo-se que aquela intrincada feição é composta por traços advindos de outros atores sociais e políticos, para além dos *Jóvenes Turcos* e do Estado, ressalta-se também a atuação de veículos midiáticos durante os dias de abalo à paz social em Buenos Aires. Assim como no caso dos discursos de Arturo Farrell, o leitor do romance de Adolfo Bioy Casares não tem acesso direto ao conteúdo das matérias publicadas nos jornais a respeito dos ataques aos idosos. Uma informação pontual, no entanto, assume elevada importância para a interpretação das relações de poder verificadas no enredo e para a compreensão do título do texto literário. Trata-se de artigo publicado no periódico *Ultima Hora*, comentado por Arévalo em conversa entabulada com os *muchachos* durante o velório de Néstor. Naquele texto de jornal, o período de violência sofrida pelos idosos ganha o rótulo de *guerra al cerdo*<sup>240</sup>.

A reflexão sobre o papel desempenhado pelos jornais em tempos de animosidade contra os idosos pode partir da reação de seus leitores, representados no romance pelos *muchachos*. Isso porque no diálogo mantido entre os amigos acerca do termo *guerra al*

---

<sup>240</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 91. Na versão publicada em português pela Editora Cosac Naify, os comentários relativos ao rótulo *guerra ao porco* constam da página 84 e seguintes.

*cerdo* verifica-se a força da mídia no processo de apreensão de dados brutos e o subsequente manejo de informações com vistas à criação de sentidos que, no caso em análise, não são favoráveis à velhice. Mediante a designação *guerra al cerdo*, constata-se primeiramente o incômodo de Leandro Rey no que toca ao emprego da contração *al*, que lhe parece incorreta. Ainda que se restrinja a um comentário de ordem gramatical, a inquietação do *muchacho* espanhol pode ser considerada pertinente, pois a contração *al* guarda em si a ideia de alvo, de algo que deve ser exterminado, apontando desse modo a significação *guerra* contra o *cerdo*. Constata-se, assim, no que parece ser um simples detalhe, a desqualificação do idoso a partir de um termo que sugere o extermínio de uma espécie animal. A inquietação de Rey é seguida de ponderação feita por Arévalo, que indaga por que o autor do artigo teria elegido o vocábulo *cerdo* ao invés de *chancho*. A esse respeito, Javier de Navascués esclarece que “la palabra ‘cerdo’, de origen peninsular, no se emplea en la Argentina, en donde resulta mucho más habitual hablar de los ‘chanchos’.”<sup>241</sup> O diálogo dos *muchachos* tem continuidade com a informação, prestada por Dante, de que o jornal *Crítica* atribuíra a denominação *Cacería de búhos*<sup>242</sup> ao período de violência contra os idosos. De posse das designações cunhadas pelos dois periódicos, os *muchachos* se limitam a comentários sobre o termo mais vantajoso aos senescentes: porcos ou corujas.

Ainda que investidos de certo nível de razoabilidade, os questionamentos de Rey e Arévalo acima citados afiguram-se superficiais, visto que se atêm mais a questões formais do que ao conteúdo dos artigos publicados nos jornais *Última Hora* e *Crítica*. Confrontado pela força de dois veículos de comunicação de massa, até mesmo Arévalo, o mais perspicaz dos *muchachos*, curva-se à autoridade discursiva da mídia impressa, tornada incontestada pelo “capital simbólico”<sup>243</sup> que possui. Com efeito, a credibilidade dos posicionamentos assumidos pelos periódicos é inculcada de tal maneira no imaginário da comunidade de

<sup>241</sup> NAVASCUÉS. *El eserpento controlado*, p. 73. “A palavra ‘cerdo’, de origem peninsular, não é usada na Argentina, onde parece ser muito mais habitual falar de ‘chanchos’.” (*tradução nossa*) Na edição brasileira publicada pela Editora Cosac Naify, o tradutor José Geraldo Couto utiliza o sintagma *porco* como tradução de *cerdo*, e *cachaço* como tradução para *chancho*. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 84. Acredita-se que aquele tradutor, na impossibilidade de manter, na publicação em língua portuguesa, o dilema constante do texto original, referente ao emprego de sintagmas por grupos linguísticos distintos (o peninsular e o portenho), optou por dar sentido à indagação de Arévalo a partir de outra problematização. Trata-se, neste caso, da conotação viril mais próxima de cachaço do que de porco, já que cachaço consiste no “porco não castrado, esp. o que serve como reprodutor; varrão”. Cf. HOUAISS Eletrônico, 2009.

<sup>242</sup> CASARES. *Diário de la guerra del cerdo*, p. 92. “O *Crítica* a chama de *Caça às corujas*”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 84.

<sup>243</sup> BOURDIEU. *O poder simbólico, passim*. A noção de “capital simbólico” diz respeito a diversas formas de capital (social, econômico, linguístico, intelectual etc.) acumulado pelos agentes ou pelas instituições dos diferentes campos, revestindo-os de autoridade legítima para enunciar e definir formas de ver o mundo. Enquanto o “capital simbólico” se refere a esse material acumulado, o “poder simbólico” aponta, sobretudo, para o exercício da violência simbólica possibilitada pela detenção de tal capital.

leitores que estes – aí incluídos os *muchachos* – não questionam as políticas editoriais adotadas, tampouco as implicações negativas dos termos pejorativos conferidos aos idosos.

A ausência de uma reação contestatória em face das matérias de jornal se coaduna com a perspectiva de Pierre Bourdieu que, ao refletir sobre as dinâmicas nas quais se verifica o exercício do “poder simbólico”, ressalta que “as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações”.<sup>244</sup> Desse modo, as práticas de poder estabelecidas entre instituições e sujeitos são sustentadas, em importante medida, pela legitimidade atribuída àquelas sem que tenha havido, por parte destes, uma reflexão detida sobre as decisões e os interesses implícitos nos posicionamentos institucionais. Trata-se, portanto, de uma relação de reconhecimento, em que o capital só é possuído se reconhecido. Levado ao extremo na obra, tal reconhecimento se manifesta na ausência de uma contestação acerca do posicionamento assumido pelos jornais.

Percebe-se, assim, que *Última Hora* e *Crítica* se apropriam de determinados repertórios e os modulam, criando uma nova informação e ofertando uma nova maneira de mirar a realidade a partir da interpretação construída nos textos jornalísticos. Para proceder de tal forma, a mídia impressa pressupõe a receptividade crédula e passiva do público leitor, o que se verifica no comportamento dos *muchachos*. O grupo de amigos não cogita questionar a utilização do termo *guerra* – quando, em verdade, guerra não há – e a desqualificação do idoso por meio de sua animalização. Não questiona, ainda, a responsabilidade dos jornais por um encorajamento subliminar à violência contra os idosos a partir da equiparação destes a porcos ou corujas; afinal, hipoteticamente, seria mais fácil levantar a mão contra um porco do que contra alguém que é considerado um semelhante. A associação dos velhos a porcos é reforçada em observação feita por Arévalo, que, fazendo uso do sujeito indeterminado, lista adjetivações depreciativas da velhice: “—¿De dónde sacaron la idea? *Dicen* que los viejos —explicó Arévalo— son egoístas, materialistas, voraces, roñosos. Unos verdaderos chanchos.”<sup>245</sup> (*grifo nosso*) Ora, as qualificações enumeradas por Arévalo, que supostamente aproximariam velhos e porcos, não podem ser tomadas como próprias de uma faixa etária, mas como pertencentes à personalidade humana

<sup>244</sup> BOURDIEU. *O poder simbólico*, p. 11.

<sup>245</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 92. “De onde tiraram essa ideia? *Dizem* que os velhos – explicou Arévalo – são egoístas, materialistas, vorazes, roncadores. Uns verdadeiros porcos.” (*grifo nosso*) Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 85.

em qualquer etapa da vida. A força enunciativa dos jornais leva Arévalo, por fim, a relativizar o respeito ao idoso, associando a denominada *guerra al cerdo* a variações de tratamento dirigidas à velhice conforme percepções culturais distintas: “—Por algo los esquimales o lapones llevan a los viejos al campo para que se mueran de frío [...]. Solamente con argumentos sentimentales puede uno defender a los viejos: lo que hicieron por nosotros, ellos tienen también un corazón y sufren, etcétera.”<sup>246</sup> Verifica-se, destarte, que a relação entre mídia e leitor trabalhada na narrativa romanesca em estudo acaba por ilustrar o *modus operandi* do “poder simbólico”, nos termos da reflexão desenvolvida por Pierre Bourdieu:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário.<sup>247</sup> (*grifo original*)

Na conversa dos *muchachos* a respeito das publicações de jornal – e, especialmente, nas observações feitas por Arévalo –, nota-se que os sujeitos são atravessados por vetores políticos, econômicos, sociais e culturais atuantes de maneira mais ou menos explícita e mais ou menos contundente sobre seus discursos e seus modos de agir e reagir aos acontecimentos do entorno. Aqueles vetores provêm de origens múltiplas e se organizam em um arranjo que conta com a participação de instâncias outras, articuladas, cada qual a seu modo, na rede de relações de poder constituída pelos precitados *Jóvenes Turcos*, pelo Estado e pela mídia.

De maneira específica, no que concerne à *guerra al cerdo*, a orquestração composta por uma significativa variedade de atores é apontada na fala de um jovem presente no velório de Néstor: “—Me consta. Hay estudiosos. Detrás de todo esto hay mucho médico, mucho sociólogo, mucho planificador. En la más estricta reserva le digo: hay también gente de iglesia.”<sup>248</sup> A partir desta assertiva, é possível pensar sobre as atuações da ciência e da técnica – representadas por médicos, sociólogos e planejadores – e de instituições – como a imprensa e a igreja – adotando-se a óptica de Louis Althusser, segundo o qual o Estado atua

<sup>246</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 92. “Não é à toa que os esquimós ou os lapões levam seus velhos ao campo para que morram de frio – disse Arévalo. – Só com argumentos sentimentais se pode defender os velhos: o que eles fizeram por nós, eles também têm um coração e sofrem, etc..” Cf. CASARE. *Diário da guerra do porco*, p. 85.

<sup>247</sup> BOURDIEU. *O poder simbólico*, p. 14.

<sup>248</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 102. “Tenho certeza. Há estudiosos. Por trás de tudo isso há muitos médicos, muitos sociólogos, muitos planejadores. No mais estrito sigilo eu lhe digo: há também gente da Igreja.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 94.

sobre a “formação social”<sup>249</sup> ao lançar mão de seu aparelho repressivo, constituído pelo “governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc”<sup>250</sup>, e, também, por meio do funcionamento de aparelhos ideológicos, constantes das esferas “religiosa, moral, jurídica, política, estética, etc”<sup>251</sup>.

Compreendendo-se que a ciência, a técnica, a imprensa e a igreja pertencem ao círculo dos chamados “aparelhos ideológicos” de Estado, cumpre ressaltar, na esteira das reflexões de Louis Althusser, que cada campo do saber e cada instituição, ao reverberarem valores e preceitos políticos e normativos emanados do âmbito estatal, operam de maneira parcialmente autônoma. Desse modo, a atuação de cada instância ocorre qual engrenagem ajustada às demais, porquanto todas teriam seu funcionamento orientado por um mesmo viés ideológico, cuja fonte não residiria no Estado em si mesmo, mas em uma “classe dominante”<sup>252</sup>, formuladora das diretrizes subordinantes das “forças produtivas” e das “relações de produção”<sup>253</sup>.

Perfilando-se a interpretação de *Diario de la guerra del cerdo* à linha de raciocínio desenvolvida por Louis Althusser, importa notar que, no romance, não é feita qualquer menção ao posicionamento da elite portenha acerca das ações de extermínio dos idosos. Ainda assim, julga-se sensato considerar a hipótese de que tal “classe dominante” não tenha sido alheada de um processo no qual se verifica a participação de atores políticos, socioeconômicos e culturais que agem justamente em consonância com aquela mesma classe. Esta hipótese se afigura mais razoável do que a possibilidade de o Estado e seus “aparelhos ideológicos”, nos termos de Althusser, terem divergido, em bloco, da elite portenha. Além disso, faz-se oportuno lembrar, a fim de afastar a última possibilidade citada, que o alvo dos ataques durante a *guerra al cerdo* não é definido de acordo com a origem econômica: os olhares de ódio e a violência dirigem-se à pessoa idosa, pobre ou rica, desde o simples jornaleiro *don Manuel* à “ricachona de Ugarteche”<sup>254</sup>.

A partir das considerações de Louis Althusser sobre o Estado, seus “aparelhos ideológicos” e a relação entre estes e a denominada “classe dominante”, parece razoável a adoção da premissa de que a face diáfana do inimigo dos idosos esconde traços mais fundos do que se poderia supor, isto é, abrange um grupo complexo, não restrito aos sujeitos e

<sup>249</sup> ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado, p. 54.

<sup>250</sup> ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado, p. 67.

<sup>251</sup> ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado, p. 87.

<sup>252</sup> ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado, p. 71.

<sup>253</sup> ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado, p. 54.

<sup>254</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 50. A “ricaça de Ugarteche”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 47.

instituições citadas explicitamente pelo narrador e por algumas personagens. Se a identificação do semblante inimigo não consiste em tarefa simples, também não parece fácil delimitar os reais propósitos das investidas contra a senescência. Em conversa com *don* Isidro durante o velório de Néstor, o jovem com “cara de bagre” reconhece que a construção argumentativa utilizada para sustentar a violência contra os velhos “[...] es mala, pero está perfectamente calculada para inflamar a la masa. Quieren una acción rápida y contundente. Créame, las razones que mueven al comité central son otras. Le participo: muy otras.”<sup>255</sup> Como que a complementar tal informação, outro jovem, “el muchacho de los granos”<sup>256</sup>, lembra que “por eso liquidaron, ustedes recuerdan, al gobernador que no mandó borrar del escudo provincial lo de *gobernar es poblar*.”<sup>255</sup>

A ressalva feita pelo rapaz com espinhas no rosto sugere que a *guerra al cerdo* está, de algum modo, relacionada a finalidades de controle demográfico. Reportando-se ao mote *gobernar é povoar*, o moço com quem *don* Isidro conversa estabelece um elo entre os acontecimentos constantes do texto ficcional e um evento concernente à história argentina. Trata-se da atuação do jurista e diplomata Juan Bautista Alberdi, que, em publicação datada de 1852, registrou o lema *gobernar é povoar*. Alberdi propugnava pelo estímulo à migração de povos saídos do norte europeu rumo ao território argentino, almejando um modelo de povoamento semelhante ao processo migratório instaurado em terras estadunidenses: “Gobernar es poblar en el sentido que poblar es educar, mejorar, civilizar, enriquecer y engrandecer espontánea y rápidamente, como ha sucedido en los *Estados Unidos*. Mas para civilizar por medio de la población es preciso hacerlo con poblaciones civilizadas.”<sup>257</sup> (*grifo original*) Sob a óptica de Alberdi, o povoamento do território argentino a partir da migração de europeus do norte consistiria em pressuposto para a formação de um país de homens livres. Nesse sentido, estariam excluídos de tal processo de formação os povos de outras regiões da Europa, de outros continentes e, bem assim, os povos indígenas habitantes do território argentino. Percebe-se, então, que a proposta de Alberdi possui dimensão nefasta,

<sup>255</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 102. “[...] é ruim, mas está perfeitamente calculada para inflamar a massa. Querem uma ação rápida e contundente. Acredite, as razões que movem o comitê central são outras. Estou lhe dizendo: bem outras. [...] Por isso liquidaram, vocês se lembram, aquele governador que não mandou apagar do brasão estatal aquilo de *gobernar é povoar*.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 94.

<sup>256</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 102. “O rapaz das espinhas”. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 94.

<sup>257</sup> ALBERDI. *Las Bases*. Bases y puntos de partida para la organización política de la República de Argentina. “Gobernar é povoar no sentido de que povoar é educar, melhorar, civilizar, enriquecer e engrandecer espontânea e rapidamente, como ocorreu nos Estados Unidos. Mas para civilizar por meio da população, é preciso fazê-lo com populações civilizadas.” (*tradução nossa*)

ao pugnar pelo crescimento demográfico, por um lado, e pelo desaparecimento dos autóctones, por outro.

Em face do texto histórico de Alberdi e de sua inserção no contexto ficcional, cabe indagar em que medida o pensamento daquele jurista e diplomata, condensado no lema *governar é povoar*, sofre condenações por parte dos agressores dos idosos. Se os alvos de repúdio na narrativa casareana fossem apenas migrantes oriundos do norte da Europa ou seus descendentes nascidos na Argentina – representantes dos povos que receberam a admiração de Alberdi –, verificar-se-ia um ataque específico a Jimi Newman, filho de irlandeses, e não aos outros *muchachos*. Não é o que ocorre, todavia. Reiterando-se o raciocínio acima exposto, relativo à não distinção entre idosos ricos e idosos pobres, percebe-se que não há, da mesma maneira, diferenciação entre idosos *criollos* e idosos de ascendência distinta. Desse modo, o ataque ao motivo *governar é povoar* parece estar limitado simplesmente à questão numérica. Este propósito de controle populacional fica implícito em outra enunciação do jovem com “cara de bagre”: “Si mi dieran voto en esas cosas, dejaría en paz a los viejos, que tienen conciencia, y organizaría la segunda degollación de los inocentes.”<sup>258</sup> No devaneio do jovem, confirma-se a existência de um plano de redução do número de indivíduos pertencentes à sociedade portenha, plano este que poderia ter selecionado, como vítima, outra faixa etária economicamente inativa: a das crianças.

Nota-se, por conseguinte, que o absurdo das ações empreendidas pelos *Jóvenes Turcos* e seus aliados encontra fundamento naquilo que se pode considerar uma manipulação do “sombrio prognóstico malthusiano”<sup>259</sup>. No século XVIII, Thomas Malthus desenvolveu a famosa tese determinista de que a diferença entre oferta limitada de alimentos e crescimento populacional provoca “[...] as guerras, as revoluções, as epidemias, as fomes devastadoras, para restaurarem, com a violência do sacrifício imposto, o equilíbrio rompido.”<sup>260</sup> Invertendo-se a relação de causa e consequência constante do pensamento malthusiano – o que implica abandonar a premissa de que *a privação leva à guerra* para adotar o pressuposto de que *a guerra deve ocorrer para evitar a privação* –, percebe-se que as ações de

<sup>258</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 103. “Se me dessem poder sobre essas coisas, deixaria os velhos em paz, que eles têm consciência, e organizaria a segunda degola dos inocentes.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 95. Acredita-se que o jovem com “cara de bagre” tenha se referido à matança de crianças determinada por Herodes, o Grande, à época do nascimento de Jesus: “E, tendo nascido Jesus em Belém de Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém. [...] Então Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém, e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos.” Cf. BÍBLIA SAGRADA. N.T. *Mateus*. Cap. 2, versículos 1 e 16.

<sup>259</sup> BONAVIDES. *Ciência Política*, pp. 82-3.

<sup>260</sup> BONAVIDES. *Ciência Política*, p. 83.

extermínio do idoso em *Diario de la guerra del cerdo* indicam uma medida perversa de prevenção: antes que o pão falte a todos, vale extirpar, da coletividade, o excesso; antes que a escassez assombre os tempos de paz, vale antecipar as baixas causadas por uma guerra; antes que se instaure o colapso nas contas do Estado, vale recorrer à morte para reduzir os gastos previdenciários; na insana esperança de que a velhice, aquela estranha há tanto tempo denunciada por Mimmerno, interpele a juventude, vale a tentativa de apagar seus sinais, que teimam em deixar marcas na paisagem da cidade.

Se a manipulação da tese malthusiana conta com uma gama de atores interessados no extermínio dos idosos, a efetivação da barbárie depende, em grande medida, da hesitação assumida por uma maioria. Na omissão de significativa parte da coletividade encontra-se a brecha fundamental à consecução de ações violentas. Portanto, a perversão voltada ao idoso se dá pela cadeia de atos perpetrados pela face diáfana do inimigo, mas está apoiada, também, na expressão congelada em semblantes inofensivos, dos quais não se poderia suspeitar: são as faces de sujeitos que verbalizam condenações à violência, mas nada fazem para impedi-la. Tal é o caso do casal de jovens que, ao lado de Isidoro Vidal, testemunhou o assassinato do jornalista *don* Manuel. Embora tenha se manifestado contrariamente ao crime, o casal é representativo de uma maioria anônima, que se acumplicia com a ilegalidade no justo momento em que se recolhe à inação:

Ella abrió la cartera, sacó unos anteojos redondos y, sin apuro, se los puso. Ambos volvieron hacia Vidal sus caras con anteojos y lo miraron, impávidos. Con dicción demasiado clara la muchacha afirmó:  
—Yo soy contraria a toda violencia.  
Sin detenerse a considerar la frialdad de tales palabras, Vidal intentó congraciarlos:  
—Nosotros no podemos hacer nada, pero la policía, ¿para qué está?  
—Abuelo, no es hora de andar ventilándose —el muchacho le advirtió en un tono casi cordial—. ¿Por qué no se va antes que le pase algo?<sup>261</sup>

<sup>261</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 15. “Ela abriu a bolsa, tirou uns óculos redondos e, sem pressa, os colocou. Ambos voltaram a cara com óculos para Vidal e o olharam, impávidos. Com uma dicção bastante clara, a moça afirmou:

– Sou contrária a qualquer violência.

Sem se deter em considerar a frieza de tais palavras, Vidal tentou conquistar a solidariedade deles:

– Nós não podemos fazer nada, mas a polícia, para que serve?

– Vovô, não é hora de andar discutindo – o rapaz o advertiu num tom quase cordial. – Por que não vai embora antes que lhe aconteça alguma coisa?” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 12.

### 3.2 Velhos em devir: o tempo como vencedor

Consoante exposto, as informações entremostradas pelos rapazes que conversam com *don* Isidro durante o velório de Néstor consistem em significativos índices de que a *guerra al cerdo* envolve metas de redução populacional. A opção pela matança de idosos – e não de crianças, como sugerido pelo moço com “cara de bagre” – pode ser tomada por desdobramento de uma preexistente tendência à marginalização da velhice, constatada, segundo exposto anteriormente, nas searas filosófica, histórica e literária. A narrativa casareana repisa, então, a antiga trajetória de estranhamento dos vincos na feição do outro, problematizando, no século XX, como o fez Simone de Beauvoir em âmbito filosófico, a conduta refratária dos mais novos no que diz respeito aos efeitos do tempo.

O estranhamento da velhice repousa nos processos limitativos do corpo e da mente, mas também na fragilidade do lugar ocupado pelo idoso na dinâmica coletiva. Mencionando a perspectiva de Sartre, Simone de Beauvoir ressalta que, numa sociedade, os indivíduos estabelecem, uns com os outros, “laços de reciprocidade”<sup>262</sup> fundados na “diversidade de sua *praxis*”<sup>262</sup>: “Nesta relação cada um rouba ao outro um aspecto do real e lhe indica seus limites: o intelectual se reconhece como tal em face do trabalhador manual.”<sup>261</sup> Desprovido de uma “dimensão teleológica”<sup>263</sup>, expressa em atividade por meio da qual possa oferecer algo ao grupo, o velho é definido “[...] por uma *exis* e não por uma *praxis*. O tempo o leva para um fim – a morte – que não é o *seu* fim, nem é proposto por algum projeto. Surge, por isto, diante dos indivíduos ativos, como uma ‘espécie estranha’ na qual eles não se reconhecem.”<sup>263</sup> (*grifo original*)

Em *Diario de la guerra del cerdo*, a estruturação do conflito narrativo possui, como ponto de partida, os comportamentos do jovem e do adulto, que, seguindo linha semelhante à verificada por Beauvoir, inclinam-se a tratar o velho como uma “espécie estranha”. Valendo-se dessa atitude de estranhamento diante da senescência, os *Jóvenes Turcos* e seus aliados fomentam a distância criada pelo binarismo *não-velho – velho* de modo a provocar um levante que, conforme apontado acima, a propósito de diálogo entre *don* Isidro e dois jovens, atenderia a razões outras, que se pretendem escusas. Curioso é observar que, se por um lado, a *guerra al cerdo* se reveste de um pretexto de diferenciação entre jovens e velhos, por outro iguala a todos por meio da bestialização dos envolvidos.

<sup>262</sup> SARTRE *apud* BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 242.

<sup>263</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 243.

Enquanto os idosos são associados a porcos ou corujas, os jovens se comportam, segundo ressaltado por Arévalo, à maneira de matilha que se permite conduzir por uma liderança demagoga:

—Ésta es la juventud, que debía pensar por sí misma —adujo Arévalo—. Piensa y actúa como una manada. [...] Ya no hay lugar para individuos —aseguró flemáticamente Arévalo—. Sólo hay muchos animales, que nacen, se reproducen y mueren. La conciencia es la característica de algunos, como de otros las alas o los cuernos.<sup>264</sup>

Ressalta-se, todavia, que o romance de Adolfo Bioy Casares vai além das perturbações intersubjetivas decorrentes da forma como a juventude mira a velhice, porquanto o enredo conduz o leitor ao desvelamento de outra sorte de problema: o estranhamento do indivíduo no que toca a seu próprio envelhecer. Em meio às agressivas interpelações do meio, percebe-se uma crescente inquietação advinda da chegada da senescência, manifestada especialmente nas situações de insularidade em que o protagonista *don* Isidro é mostrado. Por isso, além de lidar com o clima ameaçador instaurado pelos *Jóvenes Turcos*, Vidal é chamado à convivência com dores nas costas e alterações na qualidade do sono e do processo digestivo. Para além das graduais alterações orgânicas, *don* Isidro é levado a descobertas bruscas, a exemplo da diminuição de sua resistência física, percebida após corrida em que se põe a fugir de certo homem que o agride a garrafadas. Em momentos de choque como o referido, a reflexão alarmada de Vidal volta-se ao ato de violência ocorrido em um espaço público e, também, à observação das debilidades que se impõem ao próprio corpo. Tais reflexões, traduzidas em angústias, dúvidas, preconceitos e receios, caracterizam os momentos e estados anímicos experimentados por Isidoro Vidal e o conduzem ao cerne da narrativa.

Em *don* Isidro, personagem de ambiguidades manifestas, encontra-se o fio condutor da história. Dá-se a conhecer, assim, um protagonismo que ultrapassa tanto a pura e simples vitimização do idoso quanto a intenção de um perfeito enquadramento do sujeito nos domínios da velhice, pois Vidal atravessa a *guerra al cerdo* perambulando pela embaçada fronteira entre vida adulta e senescência. Amigo dos *muchachos*, embora deteste a velhice que nestes habita, portador de ligeira e confessa simpatia pelos discursos de Arturo Farrell e repositório de elevada repulsa ao envelhecimento feminino, *don* Isidro oferece contributo à configuração da face inimiga, ainda que assim não proceda deliberadamente. Em sua

<sup>264</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 113. “— Essa é a juventude que devia pensar por si mesma — reforçou Arévalo. — Pensa e age como uma manada. [...] Já não há lugar para indivíduos — sentenciou fleumaticamente Arévalo. — Só há muitos animais, que nascem, se reproduzem e morrem. A consciência é a característica de alguns, como as asas ou os chifres são a de outros.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, pp. 104-5.

trajetória titubeante, o protagonista realça a incoerência de uma demarcação de lados criada por uma suposta *guerra* que, de antemão, derrotou a todos. Afinal, os jovens que, combativos, põem-se na linha de frente das ações de extermínio, acabam implicados em verdadeira quixotada: almejam, em última análise, controlar a condição humana por meio da extirpação de um de seus aspectos essenciais. Como bem observa Arévalo, “—En esta guerra los chicos matan por odio contra el viejo que van a ser. Un odio bastante asustado...”<sup>265</sup> É possível considerar, ainda, que a derrota da juventude agressora esteja anunciada não apenas na impossibilidade de sobrepujar os efeitos do tempo, mas também nos sentidos de nomes escolhidos para alguns dos representantes da velhice na narrativa casareana, em que se verifica a prevalência da vida sobre as ameaças que se lhe ofereçam: no sobrenome de *don* Isidro, Vidal, encontra-se, como significado, “o mesmo que Vital [...], do lat. *vitalis*, ‘relativo à vida, vital’. É uma provável referência à vida renovada após o batismo.”<sup>266</sup> Já no prenome e no sobrenome Jaime Newman, atribuídos à personagem conhecida por Jimi, tem-se, respectivamente, as significações de aquele “que segura o calcanhar, que suplanta”<sup>267</sup>, e “homem novo”, vinda dos vocábulos ingleses *new* e *man*.

Ao pender do lugar de enunciação do algoz rumo à silente perspectiva da vítima em potencial, outra personagem emerge como indicador de que, se há triunfo no desfecho da *guerra al cerdo*, este triunfo pertence ao tempo, que sobre todos recai. Trata-se de Antonia, vizinha do protagonista e jovem moradora do inquilinato. Entusiasta da causa dos *Jóvenes Turcos*, a moça expressa, de maneira veemente, a antipatia nutrida em relação à velhice, imprecando especialmente contra o idoso Fáber, também seu vizinho. No entanto, a impetuosidade de Antonia é forçada ao recolhimento a partir da verificação de que a violência dos *Jóvenes Turcos* pode romper o espaço privado em que habita, tomando por alvo *doña* Dalmacia, sua mãe. Segundo esclarece Isidorito, a superveniência da velhice faz-se evidente em *doña* Dalmacia quando esta é acometida por um grave quadro de arteriosclerose; importa a Antonia, diante dos fatos novos, ocultar o que se passa com a mãe: “Antonia, la Petiza, que era una activista virulenta, ahora se da por bien servida si no llama la atención.”<sup>268</sup>

<sup>265</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 107. “— Nesta guerra os garotos matam de ódio pelo velho que um dia vão ser. Um ódio bastante assustado...” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 100.

<sup>266</sup> AZEVEDO. *Dicionário de nomes de pessoas*, p. 609.

<sup>267</sup> AZEVEDO. *Dicionário de nomes de pessoas*, p. 318.

<sup>268</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 84. “Antonia, a Baixinha, que era uma ativista feroz, agora se dá por satisfeita se não chamar a atenção.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 78.

A visita aos territórios antagônicos da intolerância e da transigência quanto ao processo de envelhecimento delinea uma zona de interseção relativa às vivências de *don* Isidro e Antonia. Todavia, as experiências pendulares das duas personagens estão fundadas em motivações claramente distintas. No caso daquele, o estado errático entre fase adulta e senescência consiste em traço característico de um sujeito em conflito com as mudanças verificadas no próprio corpo e em sua relação com o meio. Já na situação oscilante de Antonia – que, por sinal, ao fim da *guerra al cerdo*, revela-se enamorada do velho Fáber, a quem tanto hostilizava –, verifica-se uma mudança de atitude desencadeada pelo interesse em proteger os seus. Ainda que se trate de condição aflitiva, o adoecimento de *doña* Dalmacia acarreta reconfigurações na dinâmica familiar que não são de todo inconvenientes a Antonia, porquanto a decadência da matriarca propicia, à filha, um espaço de liderança no ambiente familiar. A coexistência de uma postura de proteção *da* mãe e da possibilidade de exercício de poder *sobre* a idosa pode ser relacionada à reflexão desenvolvida por Simone de Beauvoir acerca da relação entre filho adulto e ascendente envelhecido. Ressalta Beauvoir que tal relacionamento

é caracterizado, segundo Freud, pela ambivalência. O filho respeita o pai, admira-o, deseja identificar-se com êle e até mesmo assumir seu lugar; este último desejo gera ódio e temor. Os heróis míticos sempre se revoltam contra o pai e terminam matando-o. Na realidade o crime é simbólico. A imagem do pai é despojada de seu desprestígio, podendo o filho então reconciliar-se com êle. Mas a reconciliação só se completa quando lhe assume de fato o lugar.<sup>269</sup>

A partir da ponderação de Beauvoir, percebe-se que a degeneração física sofrida por *doña* Dalmacia implica a ascensão de Antonia no contexto das relações de poder exercidas no ambiente familiar. As práticas decisórias da moça fazem-se notar na passagem em que sua mãe é forçada a passar a noite no sótão do inquilinato para escapar do alcance dos *Jóvenes Turcos*: “[...] mi hija me manda arriba porque es una porquería y dice que estoy ciega.”<sup>270</sup> O caso de Antonia e *doña* Dalmacia aponta que, mesmo de forma discreta e limitada ao âmbito privado, a autoridade da juventude prevalece quando as fragilidades da velhice despontam, alcançando uma espécie de vitória que só não é definitiva porque a sobrevivência do tempo também conduzirá Antonia ao envelhecimento e, possivelmente, a uma posição de vulnerabilidade semelhante à ocupada por sua mãe. Aquela vitória é restrita,

<sup>269</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 244. Manteve-se, na passagem citada, a grafia utilizada na tradução para a língua portuguesa, publicada em 1970.

<sup>270</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 149. “[...] minha filha me mandou para cima porque é uma malcriada e diz que estou cega.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 139.

ainda, pelas exigências oriundas de uma “moral oficial”<sup>271</sup> que, passada a *guerra al cerdo*, volta a orientar o jogo de aparências que norteia a convivência social. Conforme Simone de Beauvoir, ainda a respeito das relações entre filhos e pais idosos,

A duplicidade é a principal característica da atitude prática do adulto com relação aos velhos. Inclina-se êle, até certo ponto, diante da *moral oficial imposta*, como vimos, nestes últimos séculos, e pela qual êle se vê forçado a respeitá-los. Convém-lhe, entretanto, tratá-los como seres inferiores e convencê-los de sua própria decadência.<sup>272</sup> (*grifo nosso*)

A “moral oficial” tendente a inibir Antonia e outros rebentos, garantindo que estes não se valham da tirania em face do envelhecimento dos pais, é a mesma que contribui para a desarticulação dos *Jóvenes Turcos*. O recolhimento da juventude agressora se deve, ainda que parcialmente, à ação de personagens citadas de forma breve na narrativa, denominadas “patrulleros”<sup>273</sup>, que parecem romper com a inação da maioria e procuram restabelecer a efetividade das normas e convenções sociais voltadas à segurança no espaço público e à coexistência pacífica de grupos sociais e etários distintos. Nesse sentido, o silenciamento dos *Jóvenes Turcos* não ocorre porque se tenham deixado convencer da ilegalidade e da perversão de suas práticas e tenham optado pela assunção de um agir ético, mas porque aquela “moral oficial” reemerge. Exige-se que os jovens, então, abafem a raiva e a impaciência, aparentando respeito pelos mais velhos – que, conforme observado por Faber, compõem grupo crescente e vivem cada vez mais.<sup>274</sup>

Cumprida a juventude, por fim, curvar-se à impossibilidade de um completo apagamento daqueles que “inventaron este mundo” e “representan el pasado”<sup>275</sup>. Isso porque, como observa Gerd Bornheim, tradição e ruptura são pares opostos, mas indissociáveis: “tudo acontece como se um dos termos não pudesse ser sem o outro.”<sup>276</sup> Ao discorrer sobre o conceito de tradição, Bornheim salienta a importância das rupturas; porém, mostra a impossibilidade de que novas proposições sejam formuladas em completo descolamento daquilo que já está posto. Inevitavelmente, a tradição atravessa nossos

<sup>271</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 244.

<sup>272</sup> BEAUVOIR. *A Velhice*. A realidade incômoda, p. 244.

<sup>273</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 143. Segundo afirmação de Faber constante do capítulo XXX, “Ainda bem que apareceu um patrulheiro, desses que fazem estardalhaço para dizer que a ordem está assegurada.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 133. É razoável supor que os patrulheiros tenham ganhado as ruas em associação com outros segmentos sociais, pois suas ações isoladas dificilmente levariam os *Jóvenes Turcos* e sua plêiade de aliados ao recolhimento.

<sup>274</sup> “CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 147. “O que nos mostram as estatísticas? Vamos ver. Que a morte hoje não chega aos cinquenta, mas aos oitenta anos, e que amanhã virá aos cem.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 138.

<sup>275</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 186. Durante conversa com *don* Isidro, um jovem taxista afirma que a *guerra al cerdo* consiste em protesto contra aqueles que “inventaram o mundo” e “representam o passado.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 174.

<sup>276</sup> BORNHEIM. O conceito de tradição, p. 15.

discursos e se apresenta como componente, até mesmo, do pensamento que deseja contestá-la:

A tradição pode, assim, ser compreendida como o conjunto dos valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se trata apenas das formas do conhecimento ou das opiniões que temos, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade.<sup>277</sup>

Se ao desfecho do romance os jovens silenciam o ódio por meio da retomada da quotidianidade, os *muchachos* também são levados a participar do jogo de aparências implícito às convenções sociais. Neste aspecto, convém refletir sobre certa observação feita por Javier de Navascués, citada ao final do primeiro capítulo deste estudo. Segundo o crítico, ao fim de *Diario de la guerra del cerdo*, “[...] todo sigue igual que antes. Tras la violencia, los jóvenes vuelven a sus hábitos anteriores y los viejos reanudan las partidas de truco. Sólo Vidal ha cambiado, pero se trata de un caso singular.”<sup>278</sup> De fato, apenas em *don Isidro* constata-se alterações provocadas pelos episódios da *guerra al cerdo*. Entretanto, acredita-se que, no caso dos *muchachos*, “todo sigue igual que antes” não porque o grupo de amigos em nada tenha mudado, mas porque a retomada da rotina e a persistência em tomar parte da vida coletiva – exemplificada pela ocupação de bancos na *Plaza Las Heras* – consistem em demonstrações de força, em maneiras de não sucumbir ao trauma experimentado.

Concomitantemente à resistência demonstrada nas atitudes do grupo de amigos, verifica-se a incrustação de suas condições de vítimas, qualificada pela ausência de diálogos acerca do trauma vivido. Ao fim da narrativa, a conduta dos *muchachos* revela semelhanças em relação ao processo examinado por Nicolas Abraham e Maria Torok, relativo à fase de silenciamento que costuma ocorrer após um evento traumático. Durante tal fase, percebe-se, segundo Abraham e Torok, uma “decantação topográfica – em termos de psique – das recordações, que são como que enterradas vivas”, resultando na constituição de uma “memória encriptada”.<sup>279</sup> Em face do silenciamento dos demais, fica confiada ao autor do diário a tarefa de impedir, por meio da escrita, que o trauma caia no esquecimento.

<sup>277</sup> BORNHEIM. O conceito de tradição, p. 20.

<sup>278</sup> NAVASCUÉS. *El esperpento controlado*. La narrativa de Adolfo Bioy Casares, p. 76. “Ao concluir o romance, tudo segue como era antes. Após a violência, os jovens voltam a seus hábitos anteriores e os velhos retomam as partidas de truco. Só Vidal mudou, mas se trata de um caso singular.” (*tradução nossa*)

<sup>279</sup> ABRAHAM; TOROK *apud* SELIGMANN-SILVA. Literatura e trauma: um novo paradigma, p. 69.

## Considerações finais

Às últimas páginas deste estudo, retoma-se a inquietação de Helena, protagonista da obra infantil *Bem do seu tamanho*, acerca de sua justa medida. Ao expressar a indagação “– Espelho meu, espelho meu, que tamanho tenho eu?”<sup>280</sup>, a menina se coloca, sem que o saiba, como voz representativa da angústia quanto à impossibilidade de uma precisa correspondência entre subjetividades e rótulos pertinentes a exatos estágios da vida. Em circunstâncias distintas e experimentando o processo de envelhecimento, *don* Isidro ratifica, em *Diario de la guerra del cerdo*, o caráter fugidio das respostas que se poderiam apresentar à pergunta de Helena. Ao longo da narrativa casareana, Isidoro Vidal perambula pelos territórios da vida adulta e da velhice por meio de comportamentos, meditações e enunciados, e, também, a partir de juízos postos pelo olhar do outro, que ora o qualifica como jovem – como no caso de conversação entabulada pelo protagonista com Nélida, Antonia e o sobrinho de Bogliolo<sup>281</sup> –, ora o toma por velho. Ao desfecho da obra, *don* Isidro não apenas reafirma a conduta oscilante como nesta se embrenha, colocando-se além de designações estanques a propósito de sua idade e transitando entre a mocidade de Nélida e a velhice dos *muchachos*.

No intuito de promover uma análise que não se restringisse a considerações sobre a senescência no enredo de *Diario de la guerra del cerdo*, procurou-se sublinhar a presença do tema do insulamento ao longo daquela narrativa por meio do acompanhamento das trajetórias física e anímica experimentadas por Isidoro Vidal ao longo dos dias de animosidade dirigida aos idosos. O ápice da insularidade vivida pela personagem foi identificado no episódio da morte de seu filho, momento que, guardadas as devidas diferenças, perfilou-se à denominada *Bodenlosigkeit* constante das reflexões teóricas de Vilém Flusser<sup>282</sup>. Aquela perda implicou a assunção de um modo de agir em que o protagonista mantém contato com os antigos afetos, mas não se ancora na segurança dessas relações. Vidal faz do trânsito, então, sua nova morada.

---

<sup>280</sup> MACHADO. *Bem do seu tamanho*, p. 6.

<sup>281</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, pp. 31-2. “[...] El señor Vidal es un espíritu joven. [...] No solamente joven de espíritu –dijo Nélida con algún énfasis–. El señor está en la flor de la edad.” Na tradução publicada pela Cosac Naify em 2010, “[...] O senhor Vidal tem um espírito jovem. [...] Não somente jovem de espírito – disse Nélida com alguma ênfase. – O senhor está na flor da idade.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, pp. 27-8.

<sup>282</sup> FLUSSER. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*.

Desse modo, *don* Isidro experimenta uma condição insular que é desencadeada pela situação fronteira em que se encontra, porquanto caminha – ou é levado a caminhar – entre vida adulta e senescência. Além disso, a hostilidade manifestada pelos *Jóvenes Turcos* motiva aquela personagem a voltar-se a si mesma durante processos de rememoração em que representações da velhice vêm à superfície da memória – como no caso do cão Vigilante e do vizinho idoso que empunhava uma faca para perseguir uma moradora do inquilinato – e, ainda, nos momentos em que o protagonista medita sobre seus receios sem compartilhá-los com os amigos. A insularidade do protagonista encontra sua culminância, reafirme-se, na experiência do luto.

Os estados insulares dos *muchachos* foram pareados, por sua vez, ao “ilhamento” a que se refere Osman Lins em investigação voltada aos textos literários do escritor brasileiro Lima Barreto<sup>283</sup>. Aqueles amigos vivenciam a experiência do insulamento ao estabelecerem vários diálogos entre si, sem, contudo, conseguirem reagir e, ainda que parcialmente, mudar o curso dos eventos que poderiam vitimá-los. Nesse sentido, embora aquelas personagens estejam em companhia umas das outras, encontram-se imersas em uma ambiência de “incomunicabilidade” – termo utilizado por Lins, conforme exposto durante o estudo – que os torna impotentes, até mesmo, para dar um salto no plano discursivo. Percebe-se, conseqüentemente, que os *muchachos* se apresentam inaptos para se deslocarem das meras divagações à construção de hipóteses robustas ou mesmo à elaboração de teses acerca das causas da *guerra al cerdo* e de estratégias eficazes de defesa.

Dentre os textos críticos apresentados no primeiro capítulo deste estudo, os quais subsidiaram o desenvolvimento de uma justificativa tendente a demonstrar a relevância de uma investigação que associasse a velhice ao insulamento na análise de *Diario de la guerra del cerdo*, sobrelevou-se o ensaio *Elena Garro y Adolfo Bioy Casares: dos islas en fuga*, de Javier de Navascués. Com efeito, entre os textos levantados no Brasil e, em maior medida, na Argentina, por ocasião de pesquisa feita junto à Faculdade de Letras da Universidade de Buenos Aires e ao Instituto de Literatura Argentina, tal texto crítico foi o único em que se pôde verificar um tratamento mais vigoroso e sistematizado do tema do insulamento em narrativas de Adolfo Bioy Casares. Levou-se em consideração o fato de que aquele ensaio, focado em contos casareanos, não tratou da questão do insulamento constante do enredo de *Diario de la guerra del cerdo*, o que, consoante exposto na Introdução, acabou por constituir um fator de estímulo à delimitação da abordagem adotada na presente dissertação.

---

<sup>283</sup> LINS. *Lima Barreto e o espaço romanesco*.

Segundo o precitado ensaio de Javier de Navascués, é possível identificar, em contos de Adolfo Bioy Casares, a presença de personagens que, diante de eventos desencadeadores de situações de insulamento, veem-se imersas em processos de elucidação de suas próprias identidades. Afirmou-se, ao início desta dissertação, que o insulamento seria aqui estudado sob viés distinto daquele proposto por Navascués, afastando-se, nessa linha de raciocínio, a interpretação de que o enredo de *Diario de la guerra del cerdo* pudesse desvelar, por meio da figura de seu protagonista, a experiência apaziguadora do autoconhecimento.

Com efeito, constatou-se que as vivências por que passa *don* Isidro o conduzem a um caminho oposto em relação ao que foi percebido por Navascués a propósito da leitura de contos casareanos, visto que o insulamento de Isidoro Vidal, longe de levá-lo à compreensão de si, remetem a personagem a um estado de inquietação que se expressa na condição de errante por aquele assumida ao final do romance analisado. Abortando a expectativa de um enraizamento – que havia sido sinalizada pela possibilidade de o protagonista compartilhar um lar com a jovem Nélide –, *don* Isidro acaba por se constituir como um homem-ilha: em seu entorno, verifica-se a presença da mesma cidade, dos mesmos amigos e do mesmo enlace amoroso estabelecido durante a *guerra al cerdo*. Contudo, o trânsito adotado pelo sujeito apresenta-se como indicador de que as referências outrora constituídas ao seu redor foram seriamente abaladas pela dolorosa experiência da perda de seu filho. Dessa forma, a composição do homem-ilha se dá, sobretudo, com a superveniência de um evento traumático. Embora não se desloque rumo a um isolamento físico, Vidal passa a lidar de maneira fluida e, até mesmo, fugidia, com aqueles que lhe são próximos e com a cidade que, certa manhã, havia lhe parecido tão bonita.<sup>284</sup>

Convém acrescentar que, durante a análise dos temas da velhice e do insulamento em *Diario de la guerra del cerdo*, foi possível identificar uma variável utilizada por Adolfo Bioy Casares de maneira significativa no processo de estruturação da narrativa romanesca. Trata-se da indeterminação, aspecto que perpassa as seguintes discussões apresentadas ao longo deste estudo: a impossibilidade de demarcação precisa das etapas da vida; a situação pendular de *don* Isidro, cujos comportamentos e meditações flutuam entre as condições de vítima e algoz; a caracterização de Isidorito, que, em importante medida,

---

<sup>284</sup> CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 20. “[...] en voz alta se preguntó qué tenía esa mañana la ciudad, porque parecía más linda y más alegre.” Na tradução publicada pela Cosac Naify em 2010, “[...] perguntou-se em voz alta o que tinha a cidade naquela manhã, que parecia mais bela e mais alegre.” Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 16.

apresenta-se turva aos olhos do leitor; a imprecisão quanto ao estatuto do narrador; o tom vago que se faz predominar nas conversas mantidas entre os *muchachos*; a obscuridade dos motivos da *guerra al cerdo*; o opaco delineamento da face inimiga e, ainda, o estado de errância assumido pelo protagonista. Justamente ao enredar esses vários elementos em uma atmosfera de nebulosidade, o autor constrói a tensão verificada ao longo do romance.

Tendo-se realçado neste estudo que o insulamento, tanto quanto a velhice, consiste em tema de relevo na composição de *Diario de la guerra del cerdo*, espera-se contribuir para um realinhamento do romance no contexto das interpretações dedicadas à obra de Adolfo Bioy Casares como um todo. Procurou-se, nestas linhas, ofertar uma perspectiva diversa de leituras que restringem o conteúdo da narrativa analisada à problematização de um conflito geracional e que, por isso, apartam aquele romance das investigações voltadas a outros textos casareanos. Espera-se, com isso, incentivar futuras análises que considerem *Diario de la guerra del cerdo* de maneira associada aos romances e contos de Adolfo Bioy Casares nos quais o insulamento se faz perceber de maneira mais evidente, como nos casos de *A invenção de Morel* e *Plano de evasão*. Se a ilha, espaço físico, aparece de maneira óbvia nesses dois romances, os estados insulares não se fazem menos intensos, ainda que metafóricos, no texto literário ora estudado.

Finalmente, vale acrescentar que o exame detido de *Diario de la guerra del cerdo* apresentou-se como fundamental estímulo à continuidade dos estudos sobre a questão do insulamento na escrita criativa de Adolfo Bioy Casares. Concomitantemente à elaboração desta dissertação, procedeu-se ao desenvolvimento de uma nova proposta de pesquisa, que se encontra em curso e consiste em aprofundamento da análise do insulamento nos termos aqui apresentados, isto é, adotando-se a perspectiva de que as condições insulares na obra casareana podem ser aproximadas da *Bodenlosigkeit* de Vilém Flusser e do ilhamento analisado por Osman Lins. A pesquisa já iniciada envolverá o exame das modulações do insulamento tanto nos contos quanto nos demais romances casareanos. Tem-se em *Diario de la guerra del cerdo*, portanto, importante marco inicial de uma trajetória investigativa dedicada aos escritos de Adolfo Bioy Casares.

## Referências

ALBERDI, Juan Bautista. *Las Bases*. Bases y puntos de partida para la organización política de la República de Argentina. Edição original: 1852. Edição eletrônica: 2008. Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/bases-y-puntos-de-partida-para-la-organizacion-politica-de-la-republica-argentina--0/html/ff3a8800-82b1-11df-acc7-002185ce6064\\_8.html#I\\_2\\_](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/bases-y-puntos-de-partida-para-la-organizacion-politica-de-la-republica-argentina--0/html/ff3a8800-82b1-11df-acc7-002185ce6064_8.html#I_2_)>. Acesso em: 25 nov 2012.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Introdução crítica de J. A. Guilhon Albuquerque. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANDRADE, Mário de. Oswald de Andrade: Pau Brasil, Sans Pareil, Paris, 1925. In: ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. Obras completas. 2. ed. São Paulo: Globo, 2003.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

\_\_\_\_\_. *O Homem diante da morte*. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520: Informação e documentação: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2002.

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Juventude e Velhice: Mimnermo. *Kléos. Revista de Filosofia Antiga*. n. 2/3. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998/1999.

AUSTEN, Jane. *Pride and prejudice*. Complete and unabridged. Il. Hugh Thomson. Afterword by Henry Hitchings. London: Collector's Library, 2003.

AZEVEDO, Sebastião Laércio de. *Dicionário de nomes de pessoas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BARRERA, Trinidad. Adolfo Bioy Casares, la aventura de vivir. In: *Revista Iberoamericana*. v. 58. n. 159. abr.-jun. Pittsburgh, 1992.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: *O óbvio e o obtuso*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. A realidade incômoda. vol. I. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difel, 1970.

BECKETT, Samuel. *Proust*. Trad. Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BECKMAN-LONG, Brenda. The Stone Angel as a Feminine Confessional Novel. In: RIEGEL, Christian. *Challenging territory: the writing of Margaret Laurence*. Alberta: The University of Alberta Press, 1997.

BERNARDO, Gustavo. Do pensamento como dúvida. In: BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. N.T. *Efésios*. Edição Almeida corrigida e revisada. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB), 2007. Disponível em: <<http://siriarah.wordpress.com>>. Acesso em: 01 ago 2012.

BONAVIDES, Paulo. *Ciência Política*. 10. ed. rev. atual. São Paulo: Malheiros, 2000. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 05 set 2012.

BORGES, Jorge Luis. Prólogo. In: CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BORNHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. In: BORNHEIM, Gerd A. *et al. Cultura Brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Funarte, 1987.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal). 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CALVINO, Italo. Lembrança de uma Batalha. In: CALVINO, Italo. *O caminho de San Giovanni*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CÂMARA, Alexandre Freitas. *Lições de direito processual civil*. 12 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

CAMURATI, Mireya. *Bioy Casares y el alegre trabajo de la inteligencia*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1990.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960. O peso de uma herança. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. vol. 17. n. 2. pp. 93-107. nov. São Paulo, 2005.

CARPEAUX, Otto Maria. O mundo de Morel. In: CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas. Através do Espelho*. Ed. comentada. Introd. e notas de Martin Gardner. Il. originais John Tenniel. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CASARES, Adolfo Bioy. *La nueva tormenta o la vida múltiple de Juan Ruteno*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1935.

\_\_\_\_\_. *Guirnalda con amores*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1959.

\_\_\_\_\_. *La otra aventura*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1968.

\_\_\_\_\_. *El sueño de los héroes*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1969.

- \_\_\_\_\_. *Memoria sobre la pampa y los gauchos*. Buenos Aires: Editorial Sur, 1970.
- \_\_\_\_\_. *La trama celeste*. Buenos Aires: Editorial Sur, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Historia prodigiosa*. Buenos Aires: Editorial Sur, 1970. México: Obregón, S.A, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Historias de amor*. Buenos Aires: Emecé, 1972.
- \_\_\_\_\_. *El héroe de las mujeres*. Buenos Aires: Emecé, 1978.
- \_\_\_\_\_. *La aventura de un fotógrafo en La Plata*. Buenos Aires: Emecé, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Historias desafortunadas*. Buenos Aires: Emecé, 1986.
- \_\_\_\_\_. A quien debo la literatura. *Cuadernos Hispanoamericanos*. n. 495. set. Madrid, 1991. p. 7-9.
- \_\_\_\_\_. *Una muñeca rusa; El lado de la sombra*. Barcelona: Tusquets Editores, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Máscaras venecianas; La sierva ajena*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Memorias*. Barcelona: Tusquets Editores, 1994.
- \_\_\_\_\_. *De jardines ajenos*. 6ª edición ampliada y corregida. Buenos Aires: Temas, 1999.
- \_\_\_\_\_. *El gran serafín*. Buenos Aires: Emecé, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Plan de evasión*. 6ª impresión. Buenos Aires: Emecé, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Diario de la guerra del cerdo*. Buenos Aires: Emecé, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Diccionario del argentino exquisito*. Buenos Aires: Emecé, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A invenção de Morel*. Trad. Samuel T. Júnior. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Histórias fantásticas*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O sonho dos herois*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Un campeón desparejo*. Buenos Aires: Emecé, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Una magia modesta*. Buenos Aires: Emecé, 2009.
- \_\_\_\_\_. *De las cosas maravillosas*. Buenos Aires: Emecé, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Diário da guerra do porco*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

\_\_\_\_\_. *Dormir al sol*. 2. ed. Buenos Aires: Emecé, 2011.

\_\_\_\_\_. *De un mundo a otro*. Buenos Aires: Emecé, 2011.

CEI, Vítor. Tio Man' Antônio, um *Bodenlos*: Vilém Flusser leitor das estórias de Guimarães Rosa. *Anais do VI Seminário de Literatura Brasileira*. Minas e o Modernismo: Memórias, Subjetividades e Ruínas. Unimontes, 2012.

CÍCERO. *Da velhice e da amizade*. Introdução, comentários, notas e tradução direta do Latim por Tassilo Orpheý Spalding. São Paulo: Cultrix, 1964.

COELHO, Haydée Ribeiro. O estranho, o estranhamento e o estrangeiro em Monique Proulx e Clarice Lispector. *Caligrama. Revista de estudos românicos*. pp. 171-186. vol. 9. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

CORREA, Mariele Rodrigues. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CURIA, Beatriz. *La concepción del cuento en Adolfo Bioy Casares*. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 1986.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Coleção Clássicos de Aventura. Trad. Domingos Demasi. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

DELEUZE, Gilles. Causas e razões das ilhas desertas. Manuscrito dos anos 50. Trad. Luiz B. L. Orlandi. In: DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. Textos e entrevistas (1953-1974). Ed. preparada por D. Lapoujade. Trad. brasileira. Ed. Iluminuras, 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/ilha.prm.pdf>> Acesso em: 06 set 2012.

FLUSSER, Vilém. Da ficção. *Matraga*. Programa de Pós-Graduação em Letras. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga13/matraga13flusser.pdf>> Acesso em: 06 set 2012.

\_\_\_\_\_. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. Rev. técnica Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. *Língua e realidade*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I*. A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Coleção Vega Universidade. Lisboa: Vega, 1995.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Trad. Sílvio Augusto de Bastos Meira. São Paulo: Editora Três, 1974.

GÓMEZ-MARTINÉZ, José Luis. *Teoría del ensayo*. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1980.

HOUAISS Eletrônico. Versão monousuário 3.0. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva, junho de 2009.

IMBERT, Enrique Anderson. *Nuevos estudios sobre letras hispanas*. Colección La Comunicación Verbal: Investigaciones Lingüísticas, Semiológicas y Pedagógicas. Buenos Aires: Kapelusz, 1986.

JITRIK, Noé. *Panorama histórico de la literatura argentina*. Claves del Bicentenario. Buenos Aires: El Ateneo, 2009.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. O diabo irônico de Flusser. *Revista Digital Trópico*. vol. 1. São Paulo, 2005.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LÓPEZ, Sergio. *Palabra de Bioy*. Conversaciones con Sergio López. Buenos Aires: Emecé, 2000.

LAURENCE, Margaret. *The Stone Angel*. Toronto: New Canadian Library, 1988.

LEJEUNE, Phillippe. *O Pacto Autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MAC ADAM, Alfred J. Adolfo Bioy Casares: The Lying Compass. In: MAC ADAM, Alfred J. *Modern Latin American Narratives: The Dreams of Reason*. The University of Chicago Press, 1977.

MACHADO, Roberto. Introdução. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT. *Microfísica do poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MACHADO, Ana Maria. *Bem do seu tamanho*. Il. Gerson Conforto. 8. ed. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1986.

MACHADO, Irene A. A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin. *Revista USP*. Seção Livros. n. 5. pp. 135-42. mar.-mai., 1990.

MALLOY, Letícia. Narrativas do trauma e da memória: reflexões sobre “Carta a Vicki” e “Carta a meus amigos”, de Rodolfo Walsh. In: *Literatura e Autoritarismo*. Dossiê Imagem e Memória. v. 6. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012. Disponível em: < [http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie06/RevLitAut\\_art08.pdf](http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie06/RevLitAut_art08.pdf)> Acesso em: 31 out 2012.

MARTINS, Cláudia Santana. Vilém Flusser: a dimensão crítica e dialógica da tradução. *Tradução & Comunicação*. Revista Brasileira de Tradutores. n. 21. São Paulo: USP, 2010.

MATAMORO, Blas. *Oligarquía y literatura*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1975.

MEIRELES, Cecília. *Viagem & Vaga Música*. Apresentação Marisa Lajolo. 1. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NAVASCUÉS, Javier de. *El esperpento controlado*. La narrativa de Adolfo Bioy Casares. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 1995.

\_\_\_\_\_. Elena Garro y Adolfo Bioy Casares: dos islas en fuga. In: BAY, Carmen Alemany; MATAIX, Remedios; ROVIRA, José Carlos (ed.). *La isla posible*. III Congreso de la Asociación Española de Estudios Literarios Hispanoamericanos. Alicante, 1998.

MONTAIGNE, Michel de. Sobre o arrependimento. In: MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Uma seleção. Org. M. A. Screech. Trad. e notas de Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

POWER, Samantha. *Genocídio: a retórica americana em questão*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

RUIZ, Bernardo. *Los mitos y los dioses: Adolfo Bioy Casares y sus temas fundamentales*. Acompañado de la Correspondencia entre Adolfo Bioy Casares y Alfonso Reyes del Archivo de la Capilla Alfonsina. México, D.F., nov. 1974.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Além da Idade da Razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma: um novo paradigma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença*. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. Um judeu que militou contra as pátrias: Vilém Flusser e as marcas do exílio. *Revista 18*. Centro da Cultura Judaica. Vilém Flusser. Dossiê especial. Ano V. n. 20. jun. jul. ago. São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. vol.20. n.1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC-Rio, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>. Acesso em: 22 jun 2012.

\_\_\_\_\_. De Flusser a Benjamin – do pós-aurático às imagens técnicas. *Flusser Studies*. n. 08. 2009. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/pag/08/seligmann-flusser-benjamin.pdf>> Acesso em: 06 set 2012.

SHAKESPEARE, William. *The Tragedy of King Lear*. Pennsylvania State University, 1997.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SORRENTINO, Fernando. *Siete conversaciones con Adolfo Bioy Casares*. Buenos Aires: Losada, 2007.

SPINELLI, Daniela. Reflexões sobre memória, esquecimento e recalque do genocídio armênio. *Interdisciplinar. Revista de Estudos em Língua e Literatura*. vol. 13. Itabaiana: Universidade Federal de Sergipe, 2011. Disponível em: <[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_13/INTER13.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_13/INTER13.pdf)>. Acesso em: 22 jun 2012.

TORRE, Melissa Cobra. *Viagem, identidade e memória textual em Antonio Tabucchi*. 16/04/2012. 125 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Manuscrito.

ULLA, Noemí. *Aventuras de la imaginación*. De la vida y los libros de Adolfo Bioy Casares. Conversaciones de Adolfo Bioy Casares con Noemí Ulla. Buenos Aires: Corregidor, 1990.

\_\_\_\_\_. *De las orillas del Plata*. Cuadernos de ensayo. 1. ed. Buenos Aires: Simurg, 2005.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Manuel Odorico Mendes. Clássicos Jackson, vol. III. Versão para eBook <[eBooksBrasil.com](http://eBooksBrasil.com)>. Digitalização confrontada com a edição de 1854. Disponível em rtf no “Projeto Odorico Mendes”: <[www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes](http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes)>. 2005. Acesso em: 21 jun 2012.